



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR  
Artes e Letras

**A importância da Biblioteca Municipal no  
desenvolvimento cultural da Cidade da Covilhã:  
período do Estado Novo 1933-1974**

**Margarida Costa Caetano Ribeiro**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em  
**Ciências Documentais**  
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Professora Doutora Reina Marisol Troca Pereira

**Covilhã, junho de 2012**

Aos meus filhos Filipe e Francisca

# AGRADECIMENTOS

A realização da presente dissertação de mestrado tornou-se possível devido à contribuição, direta ou indireta, de um conjunto pessoas e entidades, às quais pretendo expressar a minha gratidão, consciente de que possa cometer algum erro de omissão. Assim, quero expressamente agradecer:

Em primeiro lugar agradeço à minha orientadora, Professora Doutora Reina Marisol Troca Pereira, pela dedicação, empenho, disponibilidade e orientação preciosa que me concedeu ao longo desta Dissertação de Mestrado.

Aos funcionários do Arquivo Municipal da Covilhã e da Biblioteca Municipal da Covilhã pela preciosa colaboração na recolha dos dados.

À funcionária da Câmara Municipal da Covilhã, D. Fernanda Carrilho, pela sua preciosa colaboração na investigação deste trabalho.

À Doutora Ana Saraiva pela prontidão com que sempre atendeu às minhas solicitações.

Ao meu colega de trabalho, Mestre António Gil, pelo apoio e colaboração.

Ao meu chefe, Engenheiro Leopoldo Soares Santos, pelo seu apoio e incentivo ao longo de todo o meu percurso académico.

À minha grande amiga, Engenheira Cláudia Carvalho, pela disponibilidade e apoio na análise estatística dos dados.

Por último, mas perto do coração, um agradecimento muito especial ao meu marido e aos meus filhos pelo tempo que lhes retirei da minha companhia, mas principalmente pela força que sempre me deram em todas as situações.

A todos *BEM HAJAM!*

## Resumo

O objetivo deste trabalho é mostrar o quanto a Biblioteca Municipal da Covilhã influenciou a cultura dos habitantes da cidade da Covilhã, nomeadamente no período do Estado Novo, tendo em consideração o facto de se tratar de uma cidade operária, onde predominava maioritariamente a indústria de lanifícios.

Este estudo inicia-se com uma contextualização sobre a cidade da Covilhã recorrendo aos escritos e acervo particular do património do Arquivo Municipal e da Câmara Municipal da Covilhã.

Seguidamente, será analisado o regime do Estado Novo e a sua influência geracional nas diferentes classes sociais desta cidade.

Por fim, será demonstrada, através de um estudo comparativo, a afluência à Biblioteca Municipal da Covilhã, de acordo com os registos anuais encontrados, destacando-se a frequência de leitores por profissões e volumes consultados nos períodos diurno e noturno.

## Palavras-chave

Covilhã, Biblioteca Municipal da Covilhã, Estado Novo, leitores, volumes consultados, cultura.

# ABSTRACT

The aim of the investigation is to show how the Municipal Library of Covilhã influenced the culture of the inhabitants of this city, particularly during the Period of Estado Novo, taking account to the fact that it is a working city, mostly dominated by wool industry.

In order to develop those considerations, the study began with a contextualization of Covilhã city, by using the specific collection of writings and resources of the Municipal Archive and of the Municipality.

Subsequently it was analyzed the generational influence of Estado Novo Regime to the different social classes of this city.

Lastly, we try to demonstrate, through a comparative study, the influx to the Municipal Library of Covilhã according to the annual records, highlighting the frequency of readers, by their professions and volumes consulted during day and night periods.

## Keywords

Covilhã, Municipal Library, Estado Novo, users, readers, consulted volumes, culture.

# Índice

Agradecimentos .....	iii
Resumo .....	iv
Abstract.....	v
Índice .....	vi
Lista de documentos .....	viii
Lista de Tabelas.....	ix
Lista de Esquemas .....	x
Lista de Gráficos .....	xi
Lista de Anexos.....	xii
Introdução.....	1
CAPÍTULO I - Covilhã e sua História .....	2
1.1 Situação geográfica .....	2
1.2 A cidade da Covilhã.....	3
1.3 Breves considerações históricas .....	4
1.4 Figuras ilustres.....	9
1.5 A evolução da Biblioteca Municipal da Covilhã .....	11
1.6 Outras bibliotecas no concelho da Covilhã .....	15
CAPÍTULO II - O regime do Estado Novo e a sua influência cultural (1933-1974).....	18
2.1 O Estado Novo em Portugal - Considerações gerais .....	18
2.2 Valores no Estado Novo .....	20
2.3 Censura .....	22
2.4 Livros proibidos.....	25
2.5 A polícia política .....	31
2.6 Outros instrumentos de controlo .....	32
2.7 Evolução demográfica .....	33
2.8 A vida no Estado Novo.....	35
2.9 Ócio e tempos livres dos Covilhanenses.....	36
CAPÍTULO III - A Biblioteca Municipal da Covilhã e o desenvolvimento cultural da população residente na cidade da Covilhã.....	41
3.1 A cultura .....	41
3.2 A Biblioteca Municipal da Covilhã no período do Estado Novo .....	42
3.3 A Biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian .....	48
3.4 Regulamento da Biblioteca Municipal da Covilhã em 1954 .....	49
3.5 Obra mais procurada e lida no início do Estado Novo - período de 1932 a 1947.....	50
3.6 Horário da Biblioteca .....	51

3.7 Estudo comparativo de frequência e consulta de volumes no período compreendido entre 1932 e 1947.....	52
3.8 Estudo comparativo de frequência e consulta de volumes no período compreendido entre 1953 e 1974.....	56
Conclusões .....	74
Bibliografia.....	76
Webgrafia .....	79
Anexos .....	80

## Lista de Documentos

Documento n.º 1 - Decreto de 20 de outubro de 1870 da elevação da Covilhã a cidade .....	7
Documento n.º 2 - Cópia da ata da reunião de Câmara Municipal realizada a 8 de maio de 1978 a fixar o feriado municipal no dia 20 de outubro .....	8
Documento n.º 3 - Carimbo da Biblioteca Heitor Pinto .....	12
Documento n.º 4 - Ficha de catalogação individual .....	45
Documento n.º 5 - Ficha de catalogação individual .....	45
Documento n.º 6 - Ficha de catalogação individual .....	46
Documento n.º 7 - Mapa estatístico anual.....	52
Documento n.º 8 - Mapa estatístico anual.....	53
Documento n.º 9 - Mapa de frequência de leitores por profissões e volumes consultados .....	59

## Lista de Tabelas

Tabela n.º 1 - Registo de leitores e volumes consultados .....	53
Tabela n.º 2 - Registo de frequência de leitores por profissões .....	57
Tabela n.º 3 - Registo de volumes consultados por profissões .....	58

# Lista de Esquemas

Esquema n.º 1 - Valores dominantes no Estado Novo .....	21
---	----

## Lista de Gráficos

Gráfico n.º 1 - Variação do número de leitores de 1932 a 1947 .....	54
Gráfico n.º 2 - Variação do número de leitores de 1932 a 1947 (%).....	55
Gráfico n.º 3 - Distribuição da frequência de leitores pelas secções do catálogo no período entre 1932 a 1947.....	55
Gráfico n.º 4 - Distribuição do número total de leitores por categorias (de 1953 a 1974).....	60
Gráfico n.º 5 - Valor médio anual de leitores referente aos anos de 1953 a 1974 .....	60
Gráfico n.º 6 - Valor médio anual de volumes referente aos anos de 1953 a 1974.....	61
Gráfico n.º 7 - Variação da taxa anual de leitores da biblioteca - dia/noite (%) .....	62
Gráfico n.º 8 - Número de leitores no ano de 1953 .....	62
Gráfico n.º 9 - Número de volumes consultados no ano de 1953 .....	63
Gráfico n.º 10 - Ano de 1953 .....	63
Gráfico n.º 11 - Número de leitores no ano de 1966.....	64
Gráfico n.º 12 - Número de volumes consultados no ano de 1966 .....	64
Gráfico n.º 13 - Ano de 1966 .....	65
Gráfico n.º 14 - Distribuição do número de leitores entre 1953 e 1974.....	65
Gráfico n.º 15 - Número de leitores no ano de 1955.....	66
Gráfico n.º 16 - Número de volumes consultados no ano de 1955 .....	66
Gráfico n.º 17 - Número de leitores no ano de 1971.....	67
Gráfico n.º 18 - Número de volumes consultados no ano de 1971 .....	67
Gráfico n.º 19 - Operários .....	68
Gráfico n.º 20 - Empregados do comércio e indústria .....	69
Gráfico n.º 21 - Profissões liberais .....	69
Gráfico n.º 22 - Comerciantes e industriais .....	70
Gráfico n.º 23 - Estudantes.....	70
Gráfico n.º 24 - Militares .....	71
Gráfico n.º 25 - Funcionários .....	71
Gráfico n.º 26 - Outras profissões.....	72
Gráfico n.º 27 - Variação do número de leitores entre 1955 e 1974.....	73

## Lista de Anexos

<b>Anexo I</b> - Foral da vila da Covilhã concedido por D. Sancho I em 1186 .....	81
<b>Anexo II</b> - Foral da Covilhã, concedido por D. Manuel em 1506 .....	82
<b>Anexo III</b> - Imagens das antigas instalações da Biblioteca Municipal da Covilhã .....	83
<b>Anexo IV</b> - Imagens da atual Biblioteca Municipal da Covilhã .....	85
<b>Anexo V</b> - Imagem da construção da Biblioteca Municipal da Covilhã .....	88
<b>Anexo VI</b> - Questionário de recolha de dados estatísticos dos anos de 2010 e 2011 .....	89
<b>Anexo VII</b> - Relatório n.º 5.281 .....	93
<b>Anexo VIII</b> - Relatório n.º 8.590 .....	94
<b>Anexo IX</b> - Relatório n.º 7.682 .....	95
<b>Anexo x</b> - Relatório n.º 6.497 .....	96
<b>Anexo XI</b> - Mapa estatístico anual dos benfeitores em 1931 .....	97
<b>Anexo XII</b> - Mapa estatístico anual de 31 de dezembro de 1931 .....	98
<b>Anexo XIII</b> - Informação n.º 434, da Biblioteca Municipal da Covilhã, datada de 03 de fevereiro de 1932 .....	99
<b>Anexo XIV</b> - Mapa estatístico anual de 31 de dezembro de 1932 .....	100
<b>Anexo XV</b> - Informação n.º 147, da Biblioteca Municipal da Covilhã, datada de 01 de fevereiro de 1933 .....	101
<b>Anexo XVI</b> - Informação n.º 17/1955, da Biblioteca Municipal da Covilhã, datada de 17 de abril de 1955 - Relação de obras a adquirir para a biblioteca .....	104
<b>Anexo XVII</b> - Ofício n.º 2168, de 18 de maio de 1959, da Câmara Municipal da Covilhã .....	106
<b>Anexo XVIII</b> - Ofício n.º 1.111, datado de 2 de março, da Câmara Municipal da Covilhã .....	107
<b>Anexo XIX</b> - Lista das obras sobre indústrias têxteis .....	108
<b>Anexo XX</b> - Ofício n.º 4782, de 6 de setembro de 1969, da Câmara Municipal da Covilhã .....	109
<b>Anexo XXI</b> - Lista de jornais recebidos na Biblioteca Municipal da Covilhã .....	110
<b>Anexo XXII</b> - Informação sobre o movimento da Biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian de 15 a 30 de setembro de 1967 .....	111
<b>Anexo XXIII</b> - Informação sobre o movimento da Biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian .....	112
<b>Anexo XXIV</b> - Ofício n.º 845, de 19 de janeiro de 1967, da Câmara Municipal da Covilhã .....	113
<b>Anexo XXV</b> - Ofício n.º 2.026, de 8 de março de 1967, da Câmara Municipal da Covilhã .....	115
<b>Anexo XXVI</b> - Ofício n.º 2.776, de 11 de abril de 1967, da Câmara Municipal da Covilhã .....	117
<b>Anexo XXVII</b> - Regulamento da Biblioteca Municipal da Covilhã .....	118
<b>Anexo XXVIII</b> - Ofício n.º 1165, de 25 de fevereiro de 1972, da Câmara Municipal da Covilhã .....	119
<b>Anexo XXIX</b> - Variação do número de volumes consultados de 1932 a 1947 .....	120
<b>Anexo XXX</b> - Variação do número de volumes consultados de 1953 a 1974 .....	121

## INTRODUÇÃO

O presente estudo insere-se no plano de estudos do Mestrado em Ciências Documentais, na Universidade da Beira Interior, sob a orientação da Professora Doutora Reina Marisol Troca Pereira.

Este estudo tem como propósito refletir sobre a importância da Biblioteca Municipal da Covilhã no desenvolvimento cultural da cidade da Covilhã, nomeadamente, no período do Estado Novo.

O período denominado “Estado Novo” (1933-1974) foi sem dúvida um ciclo controverso, com muita matéria para abordar, pelo que não é intenção desta dissertação aprofundar todo o seu desenvolvimento, mas apenas a sua influência cultural.

A Covilhã, também influenciada por este regime, obteve marcas na sua vertente cultural. Sendo este um período onde o analfabetismo predominava e tendo em conta que se tratava de uma cidade voltada para os lanifícios, importa com este trabalho saber até que ponto a biblioteca contribuiu para a cultura da população residente.

Esta temática será desenvolvida em três capítulos. No primeiro será analisada a história da cidade da Covilhã recorrendo-se aos escritos e acervo particular do património do Arquivo Municipal e da Câmara Municipal da Covilhã.

Será também examinada a evolução da Biblioteca Municipal da Covilhã, desde a sua criação e de acordo com os documentos recolhidos, bem como todas as outras bibliotecas privadas da cidade, e a importância que estas detêm para a sociedade. Para melhor se perceber a importância das bibliotecas privadas será efetuado um inquérito que servirá de base ao estudo desta matéria.

No segundo capítulo observar-se-ão os valores do regime do Estado Novo, o poder da censura e a sua influência nas diferentes classes sociais desta cidade. Nesta matéria recorrer-se-á à bibliografia disponível, que será alvo de seleção, de modo a direcionar a investigação no sentido da população Covilhanense.

No terceiro capítulo, será demonstrada, através de um estudo comparativo, a afluência à Biblioteca Municipal da Covilhã, de acordo com os registos anuais encontrados no Arquivo Municipal da Covilhã, destacando-se a frequência de leitores por profissões e volumes consultados nos períodos diurno e noturno. Servirão de cooperação quadros, gráficos, tabelas e documentos ilustrativos.

# CAPITULO I - Covilhã e sua História

## 1.1 - SITUAÇÃO GEOGRÁFICA

Fixada no centro do País, a cidade da Covilhã situa-se na encosta da Serra da Estrela voltada a Nascente, possui uma área superior a 550 Km<sup>2</sup> e localiza-se a cerca de 700 metros de altitude.<sup>1</sup>

Geograficamente destaca-se pelos seus verdejantes vales característicos da Cova da Beira, ornamentados pela passagem do rio Zêzere e seus afluentes. Pereira<sup>2</sup> descreve-a em poucas palavras mas com bastante exatidão: “As respectivas paisagens apresentam os matizes mais variados: aqui, vales fundos; além, planaltos com alguma vastidão e mais adiante, montanhas majestosas, porém sempre acessíveis”.

O meio geográfico em que está inserida esta cidade, nomeadamente devido à inclusão das famosas ribeiras da Carpinteira e da Degoldra, desde muito cedo propiciou o aparecimento da manufatura de panos e conferiu-lhe a denominação de cidade dos lanifícios. Conforme referido por Silva<sup>3</sup>, “As duas citadas ribeiras cedo se povoaram de azenhas e moinhos de pão, tintes e tendas, e depois fábricas, que fariam da Covilhã o maior centro da indústria têxtil do país.”

Até ao século XII o concelho da Covilhã abrangia uma enorme extensão geográfica que englobando os atuais distritos da Guarda e Castelo Branco. Este ocupava uma dimensão que ia desde o extremo Norte da Serra da Estrela até às Portas de Rodão. Atualmente encontra-se integrado no distrito de Castelo Branco o qual é delimitado geograficamente a Norte pelo distrito da Guarda, a Sul pelo distrito de Portalegre, a Oeste pelos distritos de Santarém, Leiria e Coimbra e a Leste pelas fronteiras com Espanha. A significativa dimensão geográfica da cidade ditou a sua evolução, apresentando-se constituída por 31 freguesias. São elas: Aldeia de S. Francisco de Assis, S. Jorge da Beira, Casegas, Sobral de S. Miguel, Ourondo, Erada, Paúl, Coutada, Barco, Peso, Vales do Rio, Cortes do Meio, Unhais da Serra, Tortosendo, Dominguiso, Boidobra, Ferro, Cantar Galo, Vila do Carvalho, Teixoso, Santa Maria, S. Martinho, S. Pedro, Conceição, Peraboa, Verdelhos, Sarzedo, Orjais, Aldeia do Souto, Canhoso

---

<sup>1</sup> <http://www.cm-covilha.pt>, acesso em 14 de novembro de 2011.

<sup>2</sup> PEREIRA, António dos Santos (2009), *Portugal Adentro do Douro ao Tejo*, Universidade da Beira Interior, p. 31.

<sup>3</sup> AIRES DA SILVA, José (1996), *História da Covilhã*, Litografia Coimbra, SA, p. 5.

e Vale Formoso. Destas há a destacar que S. Martinho, Conceição, S. Pedro e Santa Maria são freguesias urbanas incluídas dentro da própria cidade.<sup>4</sup>

Segundo os dados apurados pelos Censos 2010<sup>5</sup>, a população residente (HM) na cidade da Covilhã era de 54.505 habitantes e continha 20.001 edifícios. De acordo com os resultados preliminares do Instituto Nacional de Estatística (INE) para 2011, a população residente teve um decréscimo para 51.770 habitantes ao contrário dos edifícios que aumentaram para 22.102.

## 1.2 - A CIDADE DA COVILHÃ

Cidade lendária, com história e serrana por natureza, a Covilhã é, sem dúvida, um ponto relevante do mapa de Portugal continental. Destacam-se-lhe, enquanto cidade de montanha e beirã, não só a sua beleza natural, mas também a simpatia e hospitalidade dos seus residentes. Os covilhanenses, intitulados beirões por excelência, zelam na arte de bem receber, primando pela simpatia e pelo acolhimento.

Contendo como principal atração turística a tão famosa Serra da Estrela, admirável pela sua orografia, não se pode menosprezar a parte cultural e de lazer desta cidade. A Serra da Estrela e a Cova da Beira possuem espaços de rara beleza integrando um universo de tradições e artes históricas que perduram desde a antiguidade.

Enaltecida num fado cantado por Amália Rodrigues, muitos são os adjetivos que a descrevem:

“Covilhã cidade neve  
Fiandeira alegre e contente  
És o gesto que descreve  
O passado heróico e valente

És das beiras a rainha  
O teu nome é nome de povo  
És um beiral de andorinha  
Covilhã tu és sangue novo”

(Composição: Nóbrega e Sousa/Joaquim P. Gonçalves)

Cidade com características únicas, conhecida como a terra da indústria e dos operários, é também dotada de ilustres personalidades que fizeram parte da sua história, dos quais mais adiante se falará.

---

<sup>4</sup> <http://www.cm-covilha.pt>, acesso em 14 de novembro de 2011.

<sup>5</sup> [http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos2011\\_apresentacao#preliminares](http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos2011_apresentacao#preliminares), acesso em 14 de novembro de 2011.

Hospitalidade, Inovação, Proximidade, Tradição e Lazer é a nova imagem desta cidade ostentada através da frase publicitária “Cidade 5 Estrelas”<sup>6</sup>, adotada pela Câmara Municipal da Covilhã em agosto de 2008.

Direcionada ao futuro contém duas zonas industriais em atividade, uma localizada na freguesia do Canhoso e outra na freguesia do Tortosendo; mantém algumas fábricas a laborar no âmbito dos lanifícios; o Parkurbis, Parque de Ciência e Tecnologia e irá contar, no 2.º semestre de 2012, com um dos maiores *Data Center* da Europa.

Ao nível da cultura, destacam-se-lhe o Museu de Arte Sacra, o Museu dos Lanifícios, o Museu do Queijo e o Museu de Arte e Cultura. Possui, desde outubro de 2011, um centro cultural denominado Casa da Cultura José Marmelo e Silva e é dotada de diversos locais destinados a exposições e *workshops*, nomeadamente a Galeria de Exposições Tinturaria, a Loja Ponto Já, a Casa dos Magistrados, o Arquivo Municipal e a Biblioteca Municipal.

### 1.3 - BREVES CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS

Com um passado longínquo que remonta aos tempos do paleolítico, não tem sido tarefa fácil para os historiadores e investigadores arqueólogos recolher testemunhos da sua passagem pela cidade.

“Ao longo de milénios, aluviões e intempéries, e guerras destruidoras, como foram as da Reconquista Cristã, fizeram desaparecer os vestígios de anteriores existências, que se supõe remontarem ao Paleolítico. A investigação arqueológica tem encontrado inúmeros achados, mas relativos sobretudo ao período românico e pré-românico, isto é, aos celtas e lusitanos”<sup>7</sup>

Quanto ao período românico e pré-românico, têm vindo a ser encontrados pela investigação arqueológica diversos achados no concelho da Covilhã que provam irrefutavelmente a sua permanência nesta zona. Destacam-se, entre outros, os restos de muralha na cidade, localizadas na Rua do Norte, nas Portas do Sol e as pontes de origem românica sobre a ribeira do Paúl e de Casegas.<sup>8</sup>

Quintela atesta e refere que existem vestígios que testemunham a estadia dos Lusitanos na Covilhã pelo ano 41 a.C.

---

<sup>6</sup> <http://www.cm-covilha.pt>, acesso em 14 de novembro de 2011.

<sup>7</sup> AIRES DA SILVA (1996), *op. cit.*, p. 5.

<sup>8</sup> *Idem*, p. 6.

“A importância da povoação, que foi colónia, é-nos atestada pelos vestígios de civilização e pelos geógrafos antigos, construções e moedas, que frequentemente se encontram nas circumvisinhanças de Covilhan.”<sup>9</sup>

Pereira vai ainda mais longe e afirma que após a invasão e conquista da Península Ibérica pelos romanos, em 41 a.C., pelo general romano Silius, foi fundada a Covilhã, então denominada *Silia Hermia*.<sup>10</sup>

Segundo Heitor Pinto<sup>11</sup>, ilustre Covilhanense e referido por Silva como um dos melhores clássicos da literatura portuguesa, esta cidade chamava-se *Conca Júlia*. Silva afirma também que outros autores defendem o nome de *Cova Júlia* tendo em conta o facto de os generais romanos darem o seu nome às regiões por onde passavam e ter sido Júlio César o general comandante das legiões romanas na Península Ibérica.

De acordo com a tradição, conta-se que o nome da Covilhã teve origem na Lenda da Cova Juliana. Após a queda do Império Romano, foi a Península Ibérica disputada pelos povos bárbaros e é então que nasce a referida lenda, também denominada de Florinda e de Rodrigo. Nasceu na Covilhã, no ano 692 a bela e formosa Florinda, filha do Conde Julião, a qual foi violada por D. Rodrigo. Conta a lenda que D. Rodrigo, o último rei godo, se apaixonou por Florinda, tendo mesmo chegado a prometer a seu pai que se casava com ela. Depois de partir para África, o Conde Julião soube que D. Rodrigo tinha faltado à promessa e é então que surge a vingança. Este provocou a invasão dos árabes na Península Hispânica, atual Península Ibérica, levando assim ao fim do reinado dos Godos e entregando-se aos Mouros.

Florinda ter-se-á refugiado nos Montes Hermínios e passou a ser apelidada pelos Mouros de Cava (mulher perdida). É então que surge o nome Cava-Juliana, sendo este a junção de Cava com Julião. De acordo com Quintela<sup>12</sup> outros autores defendem o nome Cova-lhana pelo facto de esta cidade estar localizada numa planície rodeada de serras. Outros ainda, conforme refere a página informática da Câmara Municipal da Covilhã<sup>13</sup>, defendem que foram as próprias condições geográficas da Covilhã propícias às zonas de pastagens e por consequência abrigo de gado na Serra da Estrela que lhe deram o nome Covil da Lã.

Em suma pode facilmente concluir-se que não existe consenso nesta matéria e muitos são os nomes atribuídos como origem da atual denominada Covilhã.

“Fosse qual fosse o motivo, o que é certo, é que nos monumentos escriptos, contemporâneos dos primeiros alentos da reacção christã que irradiou das Asturias, o nome de Silia Ermia desaparece para ser substituído pelo de Covilliana.”<sup>14</sup>

---

<sup>9</sup> QUINTELLA, Arthur de Moura, (1899), *Subsídios para a Monographia da Covilhan*, Oficinas Gráficas do «Jornal do Fundão», p. 14.

<sup>10</sup> PEREIRA (2009), *op. cit.*, p. 475.

<sup>11</sup> <http://www.cm-covilha.pt/simples/?f=2397>, acesso em 14/11/2011.

<sup>12</sup> QUINTELLA (1899), *op. cit.*, p. 15.

<sup>13</sup> <http://www.cm-covilha.pt/>, acesso em 04/12/2011.

<sup>14</sup> QUINTELLA (1899), *op. cit.*, p. 15.

Durante o reinado de D. Afonso III, o Grande, de 866 a 910<sup>15</sup>, a Covilhã terá sido tomada por este não havendo porém certezas quanto a batalhas e vitórias. Surge depois o comando pelos Muçulmanos que invadem o território cristão, provocando uma onda de destruição nos campos agrícolas, nas cidades e nos habitantes. Sabe-se que nesta altura foi a Covilhã invadida e fortemente destruída devido ao facto de se ter convertido num ponto de cruzamento de estradas e caminhos.

As guerras entre Mouros e Cristãos, nos séculos VII ao XII, trouxeram muitos prejuízos para a então Vila da Covilhã, tendo inclusivamente contribuído para uma acentuada redução na população.

Foi então que D. Sancho I, na tentativa de impedir o completo abandono desta vila considerando-a numa localização vantajosa e com futuro, mandou-a reconstruir e povoar em 1186. Em setembro deste mesmo ano, D. Sancho I concede-lhe a Carta de Foral<sup>16</sup>, na qual estavam consagrados grandes privilégios aos moradores, condições convidativas à fixação da população no território. A intenção do monarca era a de atrair povoadores para a região.

“O foral consistia num diploma pelo qual o rei, um príncipe ou até um Senhor concede a uma povoação uma determinada autonomia em relação ao poder central, uma personalidade jurídica, com direitos e deveres, e privilégios e isenções, atributos e impostos, regulando-se simultaneamente usos e costumes, regime de propriedade, serviço militar, competências da administração de território, etc.”<sup>17</sup>

Apesar de pertencer à coroa, em 1199, D. Sancho I doou a vila da Covilhã a Raimundo Paes como recompensa pelos serviços prestados. Saliente-se que os resultados que advieram dos privilégios da Carta de Foral foram muito satisfatórios e levaram ao progresso da vila.<sup>18</sup>

Em 1209, a vila sofreu uma invasão Moura, resultando numa onda de destruição que levou a que D. Sancho I tivesse que a tomar de novo, tendo mandado proceder à sua reconstrução no ano imediatamente a seguir.

Esta vila foi reconhecida não só pelos privilégios dos forais que contribuíram ao seu povoamento como também pelos seus antecessores.

“Não foi só em privilegios nos foraes que ficaram as demonstrações de apreço regio; diversas provisões existem redigidas em termos muito honrosos para esta terra. D. Affonso III, por provisão de 2 de Dezembro de 1253 a declarou - uma das principaes povoações da Beira, e como tal reconhecida pelos seus antecessores.”<sup>19</sup>

---

<sup>15</sup> Idem, p. 16.

<sup>16</sup> Vd. anexo I. O documento digitalizado encontra-se no Arquivo Municipal da Covilhã.

<sup>17</sup> AIRES DA SILVA (1996), *op. cit.*, p. 17.

<sup>18</sup> Idem, p. 19.

<sup>19</sup> QUINTELLA (1899), *op. cit.*, p. 20.

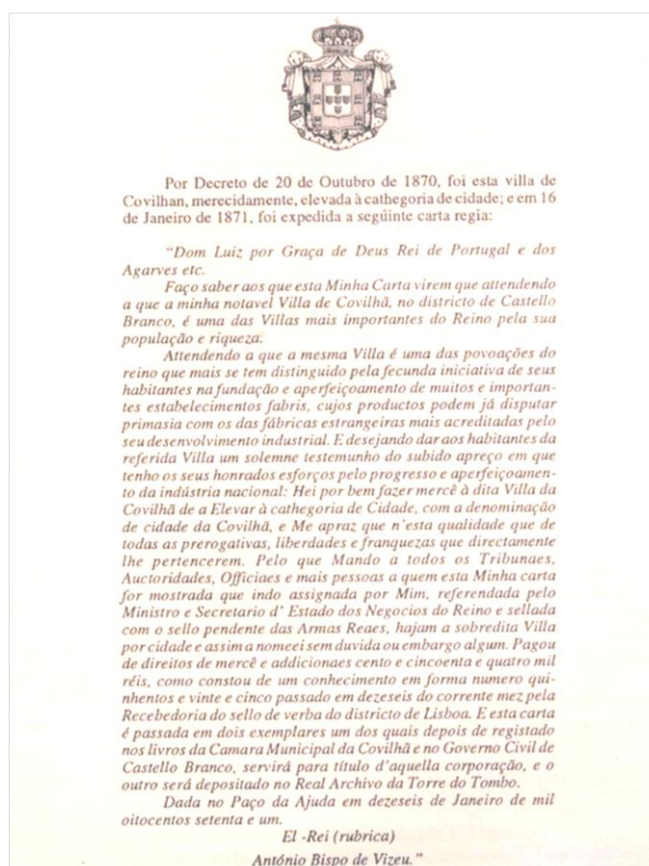
Depois da Reconquista e de ser obtida a paz com os Mouros, os habitantes da Covilhã viram-se obrigados a proceder a uma reorganização económica. A agricultura deixou de ser o único meio de subsistência e foi então que D. Afonso III instituiu uma feira anual, com a duração de oito dias, que se celebrava em agosto. Seguiu-se-lhe a então Feira de São Tiago, que decorre até aos dias hoje, concedida pelo Rei D. João I.<sup>20</sup>

De salientar que, aquelas feiras tiveram um grande contributo no desenvolvimento económico da região tendo, entretanto, sido criadas condições de segurança, não só aos feirantes, como também aos visitantes.

A 1 de junho de 1510, D. Manuel renova o antigo foral e concede um novo foral<sup>21</sup> à Covilhã reformulado e com novas determinações para o comércio e manufaturas de panos.

Segundo Quintella<sup>22</sup>, a 6 de julho de 1570, foi a vila da Covilhã elevada à categoria de vila notável por D. Sebastião tendo em conta os serviços prestados à coroa.

D. Luís I, por decreto de 20 de outubro de 1870, elevou a Covilhã a cidade, confirmando essa elevação por carta régia em 1871, conforme documento n.º 1.



Documento n.º 1

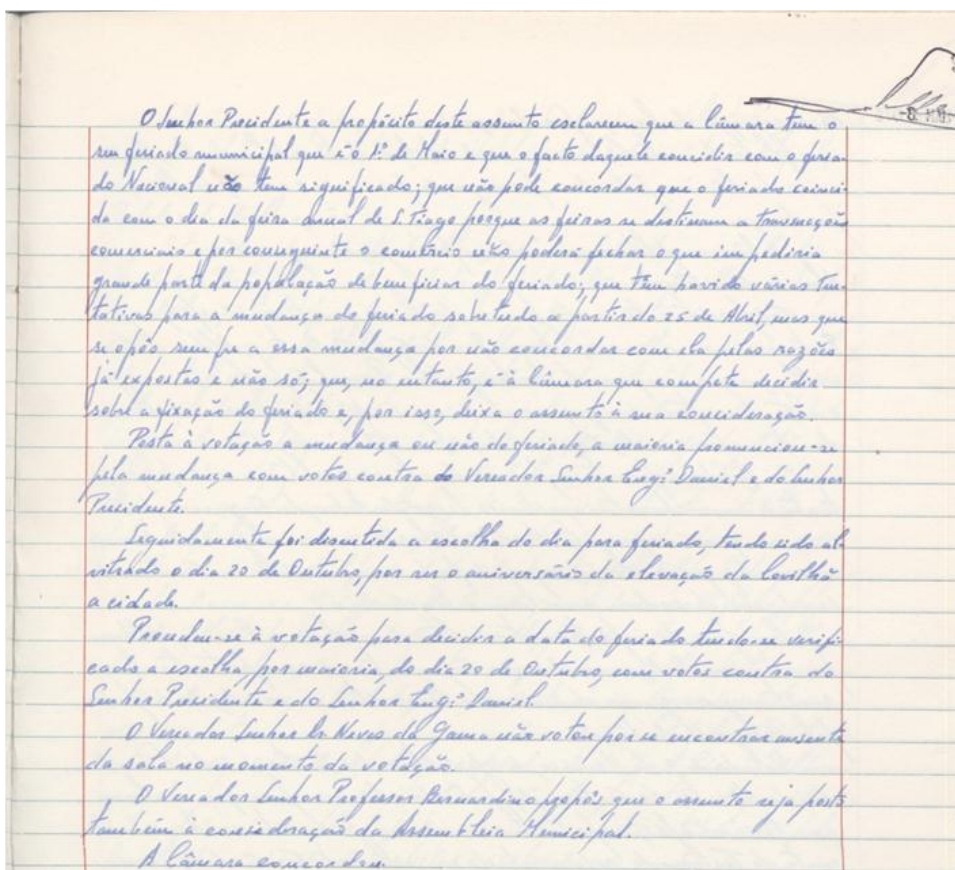
Fonte: Arquivo Municipal da Covilhã, Registo no Livro de Atas da Câmara Municipal da Covilhã.

<sup>20</sup> <http://www.cm-covilha.pt/>, acesso em 04/12/2011.

<sup>21</sup> Vd. Anexo II. Fotos originais do Foral de D. Manuel que se encontra guardado no Cofre Principal da Câmara Municipal da Covilhã.

<sup>22</sup> QUINTELLA (1899), *op. cit.*, p. 41.

A celebração da elevação a cidade com o estabelecimento do feriado municipal ocorreu em reunião de Câmara, de 8 de maio de 1978, onde foi fixado o dia 20 de outubro, consoante se atesta no documento subsequente.



O Senhor Presidente a propósito deste assunto esclareceu que a Câmara tem o seu feriado municipal que é o N.º de Maio e que o facto daquele coincidir com o feriado Nacional não tem significado; que não pode concordar que o feriado coincida com o dia da festa anual de S. Tiago porque os feriados se distinguem a transmissão comercial e por conseguinte o comércio não poderá fechar o que implicaria grande parte da população de bem pouco do feriado; que tem havido várias tentativas para a mudança do feriado sobretudo a partir do 25 de Abril, mas que se após se fez a essa mudança por não concordar com ela pelas razões já expostas e não só; que no entanto, é a Câmara que compete decidir sobre a fixação do feriado e por isso, deixa o assunto à sua consideração.

Posta à votação a mudança em dia do feriado, a maioria pronunciou-se pela mudança com votos contra do Vereador Senhor Luigi Daniel e do Senhor Presidente.

Seguidamente foi discutida a escolha do dia para feriado, tendo sido adotado o dia 20 de Outubro, por ser o aniversário da elevação da Covilhã a cidade.

Procedeu-se à votação para decidir a data do feriado tendo-se verificado a escolha por maioria do dia 20 de Outubro, com votos contra do Senhor Presidente e do Senhor Luigi Daniel.

O Vereador Senhor Sr. Neves da Gama não votou por se encontrar ausente da sala no momento da votação.

O Vereador Senhor Professor Bernardino Lopes que o assunto seja posto também à consideração da Assembleia Municipal.

A Câmara concordou.

Documento n.º 2

Fonte: Arquivo Municipal da Covilhã, Registo no Livro de Atas da Câmara Municipal da Covilhã.

Durante o reinado de D. Luís I, não sendo a primeira escola industrial do país, mas sim a segunda<sup>23</sup>, não deixa de ser relevante para a cultura desta cidade a criação da Escola Industrial da Covilhã, a 3 de janeiro de 1884, pelo decreto subscrito pelo então Ministro das Obras Públicas e Par do Reino, António Augusto de Aguiar e pelo Ministro da Instrução Pública, José Hintze Ribeiro. Esta escola, que posteriormente<sup>24</sup> veio a ser denominada de Escola Industrial Campos Melo de acordo com o artigo 1º do diploma, tinha por finalidade “ministrar

<sup>23</sup> Segundo Delgado (1984:97), a primeira Escola Industrial foi criada no Porto, paralelamente à criação do Instituto Industrial em Lisboa.

<sup>24</sup> Em 1976, no âmbito da reforma do ensino, que aboliu a distinção entre o ensino técnico e Liceal, passou a designar-se Escola Secundária Campos Melo.

o ensino apropriado às indústrias predominantes n'aquella localidade, devendo este ensino ter uma forma eminentemente prática.”<sup>25</sup>

Durante o reinado de D. Carlos I, a 14 de março de 1891, foi decretada a autonomia do concelho da Covilhã, sendo este um dos concelhos mais extensos do país, com 27 freguesias.<sup>26</sup>

A 11 de agosto de 1973, foi criado o Instituto Politécnico da Covilhã<sup>27</sup>, no âmbito da reforma do ensino empreendida pelo ministro da Educação Veiga Simão, com a finalidade de ampliar a rede pública de ensino superior. Este acontecimento de carácter social, relevante na cultura da cidade da Covilhã, ocorreu após um período de crise ao nível da indústria dos lanifícios, tendo culminado no encerramento de diversas fábricas com consequências muito negativas, tanto a nível social como económico para a cidade. A 30 de abril de 1986, é instituída a Universidade da Beira Interior, sucedendo ao Instituto Universitário da Beira Interior que derivou do Instituto Politécnico da Covilhã. Esta unidade de ensino superior, desde a edificação do Instituto Politécnico da Covilhã com a recuperação das instalações do quartel do Batalhão de Caçadores 2 até às atuais instalações da Universidade da Beira Interior, tem vindo a instalar-se em antigos edifícios, abandonados ou em ruínas, de elevado valor histórico, cultural e arquitetónico Covilhanense.

“Ao mesmo tempo que se preservam marcos históricos da cidade, estes são revitalizados em espaços vocacionados para o ensino e a investigação.”<sup>28</sup>

Em 30 de abril 2005, foi inaugurado um complexo construído de raiz, na Quinta da Olivosa, junto ao centro Hospitalar Cova da Beira, denominada Faculdade de Ciências da Saúde.

A 24 de novembro de 2001<sup>29</sup>, foi inaugurado o Arquivo Municipal da Covilhã, instalado no edifício remodelado do antigo Quartel dos Bombeiros Voluntários. Esta infraestrutura é constituída por uma sala de leitura com cerca de dez lugares e com ligação à Internet, uma sala multiusos para operações de restauro e limpeza, quatro gabinetes e uma secretaria. Possui um espólio documental de elevado valor histórico, representativo da vida municipal, da evolução da cidade e do concelho constituído por vários fundos e coleções.

Deste núcleo, destacam-se 39 pergaminhos (séculos XII-XVI) e vária documentação municipal dos séculos XVII - XIX.

---

<sup>25</sup> DELGADO, Rui (1984), *No Centenário da Escola Industrial Campos Melo na Covilhã (1884-1984)*, Gráfica da Covilhã, p. 98.

<sup>26</sup> QUINTELLA (1899), *op. cit.*, p. 469.

<sup>27</sup> <https://www.ubi.pt/Pagina.aspx?p=Historia>, acesso em 12/12/2011.

<sup>28</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>29</sup> [http://www.dgarq.gov.pt/files/2008/10/boltt\\_03.pdf](http://www.dgarq.gov.pt/files/2008/10/boltt_03.pdf), acesso em 11/12/2011.

## 1.4 - FIGURAS ILUSTRES

Ao nível cultural, várias personagens marcaram a cidade da Covilhã. Cada qual com a sua magnitude, muitos foram os nomes que ficaram para sempre gravados nesta cidade e que contam como presença assídua nos diversos livros que se escrevem sobre a região.

Relevantes por si mesmo e por diferentes motivos, unicamente serão referidos neste trabalho aqueles que se distinguiram ao nível da cultura.

Segundo Quintella<sup>30</sup>, destacam-se António Firmino da Silva Campos Mello (1804-1867), famoso pelos escritos em prosa e verso; o Padre António José Paes (1810-1857), como escritor, e Diogo Secco (1575-1623), latinista exímio, notável enquanto mestre no Colégio de Lisboa, onde professou filosofia e teologia, autor de várias obras em Latim e em Português, distinguiu-se ao ser escolhido como revisor dos livros da Companhia em Roma.

Outros nomes, referidos por Quintella<sup>31</sup> como relevantes na história desta cidade, são Gaspar Pereira da Silva (1802-1870), formado em direito, foi juiz do Tribunal do Comércio em Lisboa e escreveu *Fontes proximas do código commercial portuguez*; e Gaspar Paes (1593-1635), jesuíta, deixou várias cartas que foram traduzidas em Francês e em Italiano.

Nascido na Covilhã, Frei Heitor Pinto (?-1584)<sup>32</sup> é considerado por Silva<sup>33</sup> como um clássico da literatura portuguesa. Escreveu várias obras teológicas destacando-se-lhe uma em português, intitulada *Imagens da Vida Cristã*.

João António Dias (1818-?), professor de línguas em Lisboa, com vários escritos publicados; João de Macedo Pereira da Guerra Forjaz de Vilhena, autor; José Pereira de Carvalho (1781-?), formado em direito e autor de diferentes obras, entre as quais *Primeiras linhas sobre o processo orfanológico*; José Valério da Cruz (1749-1826), escritor; Manuel Maria Barbas (1806-1854), cirurgião e escritor e Miguel António Dias (1805-1878), doutorado em medicina, com diversas obras escritas e publicadas são alguns dos ilustres também elogiados por Quintella<sup>34</sup>.

Delgado<sup>35</sup> designa covilhanenses de vulto, figuras como Manuel Nunes Geraldês, doutor em direito e professor catedrático da Universidade de Coimbra, com variadas obras publicadas, caracterizando-o como pedagogo, humanista, filósofo, cooperativista e católico iluminado enaltecendo a sua luta contra o obscurantismo. Realça também Manuel Borges Grainha na categoria de autor de duas importantes obras sobre os jesuítas *Os Jesuítas e as Congregações Religiosas em Portugal Nos Últimos Trinta Anos* e *O Portugal Jesuítico*. Denomina-o como “um homem respeitado nas letras portuguesas no último decénio dos

---

<sup>30</sup> QUINTELLA (1899), *op. cit.*, p. 175.

<sup>31</sup> Idem, pag. 181.

<sup>32</sup> Não existem certezas quanto à data de nascimento de Frei Heitor Pinto. AIRES DA SILVA (1996), *op. cit.*, p. 135, refere o ano de 1528. Outros autores como QUINTELLA, *op.cit.*, p. 182 apenas arriscam como sendo nos finais do 1.º quartel do século XV.

<sup>33</sup> AIRES DA SILVA (1996), *op. cit.*, p. 135.

<sup>34</sup> QUINTELLA, *op.cit.*, p. 183.

<sup>35</sup> DELGADO, Rui (1992), *História da Covilhã (1800 a 1926)*, Instrução e Cultura, Covilhã, p. 383.

séculos XIX e primeiro quartel do XX”<sup>36</sup>. Também destacados foram António Firmino da Silva Campo Melo, que ficou conhecido como poeta e dramaturgo, tendo publicado em 1842 *D. Rodrigo, Drama Original em Cinco Actos* e José Maria Veiga Campos Melo, mentor da Escola Industrial da Covilhã, foi um dos fundadores do Asilo da Infância Desvalida e criador da Biblioteca Heitor Pinto, a primeira biblioteca pública aberta depois das de Lisboa, Porto, Coimbra e Évora.<sup>37</sup>

Delgado<sup>38</sup> refere ainda alguns professores catedráticos originários da Covilhã, no período de 1871 a 1925, como Gonçalo Xavier de Almeida Garret professor de Matemática; António Santos Viegas na área da filosofia; Bernardino António Serra Mirabeau em Medicina; Manuel de Jesus Lino e António Plácido da Costa.

Elogiado como o orador sagrado mais notável da Covilhã, surge o Padre Gregório José Pais. O Padre Cónego Manuel Anaquim destaca-se como autor do *Compêndio de Moral e Doutrina Cristã*, aprovado oficialmente para o ensino primário, e também o orador Padre Miguel Ferreira de Almeida.

Na área do jornalismo e do ensino, Delgado<sup>39</sup> destaca José Maria de Moura Barata Feio Terenas.

Distintos pela Câmara Municipal da Covilhã<sup>40</sup> encontram-se Artur de Moura Quintella, pela obra publicada em 1899 *Subsídios para a Monographia da Covilhan*; Luís Fernando de Carvalho Dias pelo seu trabalho de investigação histórica e pelas suas publicações *Heitor Pinto - Novas Achegas para a sua Biografia* e *Forais Manuelinos*; Rui Manuel Proença Delgado pelo seu trabalho de investigação histórica local e pelas obras publicadas sobre a *História da Covilhã*; José Mendes dos Santos como fundador da melhor livraria da cidade e também pelas publicações *Breve História Cronológica da Covilhã* e *Toponímia Covilhanense* e alguns publicistas locais de mérito como José Vicente Milhano, Vitorino de Almeida Bonina, António Crespo de Carvalho, Artur Penha, Humberto Correia Mourão e Álvaro Morgadinho.

## 1.5 - A EVOLUÇÃO DA BIBLIOTECA MUNICIPAL DA COVILHÃ

Na segunda metade do século XVIII (1750-1777), Portugal sofreu grandes transformações, nomeadamente na educação, devido às influências iluministas do então ministro Sebastião José de Carvalho e Melo, mais conhecido por Marquês de Pombal.<sup>41</sup> De acordo com Nunes<sup>42</sup>, naquela época surgiram as primeiras academias, publicaram-se jornais e foram criadas

---

<sup>36</sup> Idem, p. 384.

<sup>37</sup> Idem, p. 386.

<sup>38</sup> Idem, p. 388.

<sup>39</sup> Idem, p. 390.

<sup>40</sup> <http://www.cm-covilha.pt/>, acesso em 18 de dezembro de 2011.

<sup>41</sup> NUNES, Henrique Barreto (1998), *Da biblioteca ao leitor*, Barbosa & Xavier - artes gráficas, p. 25.

<sup>42</sup> Idem, ibidem.

importantes bibliotecas, não só nos estabelecimentos de ensino, mas também em casas particulares.

“Surge assim, por alvará de 29 de Fev. de 1796 da rainha D. Maria I, a Real Biblioteca Pública da Corte, com o objectivo de promover eficazmente a literatura portuguesa e para o maior aproveitamento dos Vassallos que se dedicam à louvável cultura das Ciências e das Arte, nela se recolhendo os livros mais preciosos pela sua raridade e estimação, os monumentos mais respeitáveis das mesmas Artes e Ciências.”<sup>43</sup>

A 4 de junho de 1882<sup>44</sup>, foi fundada, na Covilhã, a Biblioteca Heitor Pinto, a primeira biblioteca pública a ser aberta no país depois das de Lisboa<sup>45</sup>, Porto<sup>46</sup>, Coimbra e Évora<sup>47</sup>, conforme indica a marca seguidamente reproduzida.



Documento n.º 3

Fonte: Câmara Municipal da Covilhã. Foto do carimbo em uso na biblioteca.

Localizada na rua do Ginásio Clube, encontrava-se integrada na “Real Associação Protectora da Infância Desvalida”, tendo sido um dos seus principais fundadores José Maria Veiga da Silva Campos Melo.

Segundo Quintela, esta Biblioteca foi regulamentada a 1 de outubro de 1883 e possuía, aquando da data da publicação da sua obra, 3.000 volumes não tendo, no entanto, uma grande adesão de leitores.

“A Bibliotheca Heitor Pinto tem hoje uns 3.000 volumes e está aberta todas as quintas-feiras e sabados: no verão, das 8 horas às 10 da noite e d’inverno, das 7 às 9. É pena, diga-se a verdade, que esta bibliotheca (\*) seja tão pouco concorrida: no anno economico de 1894 a 1895 foi esta bibliotheca visitada apenas por 2 leitores!!! Foram, porém, augmentando,

---

<sup>43</sup> Idem, p. 26.

<sup>44</sup> DELGADO, 1992, *op. cit.*, p. 369.

<sup>45</sup> A Real Biblioteca Pública da Corte, fundada em 1796.

<sup>46</sup> De acordo com NUNES (1998:26) foi fundada em 1833.

<sup>47</sup> De acordo com NUNES (1998:26) foi fundada em 1815.

sendo o numero de leitores na bibliotheca e leitura domiciliaria no anno de 1898 a 1899 de 229.”<sup>48</sup>

Em 1916 é fundada pela autarquia<sup>49</sup>, a Biblioteca Municipal da Covilhã<sup>50</sup>, tendo sido aberta ao público em julho do ano seguinte, contando com um acervo documental de 2.350 volumes. Situada no edifício das escolas primárias, junto ao Jardim Público desta cidade, era denominada de Biblioteca Popular. A 4 de outubro de 1917<sup>51</sup>, foi designada de Municipal.

Considerada uma boa biblioteca pelos analistas, possuía uma grande variedade de espécies e foi bem aceite por todos os munícipes leitores, independentemente da sua classe social.

“É uma das mais vastas da província, pois conta actualmente 21.512 espécies, entre as quais algumas de grande raridade e mérito, como sejam incunábulo, livros iluminados, diversas crónicas, de reis e monásticas, além de uma larga representação dos nossos principais clássicos.(...) O recheio desta biblioteca distribue-se por salas, com a designação das especialidades bibliográficas que encerram: a) Literatura Nacional; b) Didática; c) Publicações oficiais, música, fotografia, obras incompletas e duplicadas; d) Literatura Latina; e) Literatura francesa; f) Hispano-italiana e Medicina; g) Anglo-alemã. Nessas salas existem os retratos dos principais escritores ali representados. O movimento de leitores tem-se acentuado de ano para ano, ali concorrendo indivíduos de tôdas as classes sociais - estudantes, comerciantes, operários, etc.”<sup>52</sup>

Muito embora num carácter mais geral, deve ser considerado o facto referido por Nunes<sup>53</sup>, ao afirmar que em 1919 existiam 68 bibliotecas municipais, das quais 12 se encontravam em organização e 37 continham menos de dois mil volumes. Nesta data a Biblioteca Municipal da Covilhã encontrava-se já acima da média supradita, com 2.350 volumes.

A 20 de outubro de 2000, é inaugurado o novo edifício da Biblioteca Municipal da Covilhã<sup>54</sup>, na Rua Conde da Ericeira, na sequência da qual se dá a transferência do fundo bibliográfico, inicialmente instalado no edifício localizada junto ao Jardim Público.

Atualmente, a Biblioteca Municipal da Covilhã dispõe de um edifício construído de raiz<sup>55</sup> formado por um conjunto composto por dois corpos. O imóvel, de três andares, apresenta no piso-1, os depósitos e os gabinetes técnicos; no piso 0, a sala de leitura infanto-juvenil, a sala do conto, a sala pré-escolar, a sala de audiovisuais, a sala Polivalente e a receção; no piso 1

---

<sup>48</sup> QUINTELLA, 1899, *op. cit.*, p. 127.

<sup>49</sup> <http://www.cm-covilha.pt/>, acesso em 19 de dezembro de 2011.

<sup>50</sup> Vd. anexo III. Imagens das antigas instalações da Biblioteca Municipal da Covilhã.

<sup>51</sup> DELGADO, 1992, *op. cit.*, p. 372.

<sup>52</sup> Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira - Vol. IV, (1979), Editorial Enciclopédia, Lda.; Lisboa, Rio de Janeiro, p. 659.

<sup>53</sup> NUNES, 1998, *op. cit.*, p. 29.

<sup>54</sup> Vd. anexo IV. Imagens da atual Biblioteca Municipal da Covilhã.

<sup>55</sup> Vd. anexo V. Imagem da Construção da Biblioteca Municipal da Covilhã.

localiza-se a sala de leitura de adultos bem como um espaço de utilização de internet, dispondo de três pontos de serviço externos.

Dispõe de 1.540,51m<sup>2</sup> de área útil, contém 230m de prateleiras em livre acesso, ocupadas pela coleção, na biblioteca central e contempla 120 lugares sentados.<sup>56</sup>

Segundo os dados estatísticos apurados e disponibilizados à Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas, a 31 de dezembro de 2010, a Biblioteca Municipal da Covilhã continha 76.572 títulos e disponibilizava 95.172 volumes dos quais 88.860 eram monografias, 1.559 eram documentos sonoros, 4.188 documentos audiovisuais e 565 CD-ROM.

No ano de 2010, foram adquiridos 2.400 títulos, nomeadamente 1.900 monografias de adultos e 500 monografias infantis.

Até 31 de dezembro de 2010, a Biblioteca Municipal da Covilhã possuía um total de 7.326 utilizadores dos quais 2.261 foram registados naquele ano. Foram recebidas 53.407 visitas, registando-se um total de pedidos de empréstimos domiciliários de 6.952 títulos.

Relativamente ao espaço internet, foram registadas 1.929 sessões de acesso.

Quanto às atividades levadas a efeito pela Biblioteca há a registar, em 2010, 80 sessões de “Hora do Conto”, 3 encontros com escritores/apresentação de livros, 18 exposições sobre livros e autores, 2 exposições de artes plásticas, 9 conferências/palestras, 3 ateliers, 2 ações de formação e outras 24 atividades.

Durante o ano de 2011, e de acordo com os dados estatísticos disponibilizados à Direcção de Serviços de Bibliotecas, constata-se que foram adquiridos 398 títulos na Biblioteca Municipal da Covilhã e registou-se um aumento de 649 novos utilizadores relativamente ao ano anterior. Contava, nesta data, com 7.975 utilizadores.

Assim, de acordo com os dados apurados e fornecidos à Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas, durante o ano de 2011, a Biblioteca Municipal da Covilhã esteve aberta ao público 247 dias e 43 horas por semana.

À data de 31 de dezembro de 2011, possuía 76.970 títulos, de entre os quais constavam 73.785 monografias, 3.000 livros antigos, 28 seriados e 9 documentos que integram o fundo local. Disponibilizava 95.570 volumes, contando com 89.258 monografias, 1.592 documentos sonoros, 4.233 documentos audiovisuais e 569 CD-ROM.

Naquela data possuía um total de 7.975 utilizadores e contava com 47.883 visitas anuais. Registaram-se 7.688 pedidos de empréstimos domiciliários e 1 empréstimo interbibliotecas.

Relativamente ao espaço internet foram registadas 1.343 sessões de acesso, um decréscimo comparativamente com o ano anterior, com menos 586 sessões. Atualmente dispõe de 26 computadores, dos quais 14 encontram-se para uso exclusivo dos funcionários e 12 para uso dos visitantes.

Nas atividades levadas a efeito pela Biblioteca, registaram-se em 2011, 59 sessões de “Hora do Conto”, 1 encontros com escritores/apresentação de livros, 18 exposições sobre

---

<sup>56</sup> Vd. anexo VI. De acordo com os dados fornecidos à Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas, cujas cópias se anexam.

livros e autores, 4 exposições de artes plásticas, 9 conferências/palestras, 1 atelier, 1 ação de formação e 7 outras atividades.

A Biblioteca Municipal da Covilhã dispõe atualmente de 10 funcionários, sendo 4 com formação na área de Biblioteca e Documentação e 6 sem qual formação específica.

É possível concluir através desta análise que, desde o início da sua atividade em 1916 até 31 de dezembro de 2011, a Biblioteca Municipal da Covilhã aumentou o seu acervo em 93.220 volumes.

## 1.6 - OUTRAS BIBLIOTECAS NO CONCELHO DA COVILHÃ

Atualmente, o concelho da Covilhã, além da Biblioteca Municipal da Covilhã e das Bibliotecas da Universidade da Beira Interior, dispõe de 15 bibliotecas escolares, distribuídas de forma desequilibrada pelo concelho, sendo que a grande maioria está situada na área urbana da cidade, a saber:

- Escola Secundária c/ 3º CEB Campos Melo
- Escola Secundária c/ 3º CEB Frei Heitor Pinto
- Escola Secundária c/ 3º CEB Quinta das Palmeiras
- EB2/3 São Domingos
- EB1 Vila do Carvalho
- EB2/3 Paul
- EB2 Pêro da Covilhã
- EB1 São Silvestre
- EB1 Rodrigo
- EB1 Refúgio
- EB1 Santo António
- EB2/3 Teixoso
- EB1 Teixoso
- B2/3 Tortosendo
- EB1 Largo da Feira

A Universidade da Beira Interior dispõe presentemente de duas Bibliotecas Universitárias. A primeira, criada em 1982 ainda pelo Instituto Politécnico da Covilhã e denominada atualmente de Biblioteca Central, situada no Polo I. A segunda, fundada em 1996, encontra-se situada no Polo do Ernesto Cruz e denomina-se de Biblioteca de Ciências Sociais e Humanas.

Existem ainda outras bibliotecas, menos faladas mas não de menor importância pelo seu contributo na formação da sociedade, como a Biblioteca do Centro Hospitalar Cova da Beira. Esta Biblioteca encontra-se à disposição de todos os colaboradores daquela unidade, dos alunos da Faculdade de Ciências da Saúde da Beira Interior e ainda disponibiliza, diariamente, pelo serviço de internamento, livros e outras publicações aos doentes. Dispõe de tratamento documental informatizado, catálogo da intranet e permite pesquisas bibliográficas, empréstimo interbibliotecário e domiciliário.<sup>57</sup>

De acordo com um inquérito efetuado é possível concluir que a grande maioria das coletividades da cidade dispõe de pequenas bibliotecas privadas para uso dos seus associados e utilizadores sendo que, atualmente, a grande maioria é muito pouco aproveitada por estes.

Este inquérito foi efetuado telefonicamente no dia 15 de março de 2012, pelas 19:00h, para as todas as coletividades da cidade, tendo sido colocadas as seguintes questões, que de forma muito gentil obtiveram resposta por parte do colaborador de serviço.

#### Inquérito

- 1 - A coletividade possui biblioteca?
- 2 - A biblioteca é frequentemente utilizada?
- 3 - Qual a classe etária que mais utiliza os serviços da biblioteca?
- 4 - Quais os livros mais utilizados na biblioteca?
- 5 - A coletividade tem por costume adquirir livros para a biblioteca?

Assim, o Grupo Desportivo da Mata possui uma biblioteca mas a mesma encontra-se quase sempre fechada por falta de utilizadores. Dispõe de alguns livros já antigos, tendo sido na sua maioria oferecidos.

Quanto ao Grupo Educação e Recreio “Campos Melo” encontra-se atualmente com obras na sala da biblioteca mas continua a proporcionar aos seus associados a possibilidade de poderem consultar os jornais diários. Esta coletividade possui uma sala de informática em remodelação.

O Grupo Instrução e Recreio dispõe de uma biblioteca aberta, permite sessões de leitura e também a requisição de livros por parte dos utilizadores. As requisições são feitas normalmente por crianças e jovens que procuram livros infantis e juvenis. Os livros foram na sua maioria oferecidos. Esta coletividade permite ainda a leitura dos jornais diários muito apreciados pelos seus associados.

Sobre o Centro Cultural e Desportivo Leões da Floresta foi possível constatar que não possui biblioteca mas permite a leitura dos jornais diários que são adquiridos por esta coletividade.

---

<sup>57</sup> Relatório e Contas 2010 do Centro Hospitalar Cova da Beira, disponível em: <http://www.chcbeira.min-saude.pt/NR/rdonlyres/D4F863A6-B5EF-440C-B6E6-E24D3B0B97E9/21081/Relat%C3%B3rioContas2010.pdf>, acesso em 19 de março de 2012.

O Centro Cultural e Desportivo Oriental de S. Martinho possui uma sala, onde se encontra um armário com alguns livros e onde são permitidas muitas outras atividades. Não contém muitos livros e os existentes foram oferecidos. Permite, no entanto, a requisição por parte dos associados. Foi referido pelo funcionário da coletividade que raramente são procurados ou consultados livros, preferindo os seus associados a leitura dos jornais diários e desportivos, os quais são adquiridos por esta coletividade diariamente.

É possível concluir através deste inquérito que, à exceção do Grupo Instrução e Recreio, a grande maioria dos utilizadores são pessoas envelhecidas e que o mais consultado são de facto os jornais regionais e desportivos.

Também foi possível apurar que, independentemente de hoje em dia serem poucos os utilizadores destas bibliotecas, no período do Estado Novo eram muito procuradas e utilizadas face às dificuldades financeiras da época.

# CAPITULO II - O regime do Estado Novo e a sua influência cultural (1933-1974)

## 2.1 - O ESTADO NOVO EM PORTUGAL - Notas Gerais

Finalizado pelo golpe de estado de 25 de abril de 1974, esteve instaurado em Portugal um regime ditatorial e autoritário denominado de Estado Novo.

Muito embora 1933 seja a data aceite para marcar o início deste período não devem ser menosprezados os acontecimentos antecedentes, que deram origem a este ciclo de Ditadura Militar.

“O golpe militar de 28 de Maio de 1926 apresenta-se como a «profilaxia adequada» para remediar a instabilidade e debilidade governativas de vários e sucessivos executivos, pondo-se fim ao regime parlamentar republicano e dando lugar a um período de Ditadura Militar.”<sup>58</sup>

A 28 de abril de 1928<sup>59</sup>, após o convite formulado pelo Coronel Vicente de Freitas, António de Oliveira Salazar, com então 39 anos de idade, passou a ocupar o lugar de Ministro das Finanças despontando uma viragem política na qual predominava o autoritarismo e o sentido antiliberal. Considerado como a grande figura do Estado Novo em Portugal, Oliveira Salazar ficou reconhecido pelo sucesso alcançado com a sua política marcada não só pela redução de despesas como também pela reforma fiscal, o que veio a consolidar a sua posição no Governo.

“[...] 27 de Abril, na Sala do Conselho de Estado é o acto de posse de AOS, como ministro das Finanças do IV Governo da Ditadura Militar - Vicente de Freitas fora exonerado e AOS nomeado em sua substituição.”<sup>60</sup>

Surge, entretanto, a União Nacional, o Partido Único, com o objetivo de se conseguir o apoio da opinião pública ao regime. Esta união deveria incluir todos os portugueses

---

<sup>58</sup> MINEIRO, Adélia Carvalho (2007), *Valores e Ensino no Estado Novo*, Edições Silabo. p. 37.

<sup>59</sup> <http://www.cidadeimaginaria.org/bib/Portugal10-40.pdf>, acesso em 26/12/2011.

<sup>60</sup> ALMEIDA, Pedro Ramos de (1999), *Salazar Biografia da Ditadura*, Edições Avante, p. 72.

interessados na obtenção da paz na perspectiva de uma ideologia nacionalista, autoritária e corporativista.<sup>61</sup>

Estiveram envolvidos na União Nacional gentes de diferentes ideologias como, católicos, laicos, monárquicos e republicanos, nacionalistas e liberais e autoritários, corporativistas e sindicalistas.<sup>62</sup>

“Lisboa, 30 de Julho de 1930

O general Domingos de Oliveira apresentou, na Sala do Conselho do Estado, o Manifesto da União Nacional, «associação sem carácter de partido e independente do Estado».

As experiências governativas recentes, com vários tipos de desequilíbrio, mostraram a necessidade de sobrepor o espírito da nação ao espírito da facção.

O Manifesto da União Nacional, concebido nas suas linhas programáticas pelo Dr. Salazar, corresponde a este objectivo. Cria uma «Liga patriótica», fundamentada num «nacionalismo histórico racional, reformador e progressivo, que teórica e praticamente se desvia do socialismo e do liberalismo sistemático».

Segundo o documento, a União Nacional não é mais um partido nem é o partido dos sem partido.

Pretende antes congregar, numa frente comum, todos os que se quiserem empenhar, praticamente, na reconstrução do País.

O novo organismo procura substituir-se aos partidos políticos nas tarefas inevitáveis da vida política: apresentação de candidaturas, organização de campanhas eleitorais, etc.”<sup>63</sup>

Em 1932, Salazar aceita a chefia do Governo e é nomeado presidente do Ministério. “O governo de ditadura passa de um militar para um civil e todos os outros poderes passam a ficar subordinados ao poder executivo.”<sup>64</sup>

A 26 de setembro de 1968<sup>65</sup>, após ter sido confirmado o grave estado de saúde de António de Oliveira Salazar, foi nomeado para seu substituto como Presidente do Conselho, Marcello José das Neves Alves Caetano. Assumindo-se como um seguidor das ideias de Salazar, concentrou em si todo o poder exercido pelo seu antecessor.

A 11 de abril de 1933 entrou em vigor a nova Constituição da República Portuguesa com uma ordem política que, obedecia aos seguintes princípios:

- “- Nacionalismo do Estado baseado na unidade do território nacional;
- Independência do poder executivo em relação ao legislativo;

---

<sup>61</sup> MINEIRO, 2007, *op. cit.*, p. 37.

<sup>62</sup> CRUZ, Manuel Braga da, *União Nacional*, in ROSAS Fernando e BRITO J. M. Brandão de (dir), *Dicionário de História do Estado Novo (1926-1974)*, (1996), Vol 2, Venda Nova, Bertrand, p. 989.

<sup>63</sup> SARAIVA, José Hermano e GUERRA, Maria Luísa (1998), *Diário da História de Portugal*, Difusão Cultural, p. 148.

<sup>64</sup> MINEIRO, 2007, *op. cit.*, P. 38.

<sup>65</sup> ALMEIDA, Pedro Ramos de (1999), *op. cit.*, p. 813.

- Submissão dos direitos e liberdades individuais aos interesses nacionais;
- Intervencionismo estadual na área económica;
- Representação política orgânica corporativa.”<sup>66</sup>

Segundo Saraiva e Guerra<sup>67</sup>, este período denominado de Estado Novo era a garantia da independência, do equilíbrio e de todos os seus valores orgânicos. O Estado Novo não se subordinava a nenhuma classe em especial mas subordinava sim todas as classes à suprema harmonia do interesse nacional. Com este regime as velhas fórmulas «Autoridade sem Liberdade, Liberdade sem Autoridade» foram substituídas por «Autoridade e Liberdade». Nesta altura, as pessoas existiam socialmente, como fazendo parte dos grupos naturais (famílias), profissionais (corporações), territoriais (municípios) e era nessa qualidade que lhes eram reconhecidos todos os necessários direitos.

No Estado Novo não havia direitos «abstractos» do Homem, mas sim direitos «concretos» dos homens.

A taxa de analfabetismo à data de 1930 apresentava, segundo os dados apurados pelo recenseamento, uma grande maioria populacional que totalizava 67,8% dos habitantes em Portugal Continental e insular.<sup>68</sup>

Nos finais de 1952 deu-se início a um ciclo de combate ao analfabetismo através da implementação de um Plano de Educação Popular, aprovado pelo Ministério da Educação Nacional, que visava o cumprimento da obrigatoriedade escolar, criava cursos de educação para adultos e lançava uma campanha nacional de educação de adultos, promovendo um progresso da cultura em Portugal.<sup>69</sup> Este plano proporcionou o projeto que mais tarde veio a possibilitar a criação de bibliotecas junto das escolas do ensino primário, estabeleceu os fundamentos de uma estrutura bibliotecária nacional rural, definiu um programa editorial oficial, dinamizou a edição livreira e apresentou as vantagens da articulação de bibliotecas fixas e itinerantes.<sup>70</sup>

Assim, em termos culturais, é possível afirmar que este regime deu um contributo para o desenvolvimento da leitura, e por consequência da cultura, em Portugal.

## 2.2 - VALORES NO ESTADO NOVO

Os valores do Estado Novo assentavam num regime autoritário e conservador onde o principal objetivo era restabelecer a ordem e a estabilidade nacional.

---

<sup>66</sup> SARAIVA, José Hermano e GUERRA, Maria Luísa (1998), *op. cit.*, p. 150.

<sup>67</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>68</sup> Idem, p. 100.

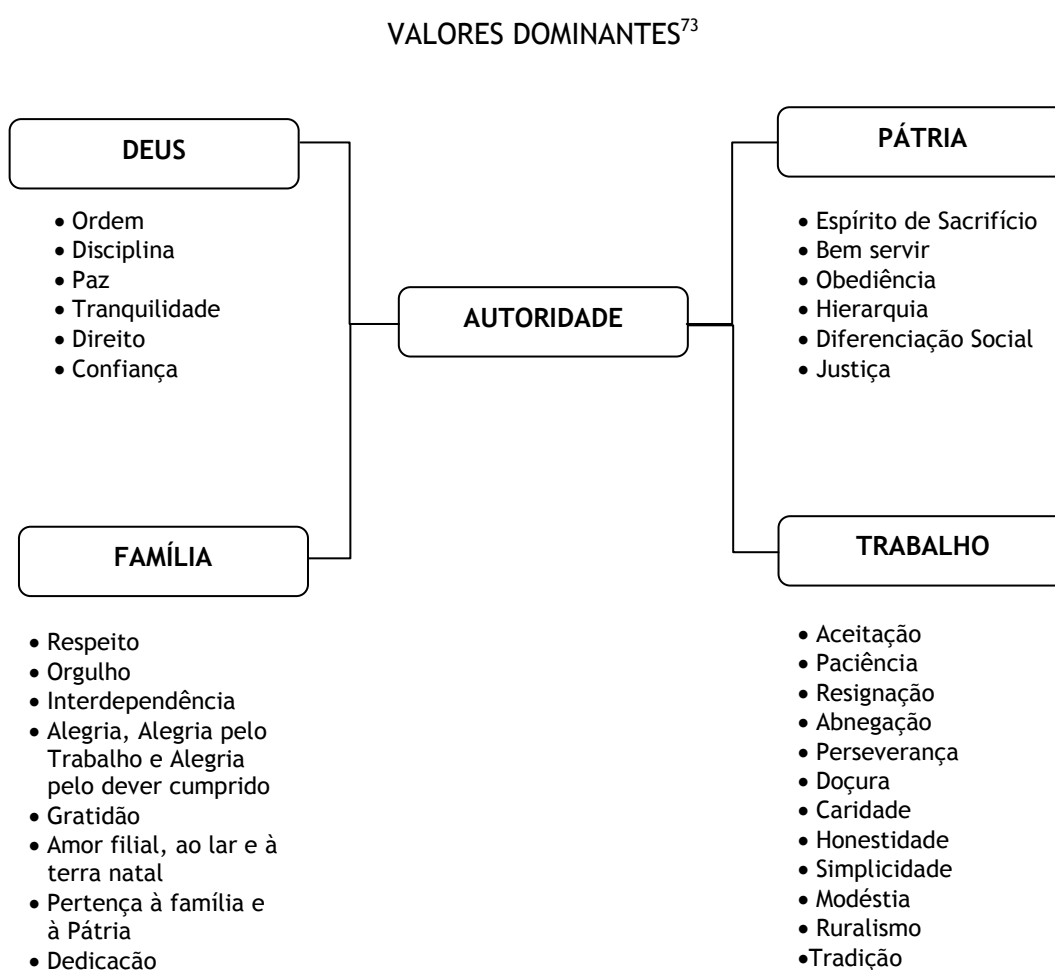
<sup>69</sup> MELO, Daniel, (2004), *A Leitura Pública no Portugal Contemporâneo 1926-1987*, Imprensa de Ciências Sociais do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, p.42.

<sup>70</sup> Idem, p. 43.

Reis refere que Salazar fez assentar a sua teoria e ação política nos seguintes cinco valores e princípios, os quais procurou incutir no quotidiano mental dos Portugueses, são eles: *Deus, Pátria, Autoridade, Família e Trabalho*.<sup>71</sup>

Mineiro<sup>72</sup> vai mais além e aponta a *Autoridade* como o valor a que Salazar deu maior destaque, sendo apresentada como uma das condições fundamentais para alcançar as metas definidas no âmbito do campo financeiro.

Segundo esta autora, a *Autoridade* era o ponto de partida para um conjunto de valores indispensáveis à sua implementação de acordo com o esquema n.º 1:



Esquema n.º 1

Estes valores passavam, de geração em geração, pelas famílias portuguesas e muito contribuíam para a sua formação e cultura.

<sup>71</sup> REIS, António (1990) Portugal Contemporâneo (1926-1958): ascensão e consolidação do Estado Novo: controlo ideológico e resistência cultural: sob a égide dos valores conservadores. Vol. IV. Lisboa: Publicações Alfa., p. 333.

<sup>72</sup> MINEIRO, 2007, *op. cit.*, p. 225.

<sup>73</sup> Idem, *ibidem*.

Na família, o pai como autoridade máxima servia de exemplo aos filhos. O respeito, a gratidão e a dedicação integravam este valor.

À Pátria devia-se obediência e todos tinham o dever de a servir, independentemente da classe social.

Deus representava a paz, a tranquilidade mas também a disciplina.

No trabalho era exigido entre outras qualidades paciência, honestidade, simplicidade e modéstia.

Estes valores marcaram toda uma época muito embora, ainda hoje, alguns estejam presentes nas famílias portuguesas.

## 2.3 - A CENSURA

Quando se fala em censura pensa-se imediatamente na proibição da liberdade de expressão e de comunicação.

Definida nos dicionários como condenação, crítica ou reprovação social, a censura era temida por todos os portugueses no período do Estado Novo, tanto na política como nas áreas da literatura, do teatro, ou até mesmo nos meios de comunicação social.

Com o início da ditadura surgiu a censura prévia à imprensa. Nada era publicado sem autorização.

“A censura consistia na supressão, pelas autoridades, de material considerado imoral, herético, subversivo, difamatório, violador do segredo de estado ou que seja de algum modo ofensivo.

Em Portugal, exercia-se censura sobre a literatura, o teatro e os meios de comunicação social. O “lápiz azul” só deixava passar conteúdos que não fossem contra os princípios e ideais do regime.

Além da censura “literária”, existia também a censura política. A Constituição de 1933 (em vigor até 1974) previa a censura para os casos de natureza política ou social, que pudessem pôr em causa a ordem pública. Após a revolução de 1974, a censura foi abolida da Constituição portuguesa e foi publicada nova lei de imprensa (1975), que protege a liberdade de expressão e informação.”<sup>74</sup>

---

<sup>74</sup>[http://www.cm-palmela.pt/NR/rdonlyres/2699A4EF-465D-4C5E-B8D7-C4544B81B2B0/39793/ESTADO\\_NOVOE25DEABRIL.pdf](http://www.cm-palmela.pt/NR/rdonlyres/2699A4EF-465D-4C5E-B8D7-C4544B81B2B0/39793/ESTADO_NOVOE25DEABRIL.pdf), acesso em 08/01/2011.

Desde o golpe militar de 1926 que a censura esteve interligada com a imprensa, nomeadamente através da censura prévia com instrumentos de controlo da opinião pública e de defesa dos valores políticos, sociais e morais do poder.<sup>75</sup>

A censura aos livros processava-se de um modo pouco coerente. Esta dependia das denúncias efetuadas pelos leitores, da colaboração dos editores e dos livreiros aquando da edição dos livros, da intervenção da polícia política e da conivência existente entre os correios e a Guarda Fiscal.

O artigo 10º do Decreto n.º 12:008, publicado na I Série do Diário do Governo n.º 167, de 2 de agosto de 1926, estabelecia proibições expressas, sob pena de prisão, a quem ousasse infringir a lei.

“É proibido, sob pena de prisão correccional e multa correspondente, afixar ou expor nas paredes ou em quaisquer outros lugares públicos, pôr à venda ou vender, ou por outra forma espalhar pelo público, cartazes, anúncios, avisos e em geral quaisquer impressos, manuscritos, desenhos ou publicações que contenham ultraje às instituições republicanas ou injúria, difamação ou ameaça contra o Presidente da República, no exercício das suas funções ou fora dêle, ou que aconselhem, instiguem ou provoquem os cidadãos portugueses a faltar ao cumprimento dos seus deveres militares, ou ao cometimento dos seus deveres militares, ou ao cometido de actos atentatórios da integridade e independência da Pátria, ou contenham boato ou informação capazes de alarmar o espírito público ou de causar prejuízo ao estado, ou que contenham afirmação ofensiva da dignidade ou do decôro nacional, ou ainda algumas das ofensas previstas nos artigos 159.º, 160.º, 420.º e 483.º do Código Penal e bem assim quaisquer publicações pornográficas ou redigidas em linguagem despejada ou provocadora contra a segurança do Estado, da ordem e da tranquilidade públicas.”<sup>76</sup>

Em 1933, através do artigo 2º do Decreto n.º 22:469 foi instituída a censura prévia às publicações não periódicas que focassem “assuntos de carácter político ou social”<sup>77</sup>. Ainda neste ano, num relatório da Direção-Geral dos Serviços de Censura à Imprensa, foi referida a ineficácia do controlo dos livros pelos serviços da Censura devido à falta de recursos humanos e proposto que os livreiros informassem sobre as publicações recebidas que possuíssem “carácter político ou social e das que afetem a moral pública.”<sup>78</sup> Depois de recebida esta informação, a Comissão de Censura selecionava o material e elaborava uma listagem com as publicações proibidas que servia de instrumento para a fiscalização dos postos de venda pelas autoridades policiais.

Eram três os princípios a que deveria obedecer a censura:

---

<sup>75</sup> FERRÃO, Manuela; OLIVEIRA, Susana e FONSECA, Miguel (2005), *Livros Proibidos no Estado Novo*, Divisão de Edições da Assembleia da República, p. 10.

<sup>76</sup> <http://dre.pt/pdf1sdip/1926/08/16700/09050910.pdf>, acesso em 09/02/2012.

<sup>77</sup> <http://dre.pt/pdf1sdip/1933/04/08300/06540654.pdf>, acesso em 29/01/2012.

<sup>78</sup> FERRÃO, Manuela e Outros (2005), *op. cit.*, p. 10.

*“1º Critério rígido na censura a publicações de propaganda de doutrina revolucionária contra o Estado e os princípios morais que regulavam as sociedades;*

*2º Liberdade condicionada pelas indicações ambientes para as publicações de directriz política ou social, ainda que adversa, mas isenta de preconceito revolucionário;*

*3º Repressão pura e simples de leitura imoral, ainda que sob o aspecto de vulgarização pseudo-científica de carácter sexual.”<sup>79</sup>*

Em 1943, o artigo 2º do Decreto-Lei n.º 33:015, legisla no sentido de serem mais vigiadas as atividades das empresas editoriais. Devido à sua ineficácia esta legislação nunca foi cumprida, conforme foi referido pelo Deputado Pinheiro Torres na Assembleia da República, no ano de 1946.<sup>80</sup>

Alguns anos depois, em 1957, o Deputado Marques Pereira, apelava ao maior rigor das forças policiais no controlo dos livros infantis e juvenis, nomeadamente no que dizia respeito a certas histórias, à obscenidade de certas imagens e ao teor das novelas policiais, alertando para os efeitos negativos que algumas daquelas histórias de quadradinhos poderiam trazer para as crianças e jovens. Este deputado defendeu ainda a edição de “livros bons” que “recreiam, instruem e educam”.<sup>81</sup>

Convém realçar que apesar da Censura os livros eram editados e chegavam mesmo às livrarias. As apreensões, muitas das vezes, ocorriam quando os livros se encontravam já em circulação.<sup>82</sup>

Com a subida de Marcelo Caetano ao poder criaram-se expectativas de mudança. Assim, em maio de 1971, foi criada, por um grupo de intelectuais composto por jornalistas, escritores, editores, advogados, críticos e professores universitários entre outros, a Comissão Nacional de Defesa da Liberdade de Expressão. Esta Comissão denunciava a repressão de todas as expressões do pensamento e exigia uma efetiva liberdade de informação e expressão.<sup>83</sup>

Na cidade da Covilhã, mais precisamente na Rua Direita, funcionou durante vários anos da década de 60 o “Círculo de Cultura e Cooperação”, uma livraria que se distinguia de todas as outras devido ao facto de vender livros e discos proibidos pela censura. Várias vezes foi esta livraria visitada pela então polícia política, a Polícia de Intervenção e Defesa do Estado (PIDE), tendo mesmo chegado a ser confiscados alguns livros, conforme testemunho da empregada de balcão, Isilda Dória.<sup>84</sup>

O fim da censura ocorreu depois da Revolução do 25 de abril de 1974, com a aprovação da Lei-Constitucional n.º 1/2005, de 12 de agosto de 2005, cujo artigo 37º consagrava a

---

<sup>79</sup> Idem, ibidem.

<sup>80</sup> Idem, p. 11.

<sup>81</sup> Idem, p. 12.

<sup>82</sup> Idem, p. 18.

<sup>83</sup> Idem, ibidem.

<sup>84</sup> [http://www.urbi.ubi.pt/010814/edicao/80ruas\\_direita.html](http://www.urbi.ubi.pt/010814/edicao/80ruas_direita.html), acesso em 23/01/2012.

liberdade de expressão e informação e o artigo 42º que autorizava a liberdade de criação cultural.<sup>85</sup>

## 2.4 - LIVROS PROIBIDOS

Sob pretexto de “não devem ser consentidas em agremiações operárias”, a 10 de fevereiro de 1951 são censuradas algumas obras de Miguel Torga, a saber: *Vindimas*, *Diário*, *Bichos*, *Criação*, *Sinfonia*, *Pátria* e *Rua*. A 14 de fevereiro desse mesmo ano é proibido o livro de Bento de Jesus Caraça que divulga a conferência feita em 1933, na União Cultural da Mocidade Livre, intitulado *A Cultura Integral do Indivíduo*.<sup>86</sup> Ainda que temporariamente, alguns jornais regionais foram suspensos como é o caso do *Jornal do Fundão*<sup>87</sup>, um semanário regional que era bastante controlado pela PIDE.

De acordo com a obra, *Livros proibidos no Estado Novo*, da Assembleia da República, independentemente da arbitrariedade e da subjetividade da censura, a proibição e respetiva apreensão de livros estavam sujeitas a diversos critérios, eram eles:<sup>88</sup>

- A contestação política e os presos políticos;
- O colonialismo e os conflitos externos;
- A política económica e a reforma agrária;
- A história;
- A religião
- A ideologia socialista;
- A pobreza, as condições de vida e as desigualdades sociais;
- A moral e os costumes, a emancipação da mulher, o erotismo e a sexualidade.

Na área da contestação política e presos políticos destacam-se alguns livros proibidos, os quais não só controvertem a honra e a dignidade de todos os políticos como também dos próprios presos políticos. São eles:

- *Esta terra que é nossa: poemas* (1952), de Antunes da Silva;
- *Os olhos sem fronteiras: poemas* (1953), de Orlando da Costa;
- *Caminheiros serenos: poemas* (1957), de Papiniano Carlos;

---

<sup>85</sup> <http://dre.pt/util/pdfs/files/crp.pdf>, acesso em 10/02/2012.

<sup>86</sup> ALMEIDA, Pedro Ramos de (1999), *op. cit.*, p. 456.

<sup>87</sup> MINEIRO, 2007, *op. cit.*, p. 47.

<sup>88</sup> FERRÃO, Manuela et al. (2005), *op. cit.*, p. 22 a 24.

- *Poesia portuguesa do pós-guerra: 1945-1965* (1965), compilação de Afonso Cautela e Serafim Ferreira;
- *Praça da canção* (1965), de Manuel Alegre;
- *O canto e as armas* (1967), de Manuel Alegre;
- *Falar claro* (1969), de José Magalhães Godinho;
- *Escritos políticos* (1969), de Mário Soares;
- *Le Portugal baillonné: un témoignage* (1972), de Mario Soares;
- *Quatro semanas em Outubro* (1970), de Alberto Ferreira;
- *O dilema da política portuguesa* (1971), de Sottomayor Cardia;
- *Dinossauro excelentíssimo* (1972), de José Cardoso Pires;
- *Presos políticos: documentos 1970-1971* (1972), da Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos;
- *As cooperativas em questão: para a história do Decreto-Lei n.º 520/71: antologia* (1972), com organização, prefácio e notas de Lino de Carvalho e Gorjão Duarte;
- *Carta aberta ao Presidente do Conselho: análise de um regime* (1973), de José Magalhães Godinho.

Salientam-se nesta área não só poesia mas também romances e ensaios. O livro *Esta terra que é nossa: poemas*<sup>89</sup>, de Antunes da Silva, apesar de a 21 de janeiro 1955 ter sido proibido devido a suspeitas quanto ao autor, acabou por ser autorizada a sua publicação em 14 de março desse mesmo ano.

A obra *Dinossauro excelentíssimo*, de José Cardoso Pires, talvez dos mais mediáticos, era uma sátira à figura de Salazar, retratava a sua ditadura e o Portugal no Estado Novo. Este livro, após grande debate na Assembleia Nacional, não chegou a ser proibido.

A obra de Mário Soares, *Escritos políticos*<sup>90</sup>, considerada inconveniente, era vista como um ataque ao governo e às bases orgânico-políticas do sistema político social.

Através desta análise é possível concluir que os serviços da Censura proibiam os livros mesmo antes de serem analisados tendo em conta os seus autores.

Na área do colonialismo e dos conflitos externos, notabilizando-se a defesa da independência das colónias e o fim da guerra, destacam-se os seguintes livros:

- *O caso da capela do Rato no Supremo Tribunal Administrativo* (1973) de Francisco Salgado Zenha, Francisco Sousa Tavares, Jorge Sampaio, José Vasconcelos Abreu e José Vera Jardim;
- *Chora, terra bem amada!* (1958), Alan Paton;
- *Terra morta* (1961), de Castro Soromenho;
- *Le Portugal et la fin de l'ultra-colonialisme* (1963), de Perry Anderson;
- *Ilusões Macabras* (1964), de Cunha Leal;

---

<sup>89</sup> Vd. anexo VII.

<sup>90</sup> Vd. anexo VIII.

- *Luuanda* (1965), de Luandino Vieira;
- *Chant du fantoche lusitanien* (1967), de Peter Weiss;
- *Já agora...* (1973), de António de Almeida Santos;
- *La guerre d'Espagne* (1959), de Pietro Nenni;
- *Mourir à Madrid* (1963), de Frédéric Rossif e Madeleine Chapsal;
- *Cartas de Estalinegrado* (1960), Edições Arcádia;
- *Diálogos ou Violência?* (1965), Publicações Europa-América;
- *Hiroxima: antologia de poemas* (1967), de Carlos Loures e Manuel Simões.

O livro *O caso da capela do Rato no Supremo Tribunal Administrativo* abordava temas polémicos como o socialismo do direito, o direito do homem, a guerra colonial, a religião, o catolicismo e a repressão, temas impróprios de acordo com o ponto de vista da censura.

*Chora, terra bem amada!*, de Alan Paton, retrata uma sociedade que vivia em harmonia e felicidade num habitat tribal e que transita para um mundo completamente diferente, superpovoado onde impera a violência, os homicídios e o crime. Retrata um mundo cruel e agressivo que pode suscitar pelos mais fracos alguma sede de violência.

Com estas proibições tentava-se ocultar o poder da violência.

Relativamente ao fator da política económica e da reforma agrária são os seguintes alguns dos livros proibidos que foram considerados inconvenientes de circular:

- *Fim da década, começo de quê?* (1970), Edições Prelo;
- *A agricultura socializada em Cuba* (1971), de Michel Gutelman;
- *La reforme agraire en Roumanie: et les Optants hongrois de Transylvanie devant la Société des Nations* (1927), Imprimerie du Palais;
- *A estrutura agrária portuguesa: problema ainda sem soluções à vista* (1972), de Henrique de Barros;
- *A questão agrária*, de Karl Kautsky;

A obra *Fim da década, começo de quê?* tinha o poder de questionar a dura vida dos agricultores enquanto mão de obra necessária e fundamental para o progresso do país. Não era de todo conveniente saber do poder que lhes assistia.

No livro *A agricultura socializada em Cuba*, Michel Gutelman, era acusado de fazer propaganda à revolução socialista cubana, no campo da agricultura.

Do que foi dito, depreende-se que destas proibições os agricultores e a própria agricultura faziam parte da grande preocupação da censura. Aos agricultores cabia o dever de serem submissos e trabalhar para produzir, a bem da nação. Qualquer movimentação que pudesse comprometer esta pacificação era intolerável.

De acordo com o critério da história, numa perspectiva crítica em relação à visão oficial imposta pelo regime, destacam-se:

- *História de Portugal*, de António Sérgio;
- *História da literatura portuguesa* (1950), de António José Saraiva;
- *Príncipes de Portugal: suas grandezas e misérias* (1952), de Aquilino Ribeiro;
- *Um século de pintura e escultura portuguesas: 1800-1900* (1966), do Museu Nacional de Arte Contemporânea;
- *La Commune* (1960), de Georges Bourgin;
- *Palavras necessárias* (1969), de Bento Gonçalves;
- *As lutas operárias contra a carestia de vida em Portugal: a greve geral de Novembro de 1918* (1971), de José Pacheco Pereira.

A obra de António Sérgio, *História de Portugal*, descrevia ao pormenor o regime de Salazar, razão por demais suficiente para a sua interdição. A forma clara e fria como o fazia não deixou dúvidas à censura.

António José Saraiva e a sua conhecida posição política, levaram ao cancelamento da sua obra *História da literatura portuguesa*, acusado de tendenciosas deturpações.<sup>91</sup>

Na área da Religião incluem-se os seguintes livros proibidos pela censura:

- *A inquisição portuguesa* (1956), de António José Saraiva;
- *La Conception matérialiste de la question juive* (1968), de Abraham Léon;
- *Rã no pântano* (1959), de António de Almeida Santos;
- *Le Diable et le Bon Dieu* (1964), de Jean-Paul Sartre;
- *L'age de raison* (1945), de Jean-Paul Sartre;
- *Mortos sem sepultura* (1965), de Jean-Paul Sartre;
- *Sartre par lui-même* (1960), de Francis Jeanson;
- *Situations, III* (1949), de Jean-Paul Sartre.

Neste sector predominam autores maioritariamente franceses, no entanto, destaque para António de Almeida Santos com a obra *a Rã no pântano*, censurada através do Relatório nº 6497 de 16 de fevereiro de 1960<sup>92</sup>, que o acusava de conter assuntos de índole imoral e antissocial.

Estes livros, acusados de falta de respeito pela Religião Católica, estavam, de certo modo, contra os valores defendidos por Salazar.

Quanto à ideologia socialista indicam-se na sua maioria obras estrangeiras, de autores estrangeiros:

- *Reforma ou revolução?* (1970), de Rosa Luxemburg;
- *Grève de masses, parti et syndicats* (1964), de Rosa Luxemburg;

---

<sup>91</sup> Vd. anexo IX.

<sup>92</sup> Vd. anexo X.

- *Manifeste du Parti Communiste suivi de Les Luttes des Classes* (1962), de Karl Marx;
- *Lire Le capital* (1967), de Louis Althusser, Jacques Rancière e Pierre Macherey;
- *Economia marxista* (1960), de Joan Robinson;
- *Traité d'économie marxiste* (1964), de Ernest Mandel;
- *Vers et proses* (1963), de Maïakovski;
- *The bolshevik revolution: 1917-1923* (1973), de Edward Hallett Carr;
- *Les étapes de la révolution russe* (1962), de Giuseppe Boffa;
- *ABC du communisme* (1968), de N. Boukharine e E. Préobrajensky;
- *Obras escogidas en três tomos*, de V. I. Lenin;
- *La maladie infantile du communisme: le gauchisme* (1962), de V. I. Lenin;
- *Terrorisme et communisme* (1963), de Léon Trotsky;
- *La révolution permanente* (1963), Léon Trotsky;
- *Le marxisme et la question nationale et colonial* (1949), de J. Staline;
- *Sur Staline* (1960), de Emmanuel D'Astier;
- *Citations de Président Mao Tse-Toung* (1966), Éditions en Langues Étrangères;
- *Dix huit poèmes* (1958), de Mao Tse-Toung;
- *La guerre révolutionnaire* (1955), de Mao Tse-Toung;
- *Ravachol et les anarchistes* (1964), compilação de Jean Maitron;
- *Les Congrès de Tours (décembre 1920): naissance du Parti Communiste français: édition critique des principaux débats* (1964), compilação de Annie Kriegel;
- *Les communistes et la révolution* (1968), de René Andrieu;
- *Beau Masque* (1954), de Roger Vailland.

Destaquem-se nesta área as ideias e teorias Marxistas muito contestadas pelos serviços da Censura.

A obra *Beau Masque*, de Roger Vailland, era acusada de transmitir informações sobre política comunista, greves dos operários e imoralidades.

No âmbito do tema sobre a pobreza, as condições de vida e as desigualdades sociais, referem-se os seguintes livros proibidos pela censura:

- *Esteiros* (1942), de Soeiro Pereira Gomes;
- *Refúgio perdido: inéditos e esparsos* (1950), de Soeiro Pereira Gomes;
- *Engrenagem* (1951), de Soeiro Pereira Gomes;
- *Gaibéus* (1939), de Alves Redol;
- *O caminho fica longe* (1943), de Vergílio Ferreira;
- *Amanhã quando romper o dia* (1946), de Barata Dias;
- *Alqueive: romance de um cavador* (1947), de Barata Dias;
- *Povo: contos* (1947), de Afonso Ribeiro;

- *A raia de Portugal: a fronteira do subdesenvolvimento* (1974), de António Pintado e Eduardo Barrenechea;
- *Seara Vermelha* (1951), de Jorge Amado;
- *Crónica dos pobres amantes* (1957), de Vasco Pratolini;
- *Um rapaz de Florença* (1957), de Vasco Pratolini.

Relativamente à questão da moral e dos costumes, da emancipação da mulher, do erotismo e da sexualidade, destacam-se as seguintes obras:

- *A metade do céu* (1974), de Claudie Broyelle;
- *Novelas eróticas* (1961), de M. Teixeira-Gomes;
- *A nossa vida sexual* (1960), de Fritz Kahn;
- *Lolita* (1959), de Vladimir Nabokov;
- *Livro de bom humor para alívio de tristes* (1961), de Tomás da Fonseca.

Este tipo de leitura era considerada maliciosa, indecente e imoral para a época. O seu tema, e a maneira como era abordado, eram suscetíveis não só de afetar a saúde psíquica da humanidade como também de “prejudicar os espíritos desprevenidos”.<sup>93</sup>

É possível concluir sobre este tema que todos estes livros, e muitos outros também censurados que aqui não foram referidos, tinham em comum a particularidade de poderem vir a afetar algum dos valores defendidos por António de Oliveira Salazar, os quais foram já referidos neste trabalho.

De acordo com o artigo do *Diário Económico*, escrito por José Brandão, sobre os livros proibidos nos anos da ditadura, publicado no passado dia 21 de abril de 2012 e denominado “Os 900 livros que a censura proibiu”, José Vilhena está no topo dos doze autores mais proibidos com 29 livros. Seguem-se-lhe Roy Harvey com 15, Tomás da Fonseca com 14, Urbano Tavares Rodrigues com 7, Afonso Ribeiro e José Cardoso Pires com 6. Em *ex-aequo*, com 5 livros proibidos, encontram-se Alves Redol, J. Felicidade Alves, Miguel Torga, Orlando da Costa, Papiniano Carlos e Raúl Rego.

Nesse mesmo artigo estão também contempladas as 10 editoras com mais títulos proibidos. Destaca-se, em primeiro lugar com 78 títulos proibidos, a editora Europa-América, em segundo lugar *ex-aequo*, com 31 títulos encontram-se Arcádia e Portugália, com 30 títulos Estampa, Prelo e Ulisseia com 29, Seara Nova e Delfos com 27 e por último com 26 títulos encontram-se as editoras Moraes e Ibis.

---

<sup>93</sup> FERRÃO, Manuela e Outros (2005), *op. cit.*, p. 191.

## 2.5 - A POLÍCIA POLÍTICA

A Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE)<sup>94</sup>, anteriormente designada de Polícia de Vigilância e de Defesa do Estado (PVDE) tinha por missão controlar qualquer oposição ao regime e detinha o papel da repressão. De entre homens e mulheres, os militantes e/ou simpatizantes do partido comunista<sup>95</sup> eram os mais vigiados e perseguidos por esta Polícia Política. Existem vários testemunhos que provam as torturas e violências usadas, não só física como também psicológicas.

Neves, no prefácio do seu livro, *PIDE A História da Repressão*, consegue descrever em poucas linhas o que realmente acontecia naquele período:

“Os seus métodos desumanos e não poucas vezes repugnantes aproximaram-se, frequentemente, dos sistemas inquisitoriais que a Idade Média consagrou e a Gestapo aperfeiçoou. (...) Violações de correspondência, escutas telefónicas, chantagens, buscas e prisões sem mandatos, torturas físicas e psicológicas, julgamentos sem culpa formada, processos à espera de julgamento: tudo na defesa de um Governo sem defesa. Do Aljube ao Tarrafal; de Peniche a S. Nicolau; de Caxias à Machava, provocaram o sofrimento. Em nome da segurança do Estado, espalharam a insegurança entre o Povo. Todos desconfiavam de todos. A verdade deles era o Estado Novo, mesmo depois de Velho.

Eles foram, sucessivamente, a Polícia Especial, a polícia Internacional Portuguesa, a Polícia de Defesa Política e Social, a Polícia de Vigilância e Defesa do Estado, a Polícia Internacional e de Defesa do Estado e Direcção-Geral de Segurança: nomes diferentes para o mesmo fim. Eram um Estado dentro do próprio Estado.”<sup>96</sup>

A PIDE contava com mais de vinte mil colaboradores distribuídos entre inspetores, subinspetores, chefes de brigada, agentes, informadores e funcionários. De salientar que o maior número de cooperantes assentava nos informadores, indivíduos que “espreitavam em todas as circunstâncias e que, a troco de miseráveis escudos, eram denunciantes.”<sup>97</sup>

António de Oliveira Salazar considerava os violentos atos praticados pela PIDE contra os cidadãos como “meia dúzia de safanões”. Com o Decreto-Lei n.º 35046, de 22 de outubro de 1945<sup>98</sup> foram atribuídos a esta polícia política novos poderes. A PIDE passou a estar acima da lei, detinha o completo domínio dos seus processos com a máxima autoridade. A prisão preventiva passou de oito para quinze dias e de três a seis meses. Bastavam simples denúncias, mesmo que infundamentadas, para um português ser preso e torturado. Desde as

---

<sup>94</sup> Criada em 11 de outubro de 1945, através do Decreto-Lei n.º 35046.

<sup>95</sup> Idem, ibidem.

<sup>96</sup> NEVES, Alexandre Manuel Rogério Carapinha Dias (1974), *PIDE A história da Repressão*, Jornal do Fundão, Editora, p. 5.

<sup>97</sup> NEVES, 1974, *op. cit.*, p. 7.

<sup>98</sup> <http://dre.pt/pdf1sdip/1945/10/23400/08570859.pdf>, acesso em 18/01/2012.

prisões, passando pelas torturas, violações domiciliárias e de correspondência, escutas telefónicas, chantagens e extorsão fiscal, tudo lhes era permitido. Os Portugueses passaram a viver ainda mais atemorizados a partir desta data.<sup>99</sup>

Em setembro de 1968, após a sucessão de Marcelo Caetano, Portugal respira de alívio na esperança da extinção desta odiada polícia política. No entanto, tal não acontece, apenas surge uma mudança de denominação.

Através do Decreto-Lei n.º 49 401, de 24 de novembro de 1969<sup>100</sup> é extinta a Polícia Internacional e de Defesa do Estado e criada a Direcção-Geral de Segurança (DGS).

Tudo continuou igual. Ao abrigo daquele decreto tudo foi transferido para a DGS sem dependência de quaisquer formalidades. Carros, livros, mobiliário, material mecânico, armamento e munições passaram automaticamente a ser pertença desta Direcção. Também o pessoal afeto à PIDE passou para a DGS com as mesmas categorias e todas as regalias daí adjacentes.<sup>101</sup>

## 2.6 - OUTROS INSTRUMENTOS DE CONTROLO

Além da censura e da polícia política houve outros instrumentos de controlo neste período de ditadura militar. A Mocidade Portuguesa, criada a 19 de maio de 1936 pelo Decreto n.º 26 610<sup>102</sup>, abrangia inicialmente toda a juventude escolar e não escolar mas passou a ser restringida aos jovens escolares com idades compreendidas entre os 11 e os 14 anos. Esta organização possuía a superintendência das atividades circum-escolares destinada a completar a formação humana dos estudantes.<sup>103</sup>

Existia também a Legião Portuguesa<sup>104</sup>, criada em 1936, considerada como uma organização de cariz político-militar, cujos objetivos eram participar na defesa da Nação. Segundo o Jornal Regional *Notícias da Covilhã*<sup>105</sup>, na Covilhã, nomeadamente no Tortosendo, “principiou a ser ministrada a instrução aos legionários aos domingos”.

Outra organização, da época foi a OMEN (Obra das Mães pela Educação Nacional).

Criada pelo Decreto-Lei n.º 26893<sup>106</sup>, de 15 de agosto de 1936, esta instituição preocupava-se com a “educação integral das mulheres” e tinha como objetivos “estimular a ação educativa da família”, “assegurar a cooperação entre esta e a escola” e “preparar melhor as gerações femininas para os seus futuros deveres materiais, domésticos e sociais.”<sup>107</sup>

---

<sup>99</sup> NEVES, 1974, *op. cit.*, p. 20.

<sup>100</sup> <http://dre.pt/sug/1s/diplomas-lista.asp>, acesso em 18/01/2012.

<sup>101</sup> NEVES, 1974, *op. cit.*, p. 24.

<sup>102</sup> <http://dre.pt/pdf1sdip/1936/05/11600/05360547.pdf>, acesso em 18/01/2012.

<sup>103</sup> MINEIRO, 2007, *op. cit.*, p. 48.

<sup>104</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>105</sup> Edição de 06/12/1936.

<sup>106</sup> <http://dre.pt/pdf1sdip/1936/08/19100/09810984.pdf>, acesso em 18/01/2012.

<sup>107</sup> [http://side.utad.pt/cursos/storage/LSS/2459/1254410609\\_pimentel.pdf](http://side.utad.pt/cursos/storage/LSS/2459/1254410609_pimentel.pdf), acesso em 18/01/2012.

Segundo Pimental<sup>108</sup>, a OMEN propunha-se concretizar três objetivos que assentavam sobretudo na reeducação das mães e na assistência materno-infantil, através da criação de centros sociais e educativos em vários bairros carenciados de Lisboa e do impulsionamento das semanas da mãe e dos prémios às famílias numerosas; na antecipação da escolaridade, através da educação infantil e da criação das cantinas escolares em 1940 e, em terceiro lugar, no prolongamento da escolaridade, pela organização das raparigas na Mocidade Portuguesa Feminina<sup>109</sup> (MPF).<sup>110</sup>

Em 1942 foi também criado pela OMEN o Serviço Maternal de Assistência ao Domicílio, o qual passou depois para a competência do Instituto à Família. Este Serviço Maternal de Assistência ao Domicílio esteve instalado na Covilhã tendo dele beneficiado muitas famílias numerosas.<sup>111</sup>

## 2.7 - EVOLUÇÃO DEMOGRÁFICA

De acordo com os dados apurados pelo Instituto Nacional de Estatística, através do programa de Recenseamento Geral da População - Censos -, no período entre 1920 e 1970, relativamente à evolução da população é possível apurar a evolução demográfica em Portugal Continental.

Segundo o VI Recenseamento Geral da População, os Censos 1920<sup>112</sup> do Instituto Nacional de Estatística, a população recenseada naquele ano no Continente e Ilhas atingia os 6.032.991 habitantes. A Covilhã continha 14.049 habitantes.

No ano de 1930<sup>113</sup> registou-se um aumento de 792.892 relativamente ao censo anterior, verificando-se em todo o continente e ilhas o total de 6.825.883 indivíduos.

“Cerca de 47 por cento dos indivíduos recenseados viviam dos «trabalhos agrícolas», .... Exercendo a respetiva atividade contaram-se 1.072.678 varões e 753.027 fêmeas, incluindo neste número as 588.698 fêmeas, mulheres de chefes de família, contadas como ativas.”<sup>114</sup>

---

<sup>108</sup> Idem.

<sup>109</sup> O seu estatuto foi aprovado pelo Decreto n.º 38 122, de 29 de dezembro de 1950 e definia claramente o ideal de mulher no artigo 1º.

<sup>110</sup> <http://dre.pt/pdf1sdip/1950/12/26800/13661368.pdf>, acesso em 18/01/2012.

<sup>111</sup> MINEIRO, 2007, *op. cit.*, p. 49.

<sup>112</sup> [http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos\\_historia\\_pt\\_1920](http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos_historia_pt_1920), acesso em 23/01/2012.

<sup>113</sup> [http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine\\_censos\\_publicacao\\_det&menuBOUI=13707294&conte\\_xto=pu&PUBLICACOESpub\\_boui=72966893&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1](http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_publicacao_det&menuBOUI=13707294&conte_xto=pu&PUBLICACOESpub_boui=72966893&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1), acesso em 23/01/2012.

<sup>114</sup> [http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos\\_historia\\_pt\\_1930](http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos_historia_pt_1930), acesso em 23/01/2012.

Em 1940 a população recenseada no continente e ilhas, segundo os Censos 1940<sup>115</sup>, já somava 7.755.423 indivíduos residentes, sendo que o distrito de Castelo Branco contava com 299.670 habitantes. A cidade da Covilhã possuía 60.434 habitantes.

A cidade da Covilhã, no ano de 1950, contava com 68.522 habitantes. Em Portugal existiam 8.510.240<sup>116</sup> indivíduos residentes.

De acordo com este estudo estatístico verifica-se que no ano de 1960 a população residente em Portugal era de 8.889.392<sup>117</sup> indivíduos. A cidade da Covilhã tinha 72.967 indivíduos residentes, o que equivale a um aumento total de 58.918 habitantes desde 1920.

Por último, no ano de 1970 foram recenseados em Portugal 8 663 252<sup>118</sup> indivíduos residentes, verificando-se o primeiro decréscimo decenal da população residente da era dos Censos. Segundo este mesmo estudo verifica-se que residiam na cidade da Covilhã 62.565 indivíduos.

Assim, de acordo com estes resultados, foi possível constatar que em Portugal Continental, entre 1920 e 1970, se registou um aumento de 2.630.261 indivíduos sendo que na cidade da Covilhã o aumento foi de 48.516 habitantes.

Em contrapartida também se constatou um decréscimo de 10.402 habitantes, na população residente, relativamente aos últimos dez anos deste estudo, no período de 1960 a 1970, provavelmente justificada pela emigração e pela guerra colonial.

Pelos motivos mais variados mas principalmente na luta pela sua sobrevivência, muitos covilhanenses foram obrigados a abandonar a terra natal e a emigrar. A crise instalada no sector dos lanifícios foi razão mais do que suficiente para procurar uma vida melhor fora de Portugal.<sup>119</sup>

A guerra colonial que se desenrolou em algumas colónias portuguesas, de 1961 a 1974, mais conhecida por Guerra do Ultramar, levou também muitos jovens a emigrar clandestinamente quando se aproximavam da idade estabelecida para cumprir o serviço militar obrigatório, com o receio de serem alistados.<sup>120</sup>

---

<sup>115</sup> [http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine\\_censos\\_publicacao\\_det&menuBOUI=13707294&contexto=pu&PUBLICACOESpub\\_boui=72365153&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1](http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_publicacao_det&menuBOUI=13707294&contexto=pu&PUBLICACOESpub_boui=72365153&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1), acesso em 23/01/2012.

<sup>116</sup> [http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos\\_historia\\_pt\\_1950](http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos_historia_pt_1950), acesso em 24/01/2012.

<sup>117</sup> [http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos\\_historia\\_pt\\_1960](http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos_historia_pt_1960), acesso em 24/01/2012.

<sup>118</sup> [http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos\\_historia\\_pt\\_1970](http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos_historia_pt_1970), acesso em 24/01/2012.

<sup>119</sup> MINEIRO, 2007, *op. cit.*, p. 132.

<sup>120</sup> *Idem*, p. 133.

## 2.8 - A VIDA NO ESTADO NOVO

Para António de Oliveira Salazar, a família tinha um papel relevante e era apontada como a “fonte das riquezas morais e lugar de transmissão desses valores morais da tradição.”<sup>121</sup>

Em 1930, Salazar destacou este valor como fundamental para a formação da sociedade e traduziu-o como “célula social irredutível, núcleo originário da freguesia, do município e, portanto, da Nação (!): é, por natureza, o primeiro dos elementos políticos orgânicos do Estado constitucional.”<sup>122</sup>

Naquela época, em qualquer tradicional família Covilhanense eram visíveis os valores do Estado Novo. A autoridade do pai e a honra e o pudor da mulher marcavam presença em quase todos os lares familiares. A figura do pai por si só impunha respeito não só pela hierarquia mas também pela idade.<sup>123</sup> A mulher tinha poucos direitos mas, em contrapartida, tinha muitas obrigações, o lar e a educação dos filhos estavam à sua responsabilidade.

A igualdade entre os cidadãos era notória, no entanto diferenciavam-se os homens das mulheres. A Constituição Portuguesa de 1933 através do artigo 5º, do Decreto n.º 22:241, publicado na I Série do Diário do Governo de 22 de fevereiro de 1933, estabelecia que “o Estado Português é uma República unitária e corporativa, baseada na igualdade dos cidadãos perante a lei (...) salvas, quanto à mulher, as diferenças da sua natureza e do bem da família.”<sup>124</sup>

Segundo Mineiro, Salazar valorizava todos os membros da família indiscriminadamente:

“A mulher casada como o homem casado é uma coluna da família, base indispensável de uma obra de reconstrução moral. Dentro do lar, a mulher não é escrava. Deve ser acarinhada, amada e respeitada, porque a sua função de mãe, de educadora dos seus filhos, não é inferior à do homem. Nos países ou nos lugares onde a mulher concorre com o trabalho do homem - nas fábricas, nas oficinas, nos escritórios, nas profissões liberais - a instituição da família pela qual nos batemos como pedra fundamental duma sociedade bem organizada, ameaça ruína... Deixemos, portanto, o homem a lutar com a vida no exterior, na rua... E a mulher a defendê-la, a trazê-la nos seus braços, no interior da casa ... Não sei, afinal, qual dos dois terá o papel mais belo, mais alto e mais útil.”<sup>125</sup>

A mulher casada, na opinião de Salazar, deveria ser acarinhada e respeitada dentro do lar enquanto mãe e dona de casa, no entanto, o trabalho exterior deveria ser da

---

<sup>121</sup> MINEIRO, 2007, *op. cit.*, p. 97.

<sup>122</sup> ALMEIDA, Pedro Ramos de (1999), *op. cit.*, p. 95.

<sup>123</sup> MINEIRO, 2007, *op. cit.*, p. 97.

<sup>124</sup> <http://dre.pt/pdf1sdip/1933/02/04301/02270236.pdf>, acesso em 29/01/2012.

<sup>125</sup> MINEIRO, 2007, *op. cit.*, p. 100, in PIMENTEL, Irene Flunser, História das Organizações Femininas no Estado Novo, Mem Martins, Circulo de Leitores e Autora, 2000, p. 27.

responsabilidade do marido. Apesar de enaltecer o trabalho da mulher diferencia exaustivamente o seu papel na sociedade perante o homem.

A Covilhã não seria exceção, no entanto, o aumento da indústria levou ao aumento da procura de mão-de-obra feminina. Tarefas como urdir, meter fios e passar tecidos eram consideradas tipicamente femininas. As mulheres tornaram-se indispensáveis nas fábricas. Contudo muitas mulheres, desde que possível, preferiam trabalhar a partir de casa, dedicavam-se à costura, fazendo roupas por medida, outras porém eram metedeiras de fios e faziam os tradicionais cortes no domicílio.

Trabalhar fora de casa pertencia às classes sociais mais baixas mas, nas famílias onde o orçamento familiar era ainda mais escasso, as mulheres sujeitavam-se a qualquer serviço “trabalhavam nas casas dos industriais para auxiliarem as criadas, eram fonteiras, limpavam casas, lavavam roupa para fora, faziam tecidos”.<sup>126</sup>

Apenas as mulheres descendentes de famílias abastadas podiam prosseguir os estudos, contudo não iam muito além do 5º ou do 7º ano dos liceus. Nos colégios aprendiam, entre outras coisas, a ser boas donas de casa.<sup>127</sup>

Sendo a Covilhã uma cidade que vivia exclusivamente dos lanifícios importa referir que a vida dos Covilhanenses, naquela época, não era de todo fácil. Não existia classe média, havia os ricos que eram caracterizados pelos industriais e os pobres que eram os operários. Os ricos não se misturavam com os pobres nem vice-versa. Havia locais específicos para os convívios e confraternizações de cada uma das referidas classes sociais.

## 2.9 - ÓCIO e TEMPOS LIVRES DOS COVILHANENSES NO ESTADO NOVO

Nesta fase do trabalho fará todo o sentido começar por falar na ocupação dos tempos livres na infância.

Segundo Mineiro<sup>128</sup> também nas crianças se visualizavam as diferenças entre classes sociais. Sozinhas ou acompanhadas, através das mais variadas brincadeiras, as crianças alimentavam os seus sonhos infantis e eram felizes com aquilo que lhes era permitido fazer.

À semelhança dos pais, os filhos das famílias mais abastadas não se misturavam com as outras crianças provenientes de diferentes classes sociais.

As crianças vindas de classes sociais mais altas raramente brincavam na rua, usavam o quintal e apenas brincavam com aqueles meninos cujos pais consentissem ou autorizassem a entrada. O portão do quintal funcionava como uma barreira que delimitava os dois mundos.

---

<sup>126</sup> MINEIRO, 2007, *op. cit.*, p. 108.

<sup>127</sup> Idem, p. 109.

<sup>128</sup> Idem, p. 152.

As crianças mais pobres, que conseqüentemente também viviam em casas mais pequenas, brincavam na rua e não tinham restrições quanto à seleção de amigos. Deve também ser tido em conta que as famílias mais pobres eram geralmente aquelas que tinham mais filhos.

Contudo havia exceções, mas apenas aos jovens do sexo masculino era permitido o convívio entre jovens de classes sociais diferentes.

De acordo com estudos efetuados por Mineiro algumas das brincadeiras mais utilizadas pelas crianças no período do Estado Novo eram o futebol, o jogo do pião, o pique, o piro e possuíam ainda brinquedos como arcos e guiadores feitos de arame, pistolitas e setas e ainda automóveis de lata. Por vezes faziam corridas com os bidons das tintas das fábricas.

Os filhos da classe burguesa já possuíam brinquedos mais requintados como por exemplo os carrinhos, barcos ou comboios de corda; soldados de chumbo; jogos educativos Majora; triciclos ou até mesmo carro a pedais e bicicletas.<sup>129</sup>

Os meninos da classe popular preferiam jogar futebol e utilizavam qualquer espaço ou campo disponível para o efeito, contudo, naquela altura não era permitido jogar futebol na rua. Segundo um testemunho recolhido por Mineiro, houve mesmo quem chegasse a ir ao Posto da Guarda.<sup>130</sup>

As bolas utilizadas durante um largo período de tempos no Estado Novo eram feitas de trapos, farrapos velhos e fio. Só era possível obter uma bola de borracha aos jovens com alguma idade desde que conseguissem arranjar dinheiro para a adquirir.

Outra forma de poderem adquirir uma bola de futebol verdadeira seria comprar “papéis de colecção”<sup>131</sup> sobre futebol, nos quais alguns traziam uma senha que dava direito a obter uma bola de verdade. Estas aquisições eram feitas em conjunto mas também quando saía a bola era partilhada por todos.

Relativamente às meninas, a situação já era bastante diferente. Estas só podiam brincar junto à porta de casa e com crianças da mesma classe social. Menina que quisesse ser prendada devia aprender a costurar, pois sempre se mantinha ocupada e ainda podia começar a dar início à formação do seu enxoval.

Para ilustrar estas afirmações é transcrito um testemunho oral de Maria Teresa do Carmo Gadanho, recolhido por Mineiro:

“No intervalo do almoço a minha mãe entendia que não se podia perder tempo. O que ela não queria é que eu andasse na vadiagem. O intervalo do almoço era duas horas. Portanto eu comia e ia aprender a bordar com a Senhora Helena Faialeira. Aprendi a fazer ponto atrás (ponto pé de flor) e ajour.”<sup>132</sup>

---

<sup>129</sup> Idem, p. 117.

<sup>130</sup> Idem, ibidem.

<sup>131</sup> Idem, ibidem.

<sup>132</sup> Idem, ibidem.

Outro testemunho recolhido por Mineiro, através de Fernanda Ramos Barrada, retrata a origem dos brinquedos e a sua manufatura:

“Se havia uma mãe mais habilidosa, lá fazia uma boneca também de trapos. Permitia brincar em casa, a companheira era uma boneca, no papel da filha. Tínhamos a bola de trapos, feita de quadrados, às cores, cosidos à mão e cheia de trapos. O que nós gostávamos daquelas bolas!» As meninas vizinhas juntavam-se à porta e brincavam às casinhas. Jogavam «madamas», pedrinhas redondinhas, que trazíamos do Rio Zêzere, quando lá íamos no Verão. Já se jogava o «quemê» (leia-se quiemei), hoje conhecido por «macaca».”<sup>133</sup>

Devido aos fracos recursos financeiros das famílias tradicionais, era geralmente nas feiras locais que se compravam alguns dos brinquedos que deliciavam os sonhos de qualquer criança. Recordem-se as bonecas de papelão com cara pintada e vestido de chita, os cantarinhos de lata e os cabazinhos de verga.<sup>134</sup> Nos anos 50, surgem as bonecas de casquinha que abriam e fechavam os olhos. As bonecas de porcelana, os serviços de chá de louça, as mobílias em miniaturas, os jogos educativos e os livros de pintar eram destinados a crianças oriundas de famílias com mais posses financeiras.

Na Covilhã, assim como noutras localidades, pela altura do Natal, sempre que os pais o permitiam, juntavam-se rapazes e raparigas para cantar as janeiras e desejar as boas-festas.

Também na Covilhã, pela altura do Verão e por iniciativa do tenente José Amaro, havia a possibilidade de passar férias na Serra da Estrela, mais propriamente na Colónia Infantil da Montanha. Assim, naquela estação do ano, com a ajuda da Câmara Municipal da Covilhã e de alguns particulares, era possível aos jovens passar 20 dias de férias na Serra. Os grupos eram formados por vários jovens mas havia a preocupação de serem divididos de acordo com o sexo. Os filhos dos operários dos lanifícios tinham também acesso a colónias balneares na Foz do Arelho ou na Figueira da Foz.<sup>135</sup>

Associações como os escuteiros, os grupos paroquiais e as atividades recreativas dos grupos desportivos criavam e/ou permitiam também a realização de atividades pelos jovens.

Existiam, na cidade da Covilhã, algumas coletividades que incentivavam os jovens a diversas atividades culturais. Eram elas o Grupo Instrução e Recreio fundado a 2 de abril de 1921; o Grupo Desportivo da Mata, fundado a 1 de setembro de 1961<sup>136</sup>; o Grupo de Educação e Recreio Victória de Santo António, fundado a 1 de janeiro de 1953<sup>137</sup>; o Centro Cultural e Desportivo Oriental de São Martinho da Covilhã, fundado em 1954<sup>138</sup>; o Grupo Educação e Recreio Campo Melo, fundado a 7 de março de 1941<sup>139</sup>, entre outras que se encontravam mais dispersas da cidade. De realçar o facto de estas coletividades possuírem uma biblioteca

---

<sup>133</sup> Idem, ibidem.

<sup>134</sup> Idem, p. 118.

<sup>135</sup> Idem, p. 119.

<sup>136</sup> <http://www.fsaomartinho.pt/associacoes.asp?assoc=22>, acesso em 11/02/2012.

<sup>137</sup> <http://www.fsaomartinho.pt/associacoes.asp?assoc=14>, acesso em 11/02/2012.

<sup>138</sup> <http://www.fsaomartinho.pt/associacoes.asp?assoc=15>, acesso em 11/02/2012.

<sup>139</sup> <http://www.cm-covilha.pt/simples/?f=2337>, acesso em 11/02/2012.

privada para uso interno dos seus associados, conforme foi já abordado no anterior capítulo deste trabalho.

Estas coletividades organizavam diversos eventos que levavam os jovens a aderir, a participar e a recriar. Na altura do Natal realizavam-se sempre as tradicionais festas natalícias para os sócios, com distribuição de presentes aos filhos destes, onde os jovens participavam fazendo peças teatrais e danças. Os preparativos para estas festas duravam praticamente um ano, pois mal se realizava um espetáculo começava-se logo a preparar o do ano seguinte.

Outro evento proporcionado por estas coletividades eram as matinés dançantes, os bailes aos domingos à tarde, onde os jovens se juntavam para dançar e conviver.

Por outro lado estes locais serviam de ponto de encontro e distração aos menos jovens. Praticavam-se ali, entre eles, diversas atividades como jogos de snooker, malhas, cartas, ping-pong, etc.

Também estas coletividades organizavam diversas competições entre elas, nas modalidades de atletismo, ténis, futebol, etc.

Frequentados por jovens e menos jovens, estes espaços eram, e ainda continuam a ser, um espaço de lazer, descontração e convívio entre os Covilhanenses.

Relativamente às pessoas de idade mais avançada os tempos de ócio eram tempos de lazer e descanso.

O ócio, considerado como “folga do trabalho, descanso, repouso”<sup>140</sup> é definido por Vicente Verdú como:

“el conjunto de actividades realizadas en un tiempo social específico - el tiempo de ócio - y suponían sempre un cierto grado de libertad de elección (...) implicaba también el ócio, a su vez, la asociación a un estado subjetivo de satisfacción personal, que servía de base al atractivo que ejercía sobre la libre voluntad del individuo y que se daba en un hipotético contexto de débil coacción normativa del poder sociopolítico sobre el ócio.”<sup>141</sup>

Naquele tempo, tanto na cidade da Covilhã como nas freguesias limítrofes, abundavam as tabernas, locais onde, no balcão ou à mesa, se convivía, conversava e jogava com o tradicional vinho sempre presente.<sup>142</sup> Este era um lugar importante de socialização e também o local eleito dos operários e das classes mais baixas. Aí falava-se da vida, discutiam-se problemas laborais, dificuldades e expectativas de futuro, mas sempre com precaução tendo em consideração as contingências e as mútuas desconfianças daquela época.

Importa referir que o elevado consumo de álcool pelas classes sociais mais baixas tornou-se numa ameaça à estabilidade e harmonia dessas mesmas famílias.<sup>143</sup>

---

<sup>140</sup> <http://www.portoeditora.pt/alp/dol/dicionarios-online/>, acesso em 15/02/2012.

<sup>141</sup> Vicente Verdú Macia et al., *Fiesta, juego y ocio en la historia*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2003, p. 349 apud MINEIRO, 2007, *op. cit.*, p. 152.

<sup>142</sup> MINEIRO, 2007, *op. cit.*, P. 152.

<sup>143</sup> Note-se MINEIRO, 2007, *op. cit.*, P. 153.

As classes mais altas, compostas por industriais, médicos, técnicos dos lanifícios, etc, frequentavam os cafés, no entanto nalguns a entrada dos operários estava interdita, como o caso do café Montalto, situado na praça do Pelourinho, onde a entrada era restrita e controlada.<sup>144</sup>

Outro local frequentado pelos industriais dos lanifícios era o Clube União, sito na Rua Marquês D'Avila e Bolama, mais conhecido pelo "Clube dos Ricaços".<sup>145</sup>

Nas tardes de domingo, o local eleito pelos Covilhaneses era Estádio Santos Pinto. Independentemente da classe social a que pertenciam, o futebol fazia parte das suas vidas. Quem lhes tirasse o futebol tirava-lhes tudo, o Sporting Clube da Covilhã era o clube da cidade, todos o apoiavam e nem se importavam de pagar a quota de associados.

No entanto também ali se separavam as classes sociais, nas bancadas ficavam os mais ricos, aos pobres cabia-lhes o peão.

As bibliotecas, independentemente das taxas de analfabetismo na época, eram também muito procuradas, assunto que será analisado no terceiro capítulo deste trabalho.

---

<sup>144</sup> Vd. RAMOS, Manuel da Silva, (2003), *Café Montalto*, Gráfica de Coimbra Ldª.

<sup>145</sup> RAMOS, (2003), *op. cit.*, p. 27.

# CAPITULO III - A Biblioteca Municipal da Covilhã e o desenvolvimento cultural da população residente na cidade da Covilhã

## 3.1 - A CULTURA

Inicia-se este terceiro capítulo, tendo por base o conceito de cultura.

A definição de cultura não é unânime para a maioria dos estudiosos, muito pelo contrário a sua explicação é ambígua e controversa.

De acordo com António José Saraiva<sup>146</sup>, cultura opõe-se a natura ou natureza. Para este autor o simples ato de falar é já sinónimo de cultura. Segundo ele a fala permite-nos transmitir emoções ou concepções mentais. Também a religião, a arte, o desporto, o luxo, a ciência e a tecnologia são produtos da cultura.

“... entende-se por cultura todo o conjunto de actividades lúdicas ou utilitárias, intelectuais e afectivas que caracterizam especificamente um determinado povo.”<sup>147</sup>

Para Martins<sup>148</sup>, cultura engloba tudo, desde as formas de ser e estar do indivíduo aos hábitos e costumes de consumo e de se comportar. Para ele a cultura integra artes e dimensão popular.

Segundo este autor a palavra cultura é o produto da relação entre os seguintes três significados:

- cultura no sentido das artes;
- cultura como civilidade e vida valiosa (cidadania);
- cultura como sentido e estilo de vida social .

---

<sup>146</sup> SARAIVA, António José (2003), *O que é a cultura*, Gradiva publicações, p. 11.

<sup>147</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>148</sup> MARTINS, Ernesto Candeias, *Das identidades culturais ao desenvolvimento local (Comunidades Territoriais Transferteiras)* in PEREIRA, António dos Santos e SARDINHA, Maria da Graça (Coord.), (2008), *Actas, Bibliotecas e Literacia*, Universidade da Beira Interior, p. 42.

De acordo com uma análise ao conceito de cultura, efetuada por esse docente, é possível concluir em síntese que a mesma se associa à forma e ao estilo de vida das pessoas; ao aperfeiçoamento individual; à educação / instrução recebida no percurso educativo; às ideias e aos valores tradicionais, ao conjunto de produtos da cultura e ao cultivo dos objetos naturais; a um padrão de significados transmitidos historicamente; à mentalidade coletiva em massas ou de elite; aos diversos âmbitos suscetíveis de serem cultivados como por exemplo a cultura física, intelectual, moral, especializada, técnica, artística, científica ou específica e também ao sistema de símbolos e significados próprios de cada cultura.<sup>149</sup>

Muito haveria por dissertar nesta matéria, no entanto o objetivo deste estudo não é aprofundar tal conceito mas sim averiguar a cultura das gentes da cidade da Covilhã no período do Estado Novo.

Importa igualmente perceber de que modo os habitantes desta cidade se instruíam, de que forma a Biblioteca Municipal influenciou ou permitiu a sua formação e contribuiu para a sua cultura.

### **3.2 - A BIBLIOTECA MUNICIPAL DA COVILHÃ NO PERÍODO DO ESTADO NOVO**

Depois de muitas pesquisas no Arquivo Municipal da Covilhã, nomeadamente nos Livros de Atas e respetivos anexos, muitas foram as curiosidades encontradas sobre o movimento da Biblioteca Municipal da Covilhã no período do Estado Novo.

No período entre 1932 e 1947, a Estatística era efetuada de acordo com um “Mapa estatístico anual”, preenchido pelo Bibliotecário Municipal, dividido em duas partes. Por um lado eram apurados os volumes existentes a 31 de dezembro desse ano, tendo sempre presente o número de volumes do ano anterior e os adquiridos nesse mesmo ano. Por outro lado estavam discriminados o número de volumes e a sua classificação, segundo as secções do catálogo, divididos por: “Artes e Ciências”, “Comércio e Indústria”, “História e Geografia”, “Literatura e Belas Artes”, “Religião” e “Manuscritos e Diversos”.

Existia ainda um outro registo mensal, onde era apurado o total de leitores e volumes consultados, de acordo com os dias úteis de cada mês.

Nas décadas de 1940 e 1941, nada foi encontrado no Arquivo Municipal, razão pela qual estes dois anos não constam no presente estudo.

Já entre 1953 e 1974 o registo efetuava-se diariamente. Era registada e apurada a frequência de leitores por profissões e volumes consultados, tendo em atenção o período diurno e noturno de funcionamento da Biblioteca. As categorias assinaladas naqueles mapas

---

<sup>149</sup> Idem, p. 43.

estatísticos eram as seguintes: “Comerciantes e industriais”, “Empregados de Comércio e Indústria”, “Estudantes”, “Funcionários”, “Militares”, “Operários”, “Profissões Liberais” e “Outras Profissões”.

Importa desde logo referir que, no período do Estado Novo, muitas eram as ofertas à Biblioteca.

O bibliotecário Municipal tinha por obrigação informar regularmente a Câmara Municipal da Covilhã dos benfeitores e dos donativos recebidos. Em reunião de Câmara era tomado conhecimento das benfeitorias por todos os membros e deliberado agradecer. “Inteirada e que se agradeça”.

Em 31 de dezembro de 1931, ainda antes do período denominado de Estado Novo, pelo então Bibliotecário Municipal, Nicolau Alberto Ferreira D’Almeida, foi efetuado o “Mapa Estatístico Anual dos Benfeitores”.<sup>150</sup>

Durante este ano foram adquiridos, na Biblioteca Municipal da Covilhã, 5.433 volumes, perfazendo o total de 15.988, dos quais 962 pertenciam à secção de Artes e Ciências, 593 ao Comércio e Indústria, 2.405 à História e Geografia, 5.912 às Literaturas e Belas Artes, 4.511 à Religião e 1.505 a Manuscritos e Diversos.<sup>151</sup>

Saliente-se de extrema importância a informação<sup>152</sup> do Bibliotecário Municipal, datada de 3 de fevereiro de 1932, aquando da entrega dos “Mapas Estatísticos Anuais”, dando conta de que, dos 5.433 volumes adquiridos no ano de 1931, 4.082 foram por ele escolhidos da Biblioteca do Quelhas, por incumbência do Ministro da Justiça que os ofereceu à Biblioteca Municipal da Covilhã além de mais 300 volumes oferecidos por este mesmo Ministro da sua Biblioteca Particular.

No ano de 1932, no “Mapa Estatístico” anual com o número de leitores e volumes consultados, passou a ser apurada a média diária de leitores e a média diária de obras lidas. Nesse ano a média diária de leitores na Biblioteca Municipal da Covilhã contava 10 leitores enquanto a média diária de obras lidas era de 12.<sup>153</sup> Neste mesmo ano passou a ser implementado um registo quanto ao leitor mais assíduo da Biblioteca. Mensalmente era considerado não só o leitor mais assíduo como também lhe era oferecido um brinde.<sup>154</sup>

Também a obra mais procurada e lida começou a ser objeto relevante nos “Mapas Estatísticos Anuais”. Mais adiante será feita uma abordagem sobre este tema.

Deste modo e conforme documento anexo, é possível afirmar que no ano de 1932 foi considerado como leitor mais assíduo Filipe Lopes Água, com 41 visitas no mês de março, 33 no mês de maio, 26 no mês de junho e 32 no mês de novembro, perfazendo o total de 132 visitas à Biblioteca Municipal da Covilhã.

---

<sup>150</sup> Vd. anexo XI.

<sup>151</sup> Vd. anexo XII.

<sup>152</sup> Vd. anexo XIII.

<sup>153</sup> Documento n.º 7.

<sup>154</sup> Vd. anexo XIV.

No ano de 1933, à semelhança do ano anterior, a média diária de leitores nesta Biblioteca foi de 10 e a média diária de volumes consultados foi 11. O leitor mais assíduo, por sua vez foi Januário Moura.

Conforme referido numa informação prestada pelo Bibliotecário Municipal, datada de 1 de fevereiro de 1933<sup>155</sup>, importa realçar o facto de a Biblioteca Municipal da Covilhã, em 1931 e de acordo com os volumes existentes, ocupar o 6º lugar nas Estatísticas Oficiais, de entre as 53 Bibliotecas Municipais existentes, tendo à sua frente a Biblioteca Municipal do Porto, a Biblioteca Municipal de Lisboa, a Biblioteca Municipal do Funchal, a Biblioteca Municipal de Santarém e a Biblioteca Municipal de Coimbra.

De acordo com o parecer daquele Bibliotecário, nesse mesmo ano de 1933, a Biblioteca Municipal da Covilhã passará a ocupar o 4º lugar nessa mesma Estatística Oficial, tendo em conta o notável aumento dos volumes existentes.

Esta mesma informação justifica a média diária de leitores obtida (10), considerando-a insuficiente, apresentando como argumento o nível intelectual da população e o reflexo da falta de um estabelecimento de ensino secundário. Também apresenta como argumento que “... às Bibliotecas ninguém é obrigado a ir...”.

Ainda nesta informação o Bibliotecário Municipal solicita autorização ao Presidente da Câmara Municipal da Covilhã para fazer três horas suplementares de trabalho, das 09:00h às 12:00h em todos os dias úteis, no sentido de proceder à elaboração e organização de fichas de catalogação na Biblioteca. Em reunião da Câmara Municipal da Covilhã, datada de 22 de fevereiro desse mesmo ano, foi deliberado indeferir este pedido considerando que pode o mesmo utilizar o dia de sábado de cada semana para o mesmo fim.

Tendo em conta esta informação é possível inferir que nesta data ainda não existiam fichas de catalogação encontrando-se os livros ordenados por tamanhos e por cores. Posteriormente surgiram as fichas de catalogação.

Após uma pesquisa efetuada na atual Biblioteca Municipal da Covilhã foi possível encontrar o catálogo Onomástico da Biblioteca, constituído por fichas de catalogação individuais, ordenadas alfabeticamente (Documento n.º 4).

---

<sup>155</sup> Vd. anexo XV.

Biblioteca Municipal da Covilhã  
Catálogo Onomástico

Cota: 630  
BV-7

Autor: Barata (Dr. Francisco Augusto Barata)  
Vide (Vermé, Júlio)

Título da Obra: Livro Lembranças em Balão  
Viagem através da Águia  
Tradução do —  
= Viagens maravilhosas =

Impresso em — na Tipografia S/

No ano de — Edição — Formato 21,7 x 14,3

Editor - Biblioteca Municipal da Covilhã e Procel, Imprensa Nacional Românica - Lisboa

N.º de volumes 1-E Páginas 344 Gravuras a/guar.

Fac-similes a/ Mapas a/ Registo N.º 2074

Documento n.º 4

Fonte: Biblioteca Municipal da Covilhã.

Nestas fichas encontram-se identificados a cota e o registo de cada livro, o título da obra e o seu autor, o local de impressão, o nome da tipografia, o ano de edição e o nome do editor. Para tornar mais facilitada a procura dos livros, conforme se pode verificar, nessas fichas estava indicado o formato dos livros atribuindo-se-lhes uma cor de acordo com o tamanho. Aos livros de maiores dimensões era atribuída a cor verde, aos livros intermédios a cor vermelha e aos mais pequenos a cor azul.

Como curiosidade, de notar o apontamento mencionado nessas mesmas fichas sobre os livros proibidos “*Condenado pela J*” (Documento n.º 5) e “*pode ser lido por pessoas de mais idade*” (Documento n.º 6).

Biblioteca Municipal da Covilhã  
Catálogo Onomástico

Cota: 3770  
AXVI-2

Autor: Balzac ([Honore] de)

Título da Obra: *Beatrix*  
= *Cenures complètes* =

Impresso em [Bany] na Tipografia [Émile Colin]

No ano de 1832 Edição — Formato 18,7 x 11,5

Editor: Calmann Lévy - Paris

N.º de volumes 1-E Páginas (4)+431 Gravuras a/

Fac-similes a/ Mapas a/ Registo N.º 4495

Documento n.º 5

Fonte: Biblioteca Municipal da Covilhã.

Biblioteca Municipal da Covilhã  
Catálogo Onomástico  
Cota: 3773  
A XVI-2

Autor: Balzac (Honoré) de

Título da Obra: Chouans (les)  
Une passion dans le Désert  
= Œuvres complètes =

Impresso em [Bayreuth] na Tipografia [Émile Lohman]  
No ano de 1872 Edição Formato 12 x 14,5  
Editor Lohmann-Lesny - Paris

N.º de volumes 1-E Páginas (4) + 458 + (3) Gravuras 2/  
Fac-símiles 2/ Mapas 2/ Registo N.º 4498

Documento n.º 6

Fonte: Biblioteca Municipal da Covilhã.

No ano de 1936 as médias de leitores e de obras lidas tiveram um aumento significativo, passando a ser 17 a média diária de leitores e 23 a média diária de obras lidas.

A 17 de abril de 1955 foi elaborada, pela Bibliotecária Municipal, uma relação composta por 45 nomes de obras a adquirir para a Biblioteca Municipal.<sup>156</sup> Nessa relação era mencionado não só o nome do autor como também o seu valor no mercado, importando as mesmas num total de 3.991\$00. Destacam-se dessa relação alguns Dicionários, obras sobre Literatura Portuguesa e a História da Arte, *A vida e Obra de Fernando Pessoa*, *Férias com Salazar*, *D. Quixote de la Mancha*, *Aventuras de Alice no país das maravilhas* entre outras.

Através do ofício n.º 2168, de 18 de maio de 1959, da Câmara Municipal da Covilhã<sup>157</sup>, são remetidas para a Biblioteca 31 obras, de cariz essencialmente político, das quais se destacam:

- *Eu fui comunista*;
- *Pequena história das doutrinas económicas*;
- *Os pilares da democracia*;
- *III Congresso da União Nacional*;
- *Um General que foi comunista*;
- *Revolução Moral*;
- *O Sr. Norton de Matos e a sua Candidatura*;
- *Rumo da Juventude*;
- *22 anos de Governo*;

<sup>156</sup> Vd. anexo XVI.

<sup>157</sup> Vd. anexo XVII.

- *O caso português;*
- *Por Portugal;*
- *Unidade Nacional;*
- *Consciência do passado e do presente;*
- *Salazar e a Continuidade do Regime;*
- *Extratos do discurso de Salazar;*
- *Salazar e o Plano de Fomento;*
- *Balanço de uma campanha eleitoral.*

Ainda neste ano de 1959, através do ofício n.º 1.111, datado de 2 de março, da Câmara Municipal da Covilhã<sup>158</sup>, era expressa a intenção da Autarquia em criar, na sua Biblioteca, uma secção referente à indústria de lanifícios, com a sua história e técnica. Neste mesmo ofício questionava a Bibliotecária Municipal, Dr.<sup>a</sup> Maria Celeste Moura, sobre as existências nessa área e quais os livros a adquirir.

Em 1965, é presente à reunião da Câmara Municipal, de 29 de dezembro, uma lista com as obras e revistas sobre indústria têxtil, que se anexa.<sup>159</sup>

Uma outra curiosidade encontrada no acervo do Arquivo Municipal foi a cópia de um ofício, remetido pela Câmara Municipal da Covilhã à Bibliotecária Municipal, contendo transcrita uma reclamação<sup>160</sup> de um leitor e utilizador da Biblioteca, Sr. Victorino de Almeida Bonina, dando conta da falta de bibliografia sobre a Cidade da Covilhã. Sugere, este munícipe, o livro de José Aires da Silva *História da Covilhã*, o qual faz parte da bibliografia consultada para este trabalho.

Os jornais eram e continuam a ser muito procurados nas Bibliotecas, tanto na Municipal como nas Privadas pertencentes às Associações Culturais e Coletividades. Em 1970, conforme documento anexo<sup>161</sup>, sabe-se que eram recebidos na Biblioteca Municipal os seguintes jornais:

- *Diário de Notícias;*
- *Diário popular;*
- *Diário da Manhã;*
- *A voz;*
- *Novidades;*
- *República;*
- *Comércio do Povo;*
- *Diário do Alentejo.*

---

<sup>158</sup> Vd. anexo XVIII.

<sup>159</sup> Vd. anexo XIX.

<sup>160</sup> Vd. anexo XX.

<sup>161</sup> Vd. anexo XXI.

### 3.3 - A BIBLIOTECA DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN NA COVILHÃ

Situada no mesmo edifício da Biblioteca Municipal da Covilhã, localizada ao Jardim Público, esteve instalada a Biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian, na Covilhã.

De acordo com Daniel Melo, no seu artigo “As bibliotecas da Fundação Gulbenkian e a leitura pública em Portugal (1957-1987)” a ação da Gulbenkian foi fundamental para a consagração da leitura pública até à assunção pelo Estado de uma rede de bibliotecas municipais em 1987.<sup>162</sup> Esta fundação, bem como a Ação Católica Portuguesa, era a única que detinha autonomia suficiente para subsistir às questões da censura e das vigilâncias da Polícia Política.

Em 1960 iniciou-se a instalação de bibliotecas fixas pela Fundação Calouste Gulbenkian, perdendo-se assim o tradicional uso das Bibliotecas Itinerantes. Para a criação destes espaços fixos era a própria Fundação Calouste Gulbenkian que custeava todo o material, desde os livros aos impressos e até mesmo ao mobiliário. Cabia aos Municípios as despesas inerentes às próprias instalações, como as rendas, despesas de água, luz, aquecimento, limpeza e conservação do mesmo. As despesas com pessoal estavam também à responsabilidade das Autarquias.

Esta Biblioteca, ao contrário da Biblioteca Municipal que apenas possibilitava a leitura interna, permitia o livre acesso às estantes e também o empréstimo domiciliário gratuito para todos os utilizadores.

Após algumas pesquisas no Arquivo Municipal foi possível encontrar alguns documentos que provam a frequência de leitores a esta Biblioteca.

Assim, conforme informação da Bibliotecária Municipal do ano de 1967<sup>163</sup>, é possível verificar que o movimento da Biblioteca da Fundação, no período compreendido entre 15 e 30 de setembro, foi de 525 leitores atendidos e 1.211 obras requisitadas. Numa outra informação, provavelmente do mesmo ano tendo em conta que estava situada no acervo do ano de 1967, constam 1.409 leitores atendidos e 3.522 volumes emprestados.<sup>164</sup>

Deste modo, e apenas com estes registos, é possível observar a quão procurada, visitada e utilizada era esta Biblioteca na cidade da Covilhã.

Outras curiosidades encontradas no mesmo acervo, correspondente ao ano de 1967, foram as cópias dos ofícios da Câmara Municipal da Covilhã, subscritos pelo seu presidente, Eng.º Vicente da Costa Borges Terenas, enviados à Bibliotecária Municipal sobre a Biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian:

---

<sup>162</sup> <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aso/n174/n174a03.pdf>, acesso em 3 de abril de 2012.

<sup>163</sup> Vd. anexo XXII.

<sup>164</sup> Vd. anexo XXIII.

- A 19 de janeiro de 1967 envia um ofício<sup>165</sup>, transcrevendo na íntegra um outro ofício da Fundação Calouste Gulbenkian, datado de 2 de janeiro, informando sobre a criação daquela Biblioteca na Covilhã. Nesse documento estavam expressas as condições acima citadas sobre a instalação de bibliotecas fixas, os deveres e as obrigações de ambas as partes, conforme havia já sido estabelecido. Os livros da Fundação eram emprestados a título renovável, devendo os mesmos ficar separados dos livros da Biblioteca Municipal, em estantes privadas. Os serviços de leitura e requisição de livros deveriam ser de acordo com os regulamentos da Fundação. Estava também determinado que o funcionário municipal destinado àquele serviço ficaria também sujeito às diretrizes e métodos de trabalho adotadas;

- Posteriormente, a 8 de março de 1967, através do ofício com a ref.<sup>a</sup> 2.026-Pº.G/53, é transcrito o ofício da Fundação Calouste Gulbenkian - Serviço de Bibliotecas Itinerantes Lisboa, datado de 1 de março desse mesmo ano, com o mesmo teor do anterior;<sup>166</sup>

- A 11 de abril de 1967, é enviado um novo ofício à Bibliotecária Municipal comunicando que, de acordo com a informação da Fundação Calouste Gulbenkian, no próximo mês de maio seriam enviadas as estantes necessárias para a correta arrumação dos volumes por ela oferecidos, bem como 24 mesas e 24 cadeiras;<sup>167</sup>

- Por último, mas de grande relevância, surge o ofício, datado de 12 de maio, no qual é transcrito o ofício da Fundação propondo que a Secção da Biblioteca Municipal abastecida por este Serviço, inicie a sua atividade a 16 de maio desse mesmo ano, pelas 17:00h.

### **3.4 - REGULAMENTO DA BIBLIOTECA MUNICIPAL DA COVILHÃ EM 1954**

A 29 de dezembro de 1954 foi aprovado, por deliberação tomada na reunião ordinária da Câmara Municipal, o Regulamento sobre o empréstimo domiciliário de espécies da Biblioteca Municipal da Covilhã.<sup>168</sup>

De acordo com o dito regulamento, datado de 14 de janeiro de 1955, o empréstimo domiciliário de espécies estava sujeito a determinadas regras e condições que tinham obrigatoriamente de ser cumpridas pelos leitores.

Assim, conforme estipulava a alínea a) do artigo 1º, o leitor, antes do empréstimo, era obrigado a apresentar um termo de responsabilidade de uma firma comercial devidamente legalizada, que servia como fiadora. Depois, segundo a alínea b) desse mesmo artigo, estava obrigado a fazer a sua inscrição, recebendo em seguida uma carta de leitor domiciliário,

---

<sup>165</sup> Vd. anexo XXIV.

<sup>166</sup> Vd. anexo XXV.

<sup>167</sup> Vd. anexo XXVI.

<sup>168</sup> Vd. anexo XXVII.

numerada, com validade de 1 de janeiro a 31 de dezembro de cada ano. Nesta altura era sujeito a pagar uma taxa de 1\$00 (um escudo) que serviam para despesas de expediente e conservação das espécies.

O mesmo artigo regulava ainda que o leitor tinha o dever de entregar a espécie no estado de conservação em que a recebia ou, caso a danificasse, apresentar um novo exemplar. O prazo de empréstimo era de oito dias, findo os quais cabia ao Bibliotecário decidir sobre o alargamento do prazo, caso não visse inconveniente ou não tivesse a obra sido solicitada por outro leitor.

O artigo 2º do dito regulamento estabelecia que, para se efetuar o empréstimo, fosse para cada obra requisitada redigido um verbete preenchido pelo funcionário e assinado pelo requisitante. Aquando da restituição da obra era entregue, ao leitor, um talão devidamente assinado pelo Bibliotecário atestando a sua devolução.

Se a entrega dos livros não fosse efetuada no tempo definido pelo Regulamento, determinava o artigo 3º, que o Bibliotecário os solicitasse por carta registada ao requisitante e se, mesmo assim, os mesmos não fossem entregues seria oficiado o abonador. Em caso de incumprimento na restituição das obras, por parte dos dois, era-lhes instaurada uma ação judicial.

Estipulava o artigo 4º que não era permitido emprestar à mesma pessoa mais que três volumes.

Segundo o artigo 5º cabia ao Bibliotecário negar o empréstimo caso o requisitante tivesse alguma vez sido incumpridor nos prazos de entrega. Também não era permitido o empréstimo de obras em que houvesse apenas um exemplar na Biblioteca de acordo com o artigo 6º.

### **3.5 - OBRA MAIS PROCURADA E LIDA NO INÍCIO DO ESTADO NOVO - PERÍODO DE 1932 A 1937**

De acordo com a informação disponível nos “Mapas Estatísticos Anuais” da Biblioteca Municipal da Covilhã, é possível concluir acerca das obras mais procuradas e lidas, no início do Estado Novo, nomeadamente de 1932 a 1937.

Assim, a obra mais procurada e lida neste período de tempo foi *O Conde Monte Cristo*, um romance da literatura francesa, escrito por Alexandre Dumas. Este livro manteve-se destacado nas preferências dos leitores nos anos de 1932, 1933, 1934, e 1936.

De entre os livros mais procurados e lidos no ano de 1933 destacam-se *O Crime do Padre Amaro*, de Eça de Queirós; *Os Miseráveis*, de Victor Hugo; *Santa Pátria*, de António Campos Júnior; *Mistério de Lisboa*, de Camilo Castelo Branco; *Estrelas Funestas*, de Camilo Castelo Branco; *Memórias do Cárcere*, de Camilo Castelo Branco; *A Mulher Fatal*, de Camilo Castelo

Branco; *Ala dos Namorados*, de António de Campos Júnior; *O Armeiro de Milão*, de Ponson du Terrail; *Mistérios da Inquisição*, de Francisco Gomes da Silva e também algumas Revistas.

No ano de 1935, a obra mais procurada e lida foi *Juramento dos Homens Vermelhos*, de Ponson Du Terrail e em 1937 foi *Mistério do Porto*, de Gervásio Lobato. Relativamente a este pormenor nada mais foi encontrado nos arquivos da Biblioteca Municipal da Covilhã pelo que se conclui que, a partir dessa data, pode ter deixado de se considerar como informação relevante.

### 3.6 - HORÁRIO DA BIBLIOTECA

Dos horários praticados na Biblioteca Municipal da Covilhã durante o período de tempo em análise, 1932-1974, muito pouca informação foi possível recolher nos arquivos municipais.

Através de alguns contactos pessoais efetuados, com antigos funcionários da Biblioteca e ainda ao serviço do Município da Covilhã, foi possível saber qual o horário de funcionamento da Biblioteca Municipal antes de 1972, data em que apareceu o primeiro registo sobre horário praticado naquela instituição.

Assim, de acordo com testemunhos fornecidos por uma antiga funcionária da Biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian, D. Fernanda Carrilho, e confirmado por um ex-funcionário da Biblioteca Municipal da Covilhã, Sr. Carlos Tavares, o horário de funcionamento da Biblioteca Municipal antes de 1972 era o seguinte: das 11:00h às 13:00h, das 15:00h às 19:30h e das 20:30h às 23:00h.

Em 1972, através do ofício n.º 1165, de 25 de fevereiro, da Câmara Municipal da Covilhã, foi definido um novo horário de funcionamento, previamente aprovado por unanimidade em reunião ordinária dessa Autarquia, realizada a 1 de fevereiro desse mesmo ano, constituído apenas por dois períodos de tempo: das 15:00h às 19:00h e das 20:00h às 22:00h.<sup>169</sup>

Conforme se verifica pelos registos de frequência de leitores da Biblioteca, é possível afirmar que esta apenas encerrou aos domingos e feriados no ano de 1954.

Também foi possível concluir que, durante o período de tempo em estudo, somente nos anos de 1933 e 1938, a Biblioteca esteve fechada durante o mês de agosto para férias.

No período compreendido entre 1953 e 1957, a Biblioteca não chegou a encerrar. De 1958 a 1968 a Biblioteca fechou durante uma quinzena por ano, optando pelo mês de agosto ou de setembro. Entre 1969 e 1973 esteve fechada trinta dias, nomeadamente na segunda quinzena do mês de agosto e na primeira do mês de setembro. Em 1974 encontrou-se encerrada de 3 a 25 de agosto.

---

<sup>169</sup> Vd. anexo XXVIII.

### 3.7 - ESTUDO COMPARATIVO DE FREQUÊNCIA E CONSULTA DE VOLUMES NO PERÍODO COMPREENDIDO ENTRE 1932 E 1947

Relativamente aos registos sobre o movimento de leitores e volumes consultados na Biblioteca Municipal da Covilhã, unicamente se teve acesso aos documentos apresentados pelo Bibliotecário Municipal ao Presidente da Comissão Administrativa Municipal, os quais constam como anexos às atas das reuniões de Câmara.

Os registos mensais e totais eram apresentados no início de cada ano e presentes à primeira reunião (Documentos n.º 7 e n.º 8).

Como se pode verificar, os registos mensais de leitores e volumes consultados eram efetuados segundo as secções do catálogo “Artes e Ciências”, “Comércio e Indústria”, “História e Geografia”, “Literatura e Belas Artes”, “Religião” e “Manuscritos e Diversos”.

**BIBLIOTECA MUNICIPAL**  
*Mapa Estatístico Anual*

1932		Leitores e volumes consultados nas diversas secções												Total de leitores	Total de volumes consultados
MEZES	Dias úteis	A Artes e Ciências		B Comércio e Indústria		C História e Geografia		D Literatura e Belas artes		E Religião		F Manuscritos diversos			
		L	V	L	V	L	V	L	V	L	V	L	V		
Janeiro	13	1	1	-	-	19	19	31	48	5	5	-	-	56	73
Fevereiro	19	2	2	-	-	18	18	116	179	7	7	-	-	143	206
Março	15	3	3	-	-	10	10	45	61	2	2	-	-	60	76
Abril	19	12	12	-	-	20	21	63	99	10	10	-	-	135	162
Maio	19	6	6	3	3	64	79	93	106	7	7	-	-	173	201
Junho	11	3	3	-	-	37	37	74	89	6	6	-	-	120	135
Julho	18	9	9	1	1	76	77	186	255	5	5	1	1	278	348
Agosto	22	13	13	2	2	58	58	196	259	22	23	1	1	292	356
Setembro	7	12	12	-	-	25	25	95	123	13	13	-	-	145	173
Outubro	14	7	7	1	1	12	12	67	73	-	-	-	-	87	93
Novembro	19	14	14	4	4	50	50	162	207	6	6	9	9	245	290
Dezembro	19	1	1	1	1	19	19	114	132	20	20	-	-	155	173
	198	83	83	12	12	428	445	1242	1631	103	106	11	11	1879	2285

Leitor mais assíduo: *Filipe Lopes Aguiar*  
 Obra mais procurada e lida: *Conde de Monte Cristo*  
 Média diária de leitores: *10*  
 " " de obras lidas: *12*

Biblioteca da Câmara Municipal de Covilhã, 31 de Dezembro de 1932

= O Bibliotecário Municipal, =  
*Nicolau Alberto Ferreira Pinheiro*

Documento n.º 7

Fonte: Arquivo Municipal da Covilhã.

**A importância da Biblioteca Municipal no desenvolvimento cultural da cidade da Covilhã:  
Período do Estado Novo 1933-1974**

*Biblioteca Municipal*

*Mapa estatístico anual*

Ano	Volumes Existentes			Número de volumes e sua classificação, segundo as secções do catalogo					
	Do ano anterior	Aquisições durante o ano	Total	A	B	C	D	E	F
				Letras e Ciências	Comércio e Indústria	História e Geografia	Literatura e Belas Artes	Religiões	Manuscritos e Diversos
1932	18.100	1.695	17.460	1.122	673	2.155	6.353	4.028	1.971

*Biblioteca Municipal de Covilhã, 31 de Dezembro de 1932*

— O BIBLIOTECÁRIO MUNICIPAL —

*Nicolaus Roberto Pereira Almeida*

Documento n.º 8

Fonte: Arquivo Municipal da Covilhã.

Uma vez que não foram encontrados registos disponíveis, relativamente aos anos de 1940 e 1941, estes anos não serão incluídos no estudo, pelo que se consideram apenas catorze anos entre os anos civis de 1932 a 1947. Os dados em análise encontram-se na tabela n.º 1.

**REGISTO DE LEITORES E VOLUMES CONSULTADOS**

Secção nº Ano	Artes e Ciências		Comércio e Indústria		História e Geografia		Literatura e Belas Artes		Religiões		Manuscritos Diversos		Total	
	Leitores	Volumes	Leitores	Volumes	Leitores	Volumes	Leitores	Volumes	Leitores	Volumes	Leitores	Volumes	Leitores	Volumes
1932	83	83	12	12	428	445	1242	1631	103	104	11	11	1879	2286
1933	140	143	4	4	262	265	1202	1426	78	78	328	359	2014	2275
1934	22	25	3	3	847	877	2418	2703	127	131	396	427	3813	4166
1935	35	40	1	1	576	582	2067	2626	183	180	271	296	3133	3725
1936	68	91	15	18	605	776	2381	3131	160	169	318	633	3547	4818
1937	96	116	1	1	701	843	2587	3196	114	121	287	552	3786	4829
1938	66	89	1	1	403	465	2007	2413	147	155	189	252	2813	3375
1939	7	7	0	0	166	184	1150	1345	15	15	202	242	1540	1793
1940														
1941														
1942	49	51	33	34	763	778	1363	1348	55	55	224	231	2487	2497
1943	58	58	14	14	268	262	1447	1482	14	14	261	264	2062	2094
1944	38	38	56	56	331	349	718	778	4	4	191	191	1338	1416
1945	43	44	17	18	200	212	882	977	16	16	80	80	1238	1347
1946	15	15	3	3	179	186	522	549	8	9	94	97	821	859
1947	21	21	4	4	188	198	1235	1347	19	19	131	133	1598	1722
Total	741	821	164	169	5917	6422	21221	24952	1043	1070	2983	3768	32069	37202
Taxa de Leitura	1,11		1,03		1,09		1,18		1,03		1,26		1,16	


Legenda:  Não existem documentação disponível relativamente a este período de tempo

Tabela n.º 1

Assim, constata-se que, nos anos em estudo, o valor médio de volumes consultados foi de 2.657,29 volumes e o valor médio de leitores foi de 2.290,64 leitores.

O número total de livros consultados supera o número de utilizadores em 5.133, sendo que, no total foram consultados 37.202 volumes por 32.069 utilizadores, o que corresponde a 1,16 volumes consultados por leitor.

Pelo gráfico n.º 1 verifica-se que a fluência de leitores não é regular ao longo do período de 1932 a 1947, sendo os anos de maior fluência os anos de 1934 a 1938. O tema mais procurado nos anos em estudo foi “Literatura e Belas Artes” seguindo-se “História e Geografia” e “Manuscritos Diversos”.

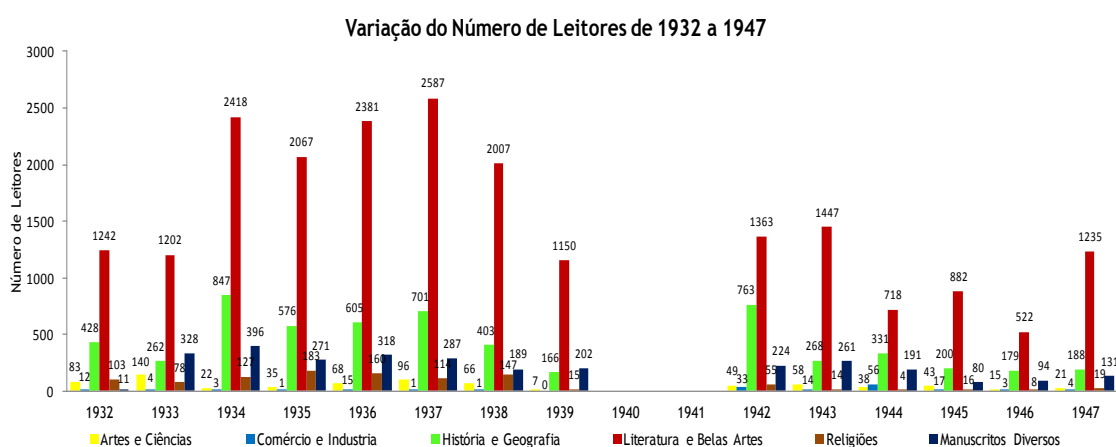


Gráfico n.º 1

Apesar da irregularidade da fluência de leitores à biblioteca, os interesses manifestados pelos mesmos apresentam-se sem alterações preferenciais significativas.

De um modo geral, ao longo dos anos em estudo, a percentagem de leitores em “Literatura e Belas Artes” é superior a 60%, “História e Geografia” varia entre 11% e 31%, os “Manuscritos Diversos” situam-se entre 1% e 16% e em conjunto as restantes categorias não excedem os 10% (gráfico n.º 2).

**A importância da Biblioteca Municipal no desenvolvimento cultural da cidade da Covilhã:  
Período do Estado Novo 1933-1974**

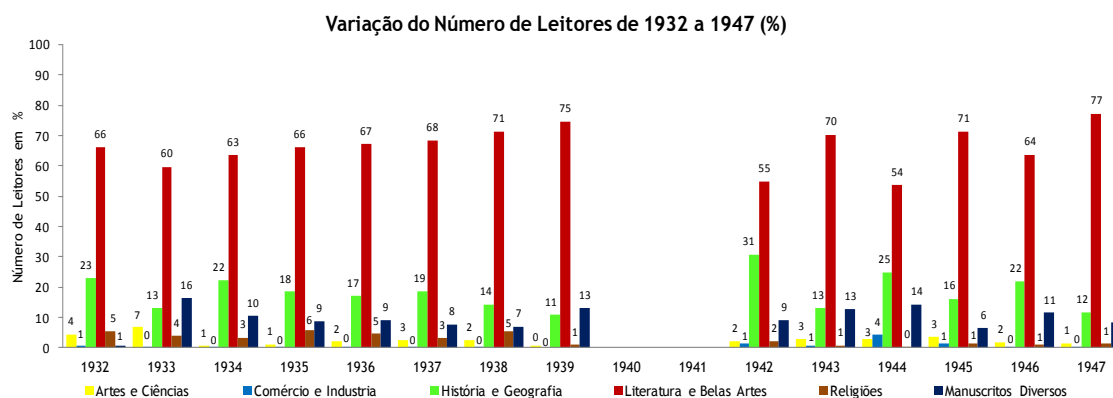


Gráfico n.º 2

Saliente-se que neste período a secção “Comércio e Indústria” foi das menos consultadas. No ano de 1939 esta secção não foi do interesse de nenhum dos leitores da biblioteca, contrastando com o ano de 1944 em que auferiu 4% da totalidade anual de leitores.

Analisando em conjunto os dados dos catorze anos do estudo verifica-se que a distribuição das preferências dos leitores pelas diversas secções mantém a mesma linha de tendência de cada uma das distribuições anuais, preferencialmente “Literatura e Belas Artes” obstando-se a “Comércio e Indústria”. (gráfico n.º 3)

**Distribuição da Frequência de Leitores pelas  
Secções do Catálogo no período entre 1932 e 1947**

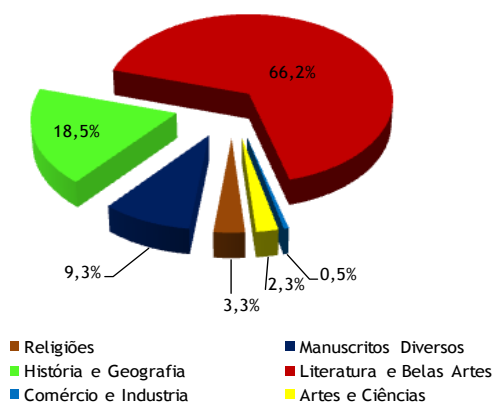


Gráfico n.º 3

O estudo da distribuição do número de volumes consultados pelas secções do catálogo mostrou que esta é análoga à verificada na distribuição do número de leitores pelas mesmas secções. Os gráficos referentes a esta na análise encontram-se em anexo.<sup>170</sup>

O número global de volumes consultados, nos anos referentes a este estudo, foi de 37.202 volumes, e o número global de leitores foi de 32.069, correspondendo a uma taxa de leitura de 1,16 volumes por leitor. Analisando a taxa de leitura por secções de catálogo verifica-se que a taxa mais alta foi atribuída a “Manuscritos Diversos” com 1,26 volumes por leitor, seguindo-se “Literatura e Belas Artes” com 1,18 volumes por leitor. Às secções “Comércio e Indústria” e “Religiões” corresponde o valor mais baixo de 1,03 volumes por leitor.

Saliente-se o facto de que, tratando-se de uma zona de interior onde a actividade principal se baseava na indústria, a escolha dos utilizadores da biblioteca assentar fundamentalmente em categorias como “Manuscritos Diversos” e “Literaturas e Belas Artes” em detrimento da categoria “Comércio e Indústria”.

### **3.8 - ESTUDO COMPARATIVO DE FREQUÊNCIA E CONSULTA DE VOLUMES NO PERÍODO COMPREENDIDO ENTRE 1953 E 1974**

Os registos encontrados sobre o movimento de leitores e volumes consultados na Biblioteca Municipal da Covilhã fazem parte dos documentos anexos às atas das reuniões da Câmara Municipal, constantes nos acervos do Arquivo Municipal da Covilhã.

Neste período de tempo o registo efetuava-se diariamente, sendo registada e apurada a frequência de leitores por profissões e volumes consultados por profissões, de acordo com o período diurno e noturno (tabela n.º 2) e (tabela n.º 3).

As tabelas que se seguem serviram de base para o apuramento dos dados constantes nos gráficos subsequentes.

---

<sup>170</sup> Vd. anexo XXIX. Gráficos relativos ao estudo efetuado sobre a distribuição do número de volumes consultados pelas secções do catálogo.

**A importância da Biblioteca Municipal no desenvolvimento cultural da cidade da Covilhã:  
Período do Estado Novo 1933-1974**

**REGISTO DE FREQUÊNCIA DE LEITORES POR PROFISSÕES**

Nº de Leitores		Comerciantes e Industriais	Empregados de Com. e Industria	Estudantes	Funcionários	Militares	Operários	Profissões Liberais	Outras Profissões	Total
1953	Dia	97	492	3518	130	57	561	29	816	5700
	Noite	48	1300	2062	80	91	1580	20	1483	6664
	Total	145	1792	5580	210	148	2141	49	2299	12364
1954	Dia	84	659	4071	131	30	519	6	698	6198
	Noite	64	1222	2618	148	75	855	54	1187	6223
	Total	148	1881	6689	279	105	1374	60	1885	12421
1955	Dia	72	710	4789	297	109	432	15	1341	7765
	Noite	69	1379	2711	253	85	760	49	1606	6912
	Total	141	2089	7500	550	194	1192	64	2947	14677
1956	Dia	86	407	4254	240	149	344	6	1187	6673
	Noite	51	1198	2552	132	136	597	2	1219	5887
	Total	137	1605	6806	372	285	941	8	2406	12560
1957	Dia	33	283	4865	92	213	382	1	828	6697
	Noite	29	902	2302	45	237	596	2	738	4851
	Total	62	1185	7167	137	450	978	3	1566	11548
1958	Dia	22	216	6145	46	65	286	0	440	7220
	Noite	9	659	1963	90	183	397	0	497	3798
	Total	31	875	8108	136	248	683	0	937	11018
1959	Dia	10	305	3580	51	99	206	0	581	4832
	Noite	6	555	1691	68	99	297	0	431	3147
	Total	16	860	5271	119	198	503	0	1012	7979
1960	Dia	9	252	4342	59	86	83	3	1600	6434
	Noite	6	585	1974	146	55	290	1	1355	4412
	Total	15	837	6316	205	141	373	4	2955	10846
1961	Dia	11	163	3875	69	70	46	0	1351	5585
	Noite	6	512	1799	212	26	294	1	1241	4091
	Total	17	675	5674	281	96	340	1	2592	9676
1962	Dia	12	221	3838	181	1	223	4	1008	5488
	Noite	9	362	1479	178	0	363	0	894	3285
	Total	21	583	5317	359	1	586	4	1902	8773
1963	Dia	10	126	2911	299	6	155	3	1110	4620
	Noite	9	225	1419	284	3	165	2	658	2765
	Total	19	351	4330	583	9	320	5	1768	7385
1964	Dia	7	184	3386	391	3	66	16	781	4834
	Noite	7	253	1299	334	24	101	12	589	2619
	Total	14	437	4685	725	27	167	28	1370	7453
1965	Dia	3	235	3395	322	8	58	21	681	4723
	Noite	3	231	1084	330	7	89	9	571	2324
	Total	6	466	4479	652	15	147	30	1252	7047
1966	Dia	3	178	3745	290	19	49	14	888	5186
	Noite	1	182	790	207	7	115	6	667	1975
	Total	4	360	4535	497	26	164	20	1555	7161
1967	Dia	9	113	3829	272	13	56	3	935	5230
	Noite	1	244	1201	224	0	229	2	957	2858
	Total	10	357	5030	496	13	285	5	1892	8088
1968	Dia	37	114	3917	134	6	156	21	853	5238
	Noite	12	305	1392	130	6	303	9	904	3061
	Total	49	419	5309	264	12	459	30	1757	8299
1969	Dia	13	60	3498	213	6	97	28	875	4790
	Noite	5	209	1756	78	0	240	16	969	3273
	Total	18	269	5254	291	6	337	44	1844	8063
1970	Dia	14	89	3753	246	20	66	24	684	4896
	Noite	6	202	2094	76	6	189	14	736	3323
	Total	20	291	5847	322	26	255	38	1420	8219
1971	Dia	17	149	2467	273	15	44	11	343	3319
	Noite	35	104	1411	114	0	118	9	462	2253
	Total	52	253	3878	387	15	162	20	805	5572
1972	Dia	16	159	3541	210	6	90	31	418	4471
	Noite	16	205	1548	195	1	167	6	396	2534
	Total	32	364	5089	405	7	257	37	814	7005
1973	Dia	9	167	3824	420	8	37	28	438	4931
	Noite	4	219	1604	496	1	50	9	166	2549
	Total	13	386	5428	916	9	87	37	604	7480
1974	Dia	12	102	3603	351	7	49	62	399	4585
	Noite	7	143	1939	351	3	54	18	160	2675
	Total	19	245	5542	702	10	103	80	559	7260

Tabela n.º 2

**A importância da Biblioteca Municipal no desenvolvimento cultural da cidade da Covilhã:  
Período do Estado Novo 1933-1974**

**REGISTO DE VOLUMES CONSULTADOS POR PROFISSÕES**

Nº de Volumes		Comerciantes e Industriais	Empregados de Com. e Industria	Estudantes	Funcionários	Militares	Operários	Profissões Liberais	Outras Profissões	Total
1953	Dia	162	648	4677	160	73	628	66	996	7410
	Noite	80	1669	2702	117	132	2045	27	1879	8651
	<b>Total</b>	<b>242</b>	<b>2317</b>	<b>7379</b>	<b>277</b>	<b>205</b>	<b>2673</b>	<b>93</b>	<b>2875</b>	<b>16061</b>
1954	Dia	127	892	5082	159	49	652	10	860	7831
	Noite	83	1674	3309	225	101	1050	85	1433	7960
	<b>Total</b>	<b>210</b>	<b>2566</b>	<b>8391</b>	<b>384</b>	<b>150</b>	<b>1702</b>	<b>95</b>	<b>2293</b>	<b>15791</b>
1955	Dia	99	1024	5768	416	156	627	19	1878	9987
	Noite	113	2023	3354	335	110	1015	66	2157	9173
	<b>Total</b>	<b>212</b>	<b>3047</b>	<b>9122</b>	<b>751</b>	<b>266</b>	<b>1642</b>	<b>85</b>	<b>4035</b>	<b>19160</b>
1956	Dia	160	583	5327	419	203	484	10	1691	8877
	Noite	100	1772	3180	174	187	791	4	1684	7892
	<b>Total</b>	<b>260</b>	<b>2355</b>	<b>8507</b>	<b>593</b>	<b>390</b>	<b>1275</b>	<b>14</b>	<b>3375</b>	<b>16769</b>
1957	Dia	111	430	7343	320	491	513	1	1252	10461
	Noite	89	1707	3448	121	640	784	2	1096	7887
	<b>Total</b>	<b>200</b>	<b>2137</b>	<b>10791</b>	<b>441</b>	<b>1131</b>	<b>1297</b>	<b>3</b>	<b>2348</b>	<b>18348</b>
1958	Dia	41	291	8294	60	113	324	0	646	9769
	Noite	12	1376	2953	166	242	451	0	953	6153
	<b>Total</b>	<b>53</b>	<b>1667</b>	<b>11247</b>	<b>226</b>	<b>355</b>	<b>775</b>	<b>0</b>	<b>1599</b>	<b>15922</b>
1959	Dia	10	483	5220	77	163	255	0	1028	7236
	Noite	6	999	2702	164	164	379	0	640	5054
	<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>1482</b>	<b>7922</b>	<b>241</b>	<b>327</b>	<b>634</b>	<b>0</b>	<b>1668</b>	<b>12290</b>
1960	Dia	12	404	6644	114	205	118	6	2820	10323
	Noite	8	1166	3530	313	130	473	1	2516	8137
	<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>1570</b>	<b>10174</b>	<b>427</b>	<b>335</b>	<b>591</b>	<b>7</b>	<b>5336</b>	<b>18460</b>
1961	Dia	20	286	6392	111	166	74	0	2846	9895
	Noite	8	1232	3438	306	71	594	2	2565	8216
	<b>Total</b>	<b>28</b>	<b>1518</b>	<b>9830</b>	<b>417</b>	<b>237</b>	<b>668</b>	<b>2</b>	<b>5411</b>	<b>18111</b>
1962	Dia	18	375	6918	340	1	398	6	2118	10174
	Noite	16	801	3277	487	0	693	0	1868	7142
	<b>Total</b>	<b>34</b>	<b>1176</b>	<b>10195</b>	<b>827</b>	<b>1</b>	<b>1091</b>	<b>6</b>	<b>3986</b>	<b>17316</b>
1963	Dia	13	225	4830	531	6	292	8	1720	7625
	Noite	9	465	2837	767	8	248	12	1282	5628
	<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>690</b>	<b>7667</b>	<b>1298</b>	<b>14</b>	<b>540</b>	<b>20</b>	<b>3002</b>	<b>13253</b>
1964	Dia	14	251	5335	680	4	104	16	1104	7508
	Noite	12	437	2366	708	47	135	20	948	4673
	<b>Total</b>	<b>26</b>	<b>688</b>	<b>7701</b>	<b>1388</b>	<b>51</b>	<b>239</b>	<b>36</b>	<b>2052</b>	<b>12181</b>
1965	Dia	4	267	4969	492	13	90	25	921	6781
	Noite	7	362	1716	721	18	138	14	958	3934
	<b>Total</b>	<b>11</b>	<b>629</b>	<b>6685</b>	<b>1213</b>	<b>31</b>	<b>228</b>	<b>39</b>	<b>1879</b>	<b>10715</b>
1966	Dia	3	225	5177	392	31	70	25	1263	7186
	Noite	2	312	1139	333	16	165	21	1160	3148
	<b>Total</b>	<b>5</b>	<b>537</b>	<b>6316</b>	<b>725</b>	<b>47</b>	<b>235</b>	<b>46</b>	<b>2423</b>	<b>10334</b>
1967	Dia	9	142	5367	357	30	70	4	1262	7241
	Noite	1	377	1737	368	0	285	4	1332	4104
	<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>519</b>	<b>7104</b>	<b>725</b>	<b>30</b>	<b>355</b>	<b>8</b>	<b>2594</b>	<b>11345</b>
1968	Dia	46	160	5341	234	9	182	62	1102	7136
	Noite	15	438	1798	241	9	368	29	1206	4104
	<b>Total</b>	<b>61</b>	<b>598</b>	<b>7139</b>	<b>475</b>	<b>18</b>	<b>550</b>	<b>91</b>	<b>2308</b>	<b>11240</b>
1969	Dia	19	68	4488	369	16	105	53	1137	6255
	Noite	11	277	2119	115	0	272	34	1303	4131
	<b>Total</b>	<b>30</b>	<b>345</b>	<b>6607</b>	<b>484</b>	<b>16</b>	<b>377</b>	<b>87</b>	<b>2440</b>	<b>10386</b>
1970	Dia	19	123	4457	301	46	72	47	820	5885
	Noite	11	247	2474	94	10	210	29	942	4017
	<b>Total</b>	<b>30</b>	<b>370</b>	<b>6931</b>	<b>395</b>	<b>56</b>	<b>282</b>	<b>76</b>	<b>1762</b>	<b>9902</b>
1971	Dia	17	354	3435	326	31	60	22	499	4744
	Noite	35	127	1986	168	0	145	24	607	3092
	<b>Total</b>	<b>52</b>	<b>481</b>	<b>5421</b>	<b>494</b>	<b>31</b>	<b>205</b>	<b>46</b>	<b>1106</b>	<b>7836</b>
1972	Dia	35	311	5021	344	10	112	73	612	6518
	Noite	19	285	2217	299	1	192	7	516	3536
	<b>Total</b>	<b>54</b>	<b>596</b>	<b>7238</b>	<b>643</b>	<b>11</b>	<b>304</b>	<b>80</b>	<b>1128</b>	<b>10054</b>
1973	Dia	13	240	5304	610	9	47	57	774	7054
	Noite	5	359	2144	864	2	58	19	222	3673
	<b>Total</b>	<b>18</b>	<b>599</b>	<b>7448</b>	<b>1474</b>	<b>11</b>	<b>105</b>	<b>76</b>	<b>996</b>	<b>10727</b>
1974	Dia	14	148	6523	521	9	82	141	889	8327
	Noite	7	212	3270	574	4	67	39	223	4396
	<b>Total</b>	<b>21</b>	<b>360</b>	<b>9793</b>	<b>1095</b>	<b>13</b>	<b>149</b>	<b>180</b>	<b>1112</b>	<b>12723</b>

Tabela n.º 3

**A importância da Biblioteca Municipal no desenvolvimento cultural da cidade da Covilhã:  
Período do Estado Novo 1933-1974**

As profissões consideradas nos “Mapas Estatísticos”, e conforme se pode visualizar no documento n.º 9, eram as seguintes: “Comerciantes e industriais”, “Empregados de Comércio e Indústria”, “Estudantes”, “Funcionários”, “Militares”, “Operários”, “Profissões Liberais” e “Outras Profissões”.

No final de cada mapa era feito um resumo onde se apurava o total de leitores e o total de volumes consultados. Estes registos eram feitos manualmente, razão pela qual se encontraram alguns erros nas somas dos mesmos.

CÂMARA MUNICIPAL DA COVILHÃ															FREQÜÊNCIA DE LEITORES POR PROFISSÕES E VOLUMES CONSULTADOS					
BIBLIOTECA MUNICIPAL															RESUMO					
MÊS	Comerciantes e Industriais		Empregados de Comércio e Indústria		Estudantes		Funcionários		Militares		Operários		Profissões Liberais		Outras profissões		LEITORES	TOTAL	Volum. consultados	TOTAL
	N.º de leitores	N.º de volumes	N.º de leitores	N.º de volumes	N.º de leitores	N.º de volumes	N.º de leitores	N.º de volumes	N.º de leitores	N.º de volumes	N.º de leitores	N.º de volumes	N.º de leitores	N.º de volumes	N.º de leitores	N.º de volumes				
1																				
2																				
3																				
4																				
5																				
6																				
7																				
8																				
9																				
10																				
11																				
12																				
13																				
14																				
15																				
16																				
17																				
18																				
19																				
20																				
21																				
22																				
23																				
24																				
25																				
26																				
27																				
28																				
29																				
30																				
31																				
SOMA	17	37	158	217	579	784	13	16	6	7	354	495	4	6	220	238	1328	1328	1850	1850

Total mensal: Leitores: 1.328  
 Volumes consultados: 1.850

Documento n.º 9

Fonte: Arquivo Municipal da Covilhã.

De acordo com os dados recolhidos verifica-se que no período de 1953 a 1974 a biblioteca foi frequentada por 200.894 leitores. A distribuição do número de leitores pelas oito profissões consideradas encontra-se no gráfico n.º 4.

Distribuição do Número Total de Leitores por profissões (de 1953 a 1974)

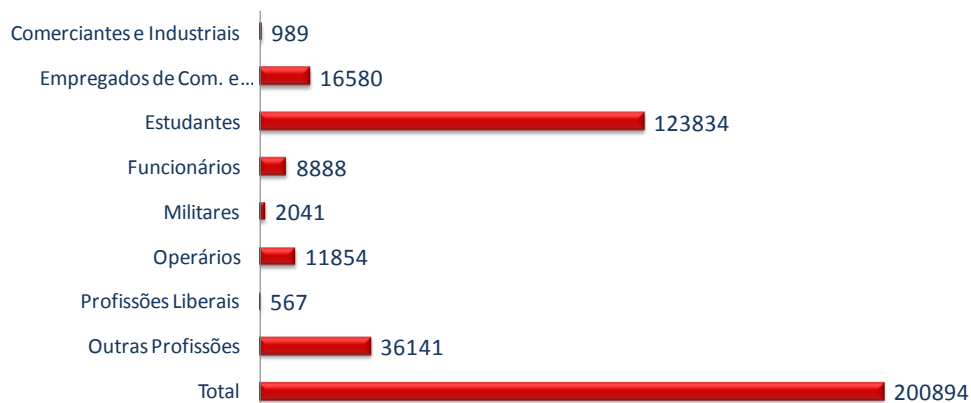


Gráfico n.º 4

Considerando os vinte e dois anos do estudo o valor médio anual de leitores na biblioteca é de 9.132 leitores, conforme se pode verificar no gráfico n.º 5. Neste gráfico apresentam-se os valores médios anuais por profissões.

Valor Médio Anual de Leitores referente aos anos de 1953 a 1974

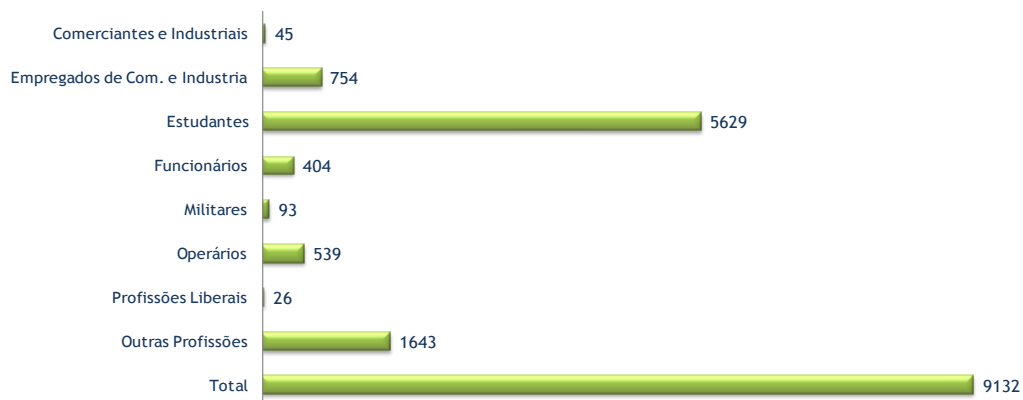


Gráfico n.º 5

Como se constata pelos dois gráficos anteriores são os leitores Estudantes os mais assíduos da biblioteca em oposição aos leitores pertencentes às Profissões Liberais. Comparativamente salienta-se que o número de leitores Estudantes neste período foi de 123.834 leitores, equivalendo a um valor médio anual de 5.629 leitores, e que no mesmo período o número de leitores classificados como pertencentes a Profissões Liberais foi de 567 leitores, correspondendo a um valor médio anual de 26 leitores.

O valor médio anual de volumes consultados por profissões, neste período de tempo, à semelhança da distribuição de leitores por profissões, predomina maioritariamente na categoria dos Estudantes, com um valor médio anual de 8.164 volumes consultados, conforme gráfico n.º 6. Em oposição encontram-se as Profissões Liberais com um valor médio anual de 50 volumes consultados.

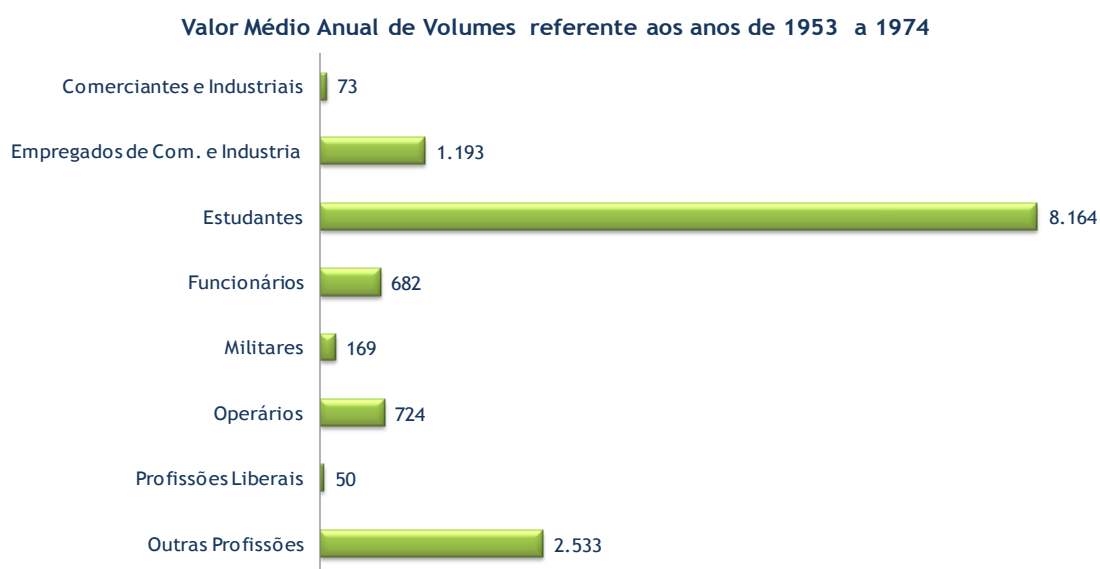


Gráfico n.º 6

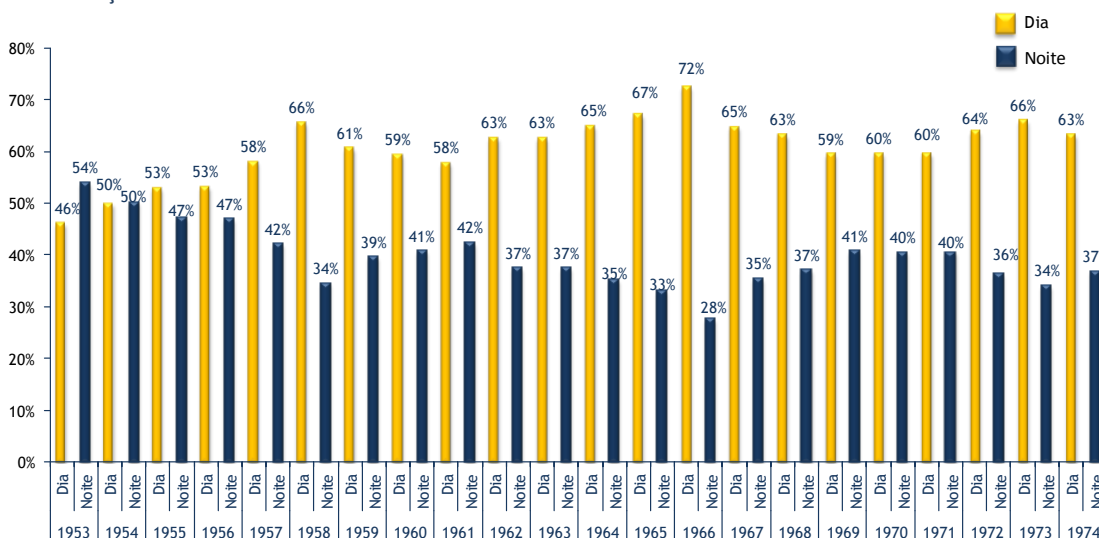
Considerando os períodos, diurno e noturno, de funcionamento da Biblioteca Municipal da Covilhã no período de tempo de 1953 a 1974 é possível observar a variação na utilização deste espaço através do gráfico n.º 7, onde constam os valores das frequências relativas anuais dos períodos diurno e noturno.

Da observação do gráfico verifica-se que, no primeiro ano deste estudo, 1953, o período mais frequentado foi o noturno, com 54% de leitores. Gradualmente esta tendência inverteu-se atingindo um valor mínimo de 28%, no ano de 1966.

Constata-se que, a partir da década de sessenta o período diurno apresenta anualmente mais cerca de 20% de leitores do que o período noturno.

**A importância da Biblioteca Municipal no desenvolvimento cultural da cidade da Covilhã:  
Período do Estado Novo 1933-1974**

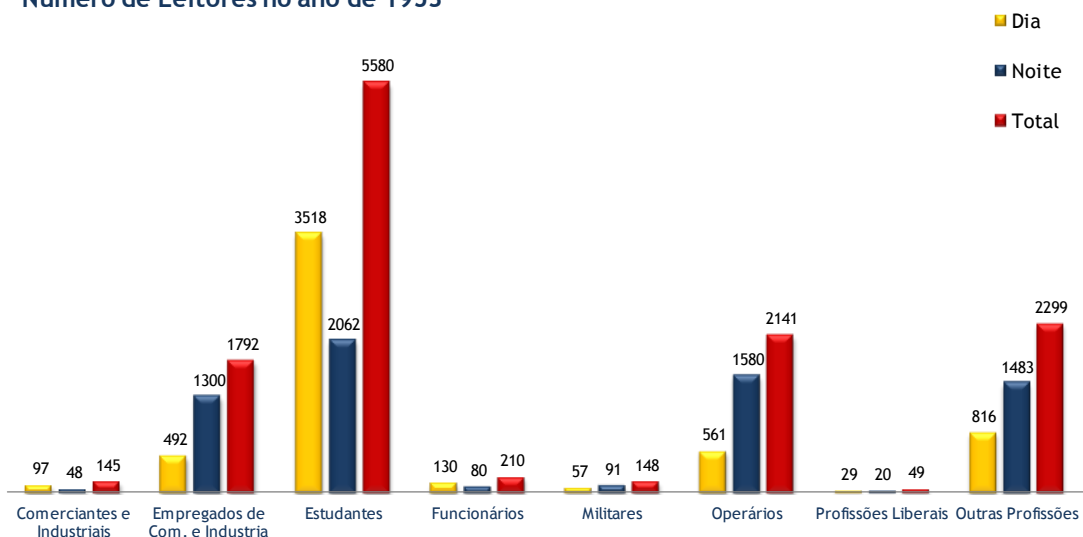
**Variação da taxa anual de Leitores da Biblioteca - dia/noite**



**Gráfico n.º 7**

Analisando em detalhe o ano de 1953, atendendo à dissemelhança para com os outros anos do estudo, em que o período noturno teve uma maior afluência, a categoria de leitores mais assídua foi a dos Estudantes com 2.062 utilizadores, seguindo-se a categoria dos Operários com 1.580 visitas, a categoria de Outras Profissões com 1.483 e por último a categoria das Profissões Liberais com 20 utilizadores, gráfico n.º 8.

**Número de Leitores no ano de 1953**



**Gráfico n.º 8**

Neste mesmo ano, no que se refere ao número de volumes consultados, apesar de este ser ligeiramente superior ao número de leitores, não apresenta grandes alterações quanto à distribuição pelas profissões, como se pode observar no gráfico n.º 9.

**Número de Volumes Consultados no ano de 1953**

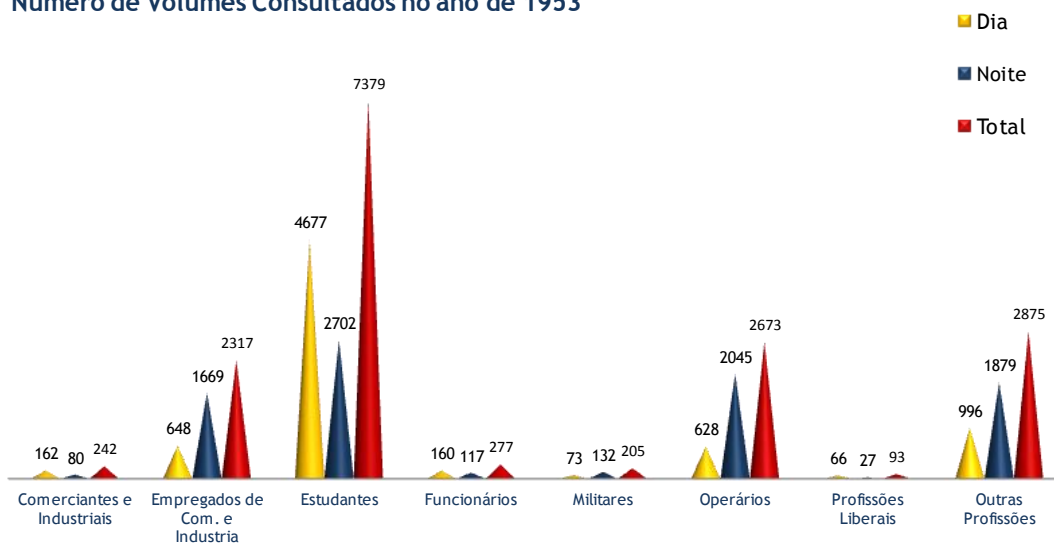


Gráfico n.º 9

Comparativamente observa-se que o número de volumes consultados mantém a mesma linha de tendência relativamente ao número de leitores, gráfico n.º 10.

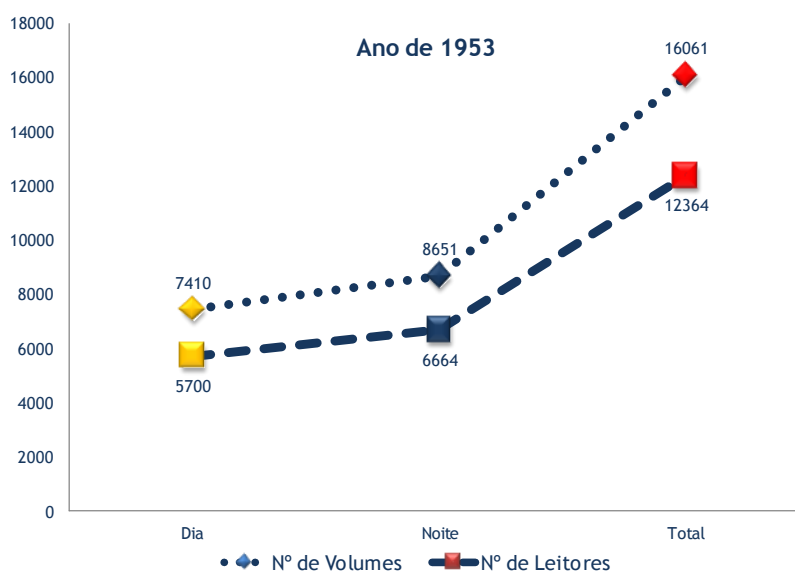


Gráfico n.º 10

Por oposição ao ano de 1953, consta-se que no ano de 1966 o período noturno registou os valores mínimos de frequência da biblioteca. Os utilizadores distribuem-se por todas as categorias mantendo-se a dos Estudantes com o valor de frequência mais elevado, 790 leitores, seguindo-se a categoria Outras Profissões com 667 leitores. Todas as outras categorias obtiveram um valor muito reduzido, gráfico n.º 11.

**Número de Leitores no ano de 1966**

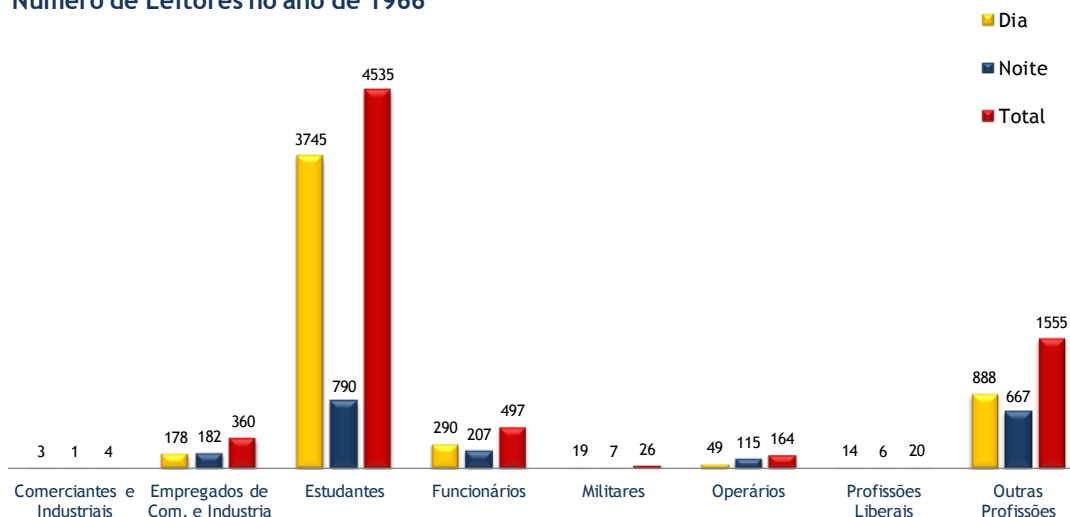


Gráfico n.º 11

A distribuição do número de utilizadores e do número de volumes consultados por profissões é análoga, como se pode verificar por comparação dos gráficos n.º 11 e n.º 12.

**Número de Volumes Consultados no ano de 1966**

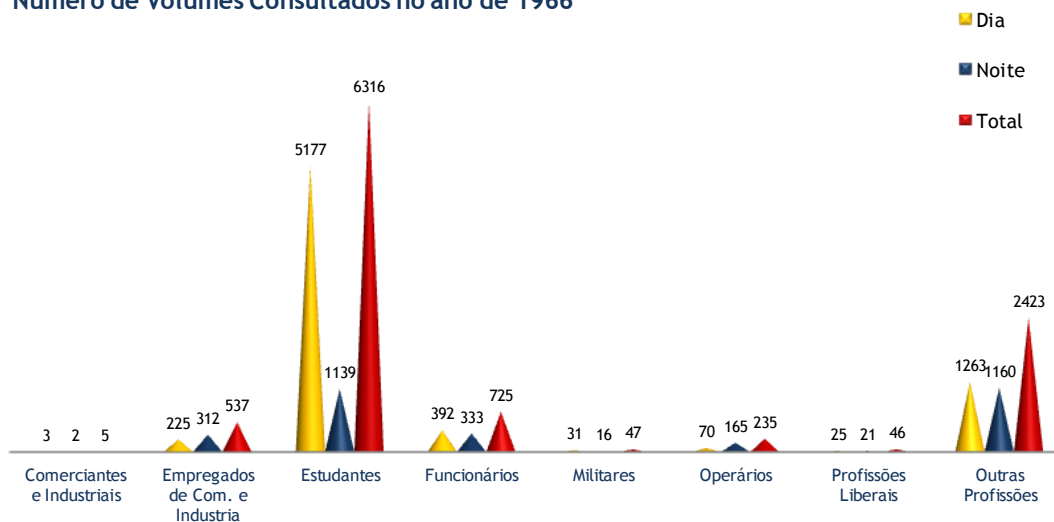


Gráfico n.º 12

Tendo em apreciação o gráfico n.º 13 verifica-se uma descida acentuada do número total de utilizadores e por inerência no número total de volumes consultados, no período noturno no ano de 1966.

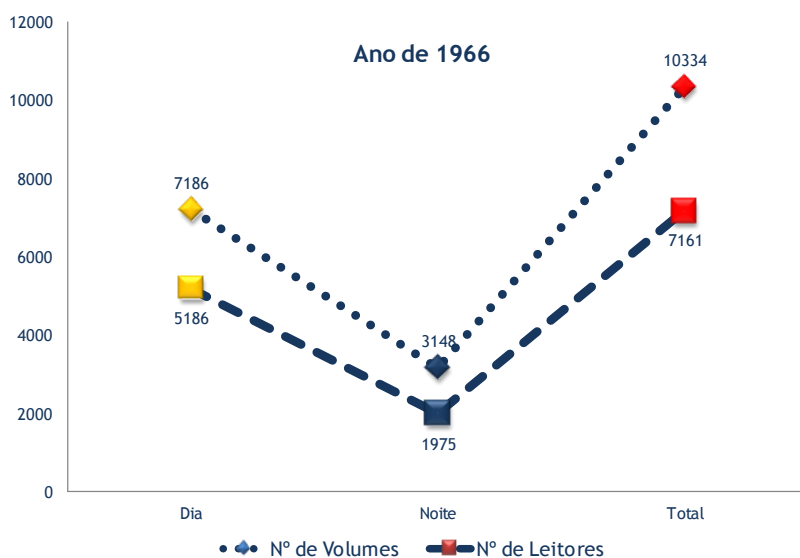


Gráfico n.º 13

O número de leitores da Biblioteca Municipal da Covilhã, atingiu o valor máximo no ano de 1955, com um total de 14.677 leitores, correspondendo a 7.765 leitores no período diurno e 6.912 leitores no período noturno, gráfico n.º 14. Constata-se também que o ano de menor afluência foi 1971 com 5.572 leitores, dos quais 3.319 correspondem ao período diurno e 2.253 ao período noturno.

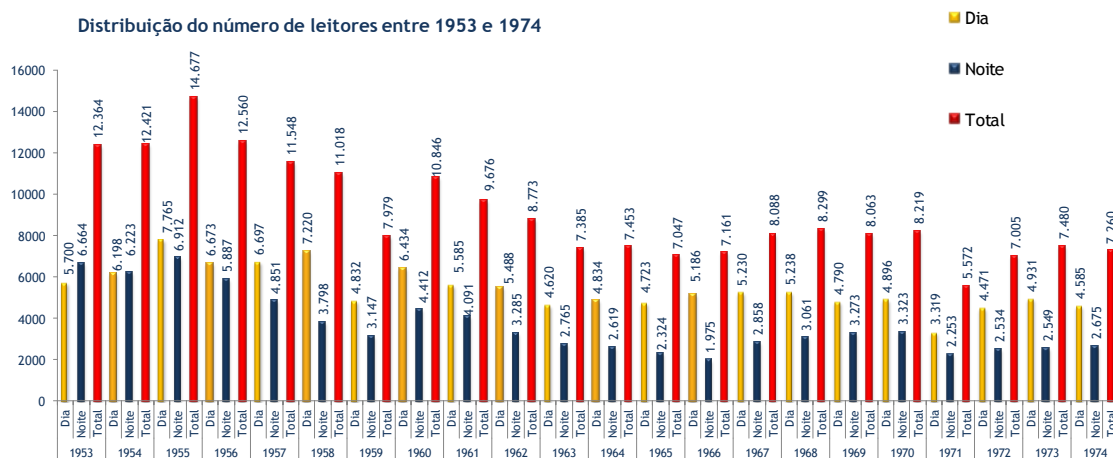


Gráfico n.º 14

Mais pormenorizadamente é possível observar, através dos gráficos n.º 15 e n.º 16, que sendo 1955 o ano de maior afluência à Biblioteca Municipal da Covilhã foi a categoria dos Estudantes a mais assídua com 7.500 frequências e a que mais volumes consultou, num total de 9.122 volumes, dos quais 5.768 correspondem ao período diurno e 3.354 ao período noturno.

Número de Leitores no ano de 1955

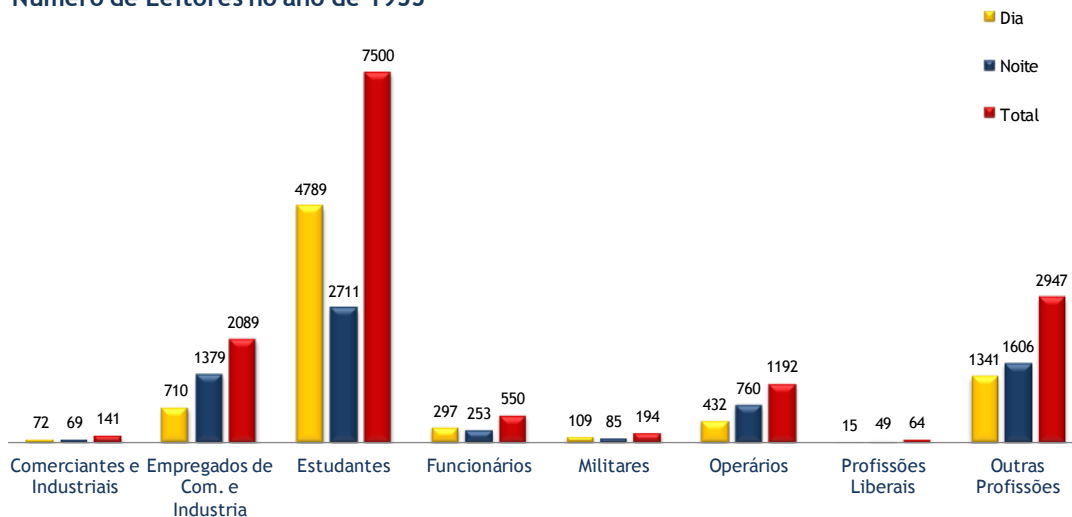


Gráfico n.º 15

Número de Volumes Consultados no ano de 1955

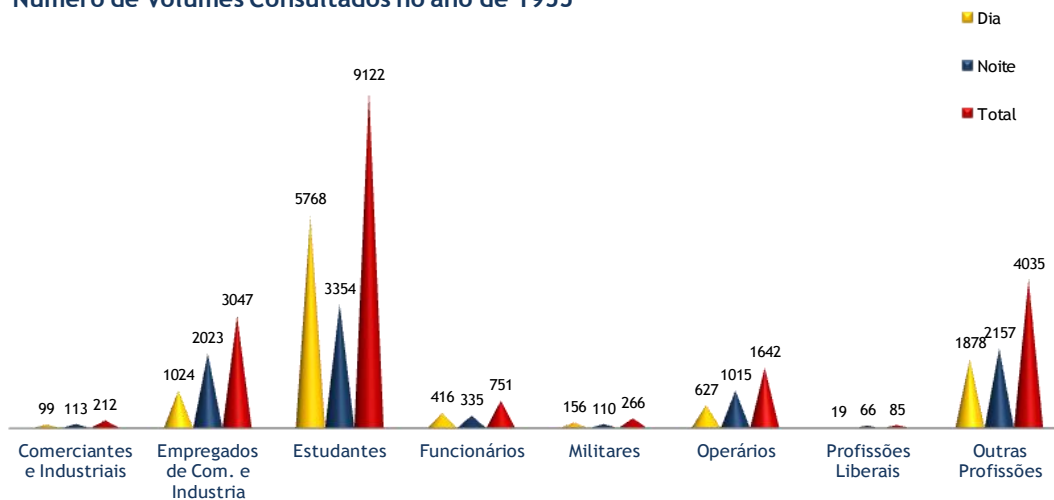


Gráfico n.º 16

Em oposição aos resultados do ano de 1955 é visível no ano de 1971 uma acentuada diminuição na adesão à Biblioteca Municipal da Covilhã, conforme se pode observar através dos gráficos n.º 17 e n.º 18. O número de leitores e consequentemente o número de volumes consultados reduziu proporcionalmente em todas as classes.

Durante este ano civil a categoria Militares obteve um valor de frequência de 15 leitores exclusivamente no período diurno.

**Número de Leitores no ano de 1971**

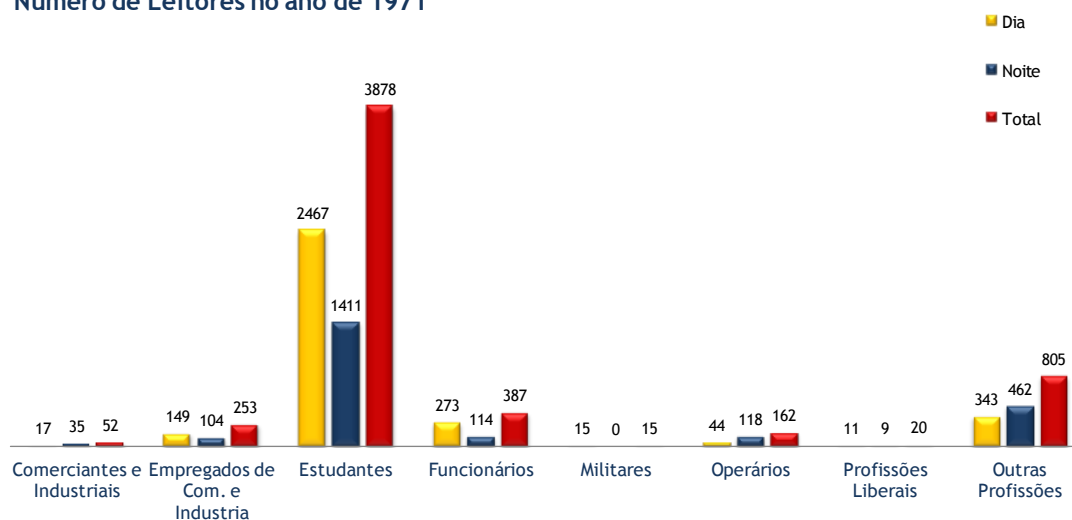


Gráfico n.º 17

**Número de Volumes Consultados no ano de 1971**



Gráfico n.º 18

Conforme se pode observar pelos dois gráficos anteriores os utilizadores pertencentes às categorias de Profissões Liberais, Operários, Empregados do Comércio e Indústria e a Outras Profissões utilizavam a biblioteca preferencialmente no período noturno.

Tendo em conta a disparidade de valores de frequência na Biblioteca Municipal da Covilhã, no período em estudo, nas diferentes categorias, torna-se indispensável a análise do comportamento próprio de cada categoria ao longo dos anos de 1953 a 1974.

No que concerne à categoria Operários verifica-se uma diminuição brusca durante a década de cinquenta, prolongando-se a diminuição de utilização da biblioteca, com pequenas flutuações, até ao final do período em estudo, passando de 2.141 leitores no ano de 1953 para 87 leitores no ano de 1973. Preferencialmente estes utilizadores frequentaram a Biblioteca Municipal da Covilhã nomeadamente no período noturno, gráfico n.º 19.

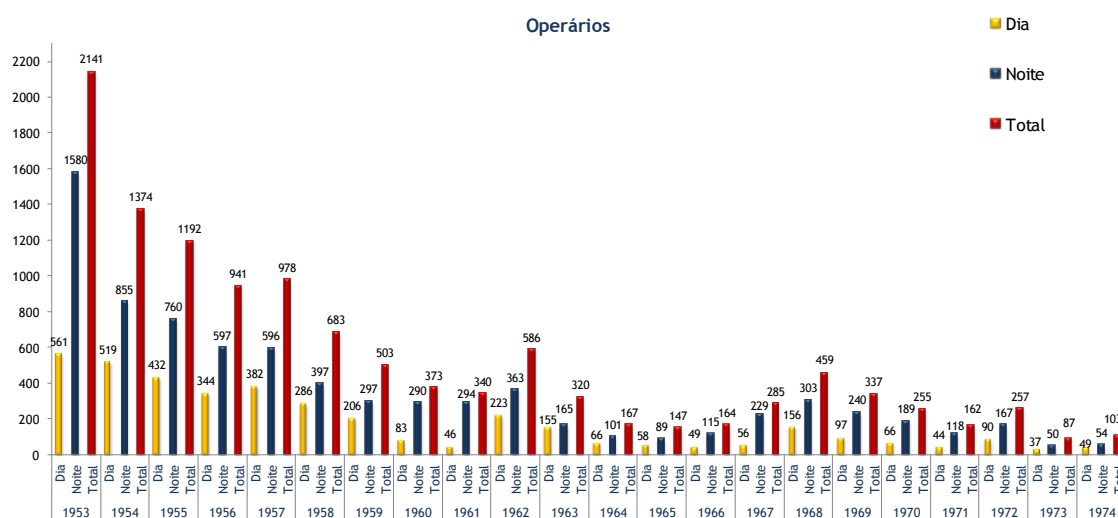


Gráfico n.º 19

À semelhança da categoria anterior os utilizadores classificados na categoria de Empregados de Comércio e Indústria utilizaram preferencialmente a Biblioteca Municipal da Covilhã no período noturno. Apesar do acentuado decréscimo ao longo no período em estudo observa-se uma ligeira subida entre os anos de 1953 e 1955, atingindo o valor máximo de frequência, no ano de 1955, de 2.089 e o valor mínimo, no ano de 1974, de 245 leitores, gráfico n.º 20.

**A importância da Biblioteca Municipal no desenvolvimento cultural da cidade da Covilhã:  
Período do Estado Novo 1933-1974**

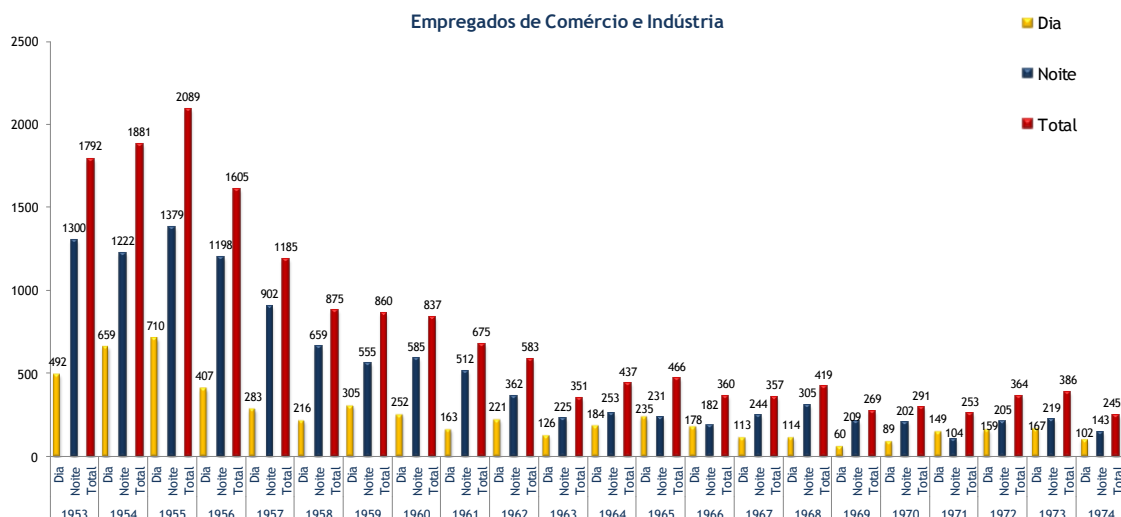


Gráfico n.º 20

A distribuição de resultados da categoria Profissões Liberais ao longo do período em causa mostra-se diferente das categorias anteriormente analisadas. É possível considerar três grupos dentro desta distribuição. O período entre 1956 e 1963 em que a frequência foi muito reduzida tendo sido mesmo nula nos anos de 1958 e 1959. Durante os anos de 1954 e 1955 verificou-se uma maior utilização da biblioteca no período noturno, enquanto que no período de 1964 a 1974 os utilizadores desta categoria optaram, maioritariamente, pelo período diurno. Durante o período em estudo, o ano em que se verificou o maior número de utilizadores foi em 1974, com 80 leitores na categoria de Profissões Liberais, gráfico n.º 21.

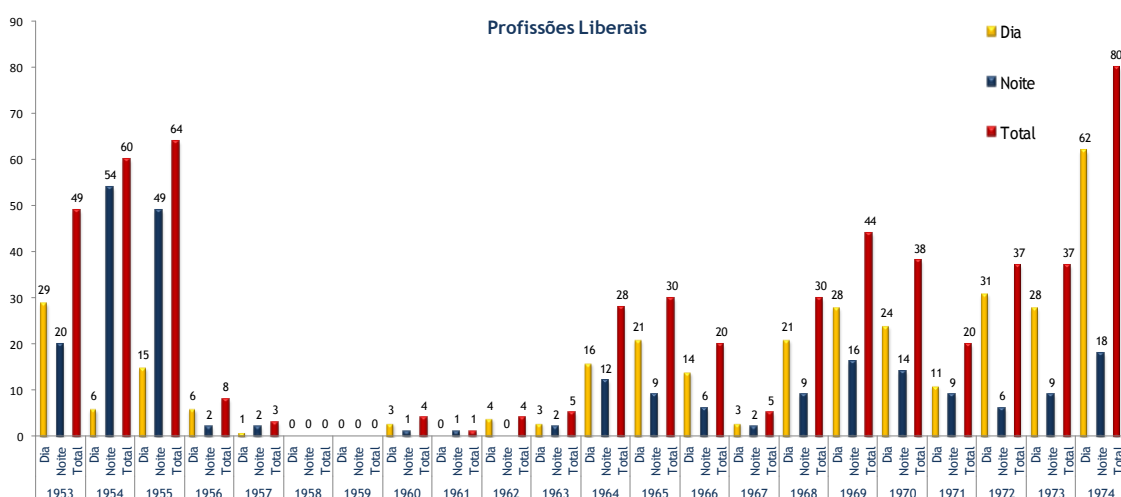


Gráfico n.º 21

Os utentes classificados na categoria Comerciantes e Industriais, utilizaram a Biblioteca particularmente no período diurno. Verifica-se, pelo gráfico n.º 22, uma acentuada diminuição na frequência após o ano de 1956, tendo sido atingido o valor mínimo de 4 utilizadores no ano de 1966 e o valor máximo no ano de 1954, correspondendo a 148 leitores.

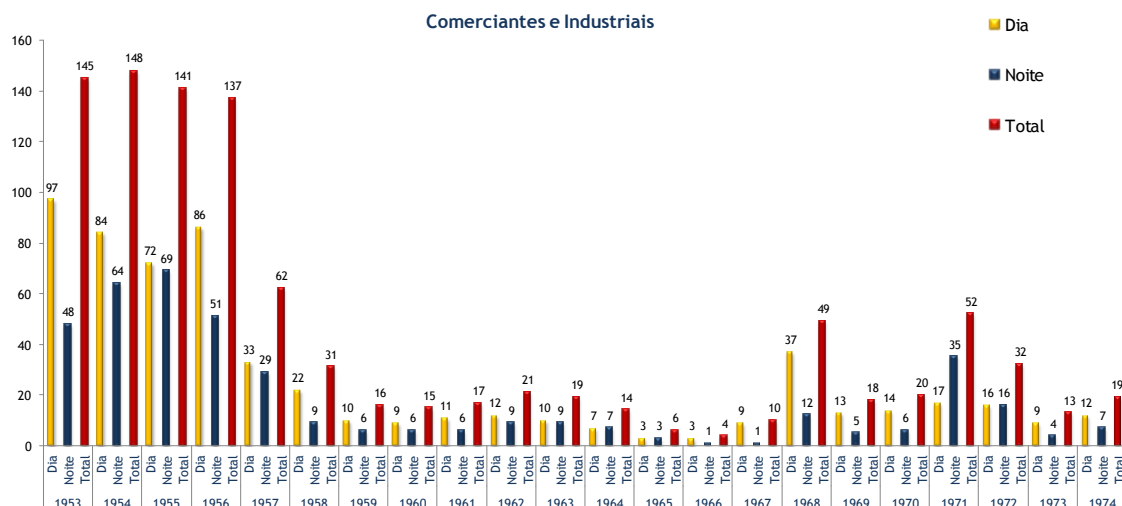


Gráfico n.º 22

No que diz respeito à categoria mais assídua da biblioteca, Estudantes, esta apresenta uma distribuição com pequenas variações ao longo de todos os anos, sendo preferencial o período diurno, gráfico n.º 23. O ano em que se verificou a maior frequência foi o ano de 1958, com 8.108 leitores, em oposição ao ano de 1971 com 3.878 leitores.

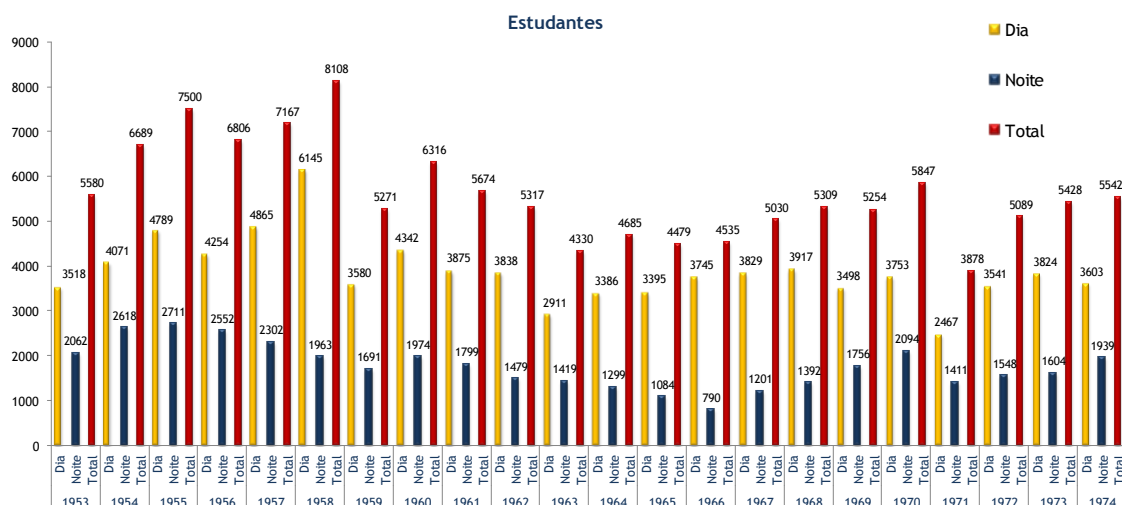


Gráfico n.º 23

**A importância da Biblioteca Municipal no desenvolvimento cultural da cidade da Covilhã:  
Período do Estado Novo 1933-1974**

No período de tempo em análise a categoria Militares ostenta uma distribuição bastante diferente das categorias anteriores, apresentando uma aumento de frequência do ano de 1953 a 1957, com valor máximo de 450 leitores, seguida de uma diminuição da frequência até ao ano de 1962, onde se registou apenas 1 leitor. Nos anos seguintes a frequência de utilização foi bastante reduzida, gráfico n.º 24.

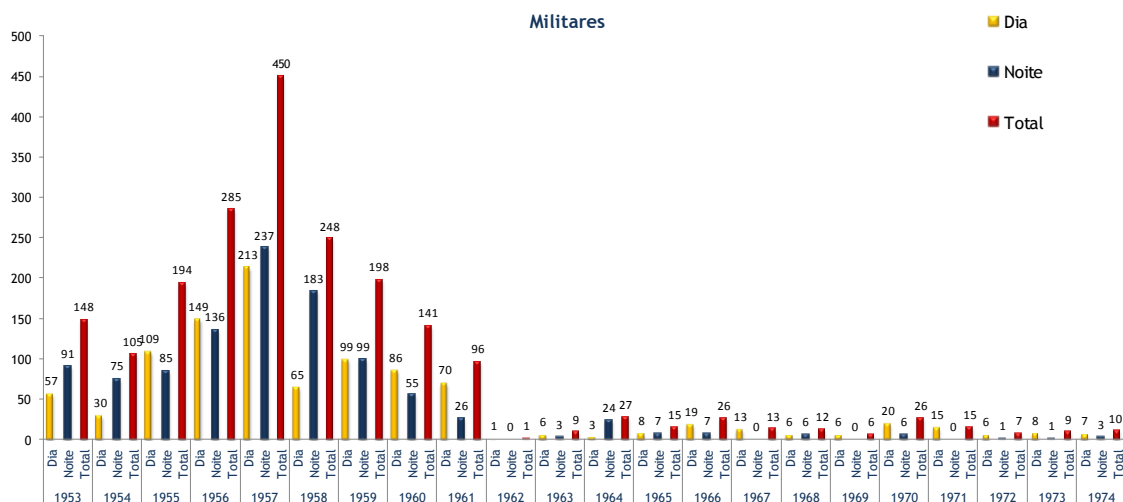


Gráfico n.º 24

No que concerne à categoria Funcionários a frequência de utilização da Biblioteca Municipal da Covilhã apresenta flutuações mostrando dois períodos em que a utilização foi menor, de 1957 a 1962 e de 1968 a 1972, gráfico n.º 25. As variações de frequência, entre o período diurno e noturno, não se consideram relevantes tendo em conta que se apresentam bastante equilibradas. O ano de maior afluência à Biblioteca Municipal, por parte deste sector, foi o de 1973 com 916 leitores, das quais 496 registaram-se no período noturno.

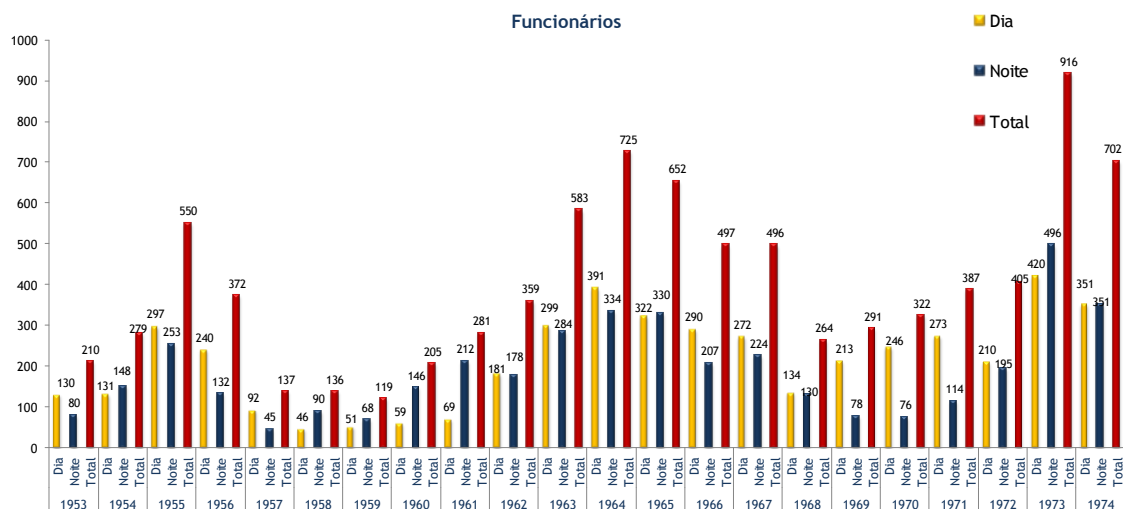


Gráfico n.º 25

Por último apresenta-se a categoria correspondente a Outras Profissões, gráfico n.º 26.

Observa-se pelo gráfico a afluência à Biblioteca Municipal em ambos os períodos diurno e noturno, à semelhança de outras categorias também esta apresenta variações, atingindo um valor máximo de 2.955 leitores em 1960 e valor mínimo de 559 leitores em 1974.

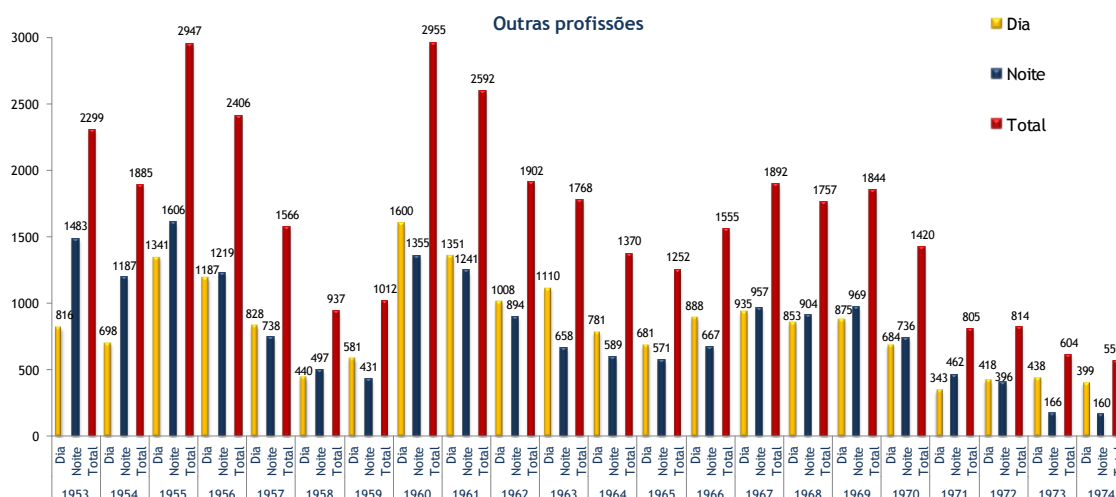


Gráfico n.º 26

Os dados recolhidos referentes ao número total de volumes consultados são ligeiramente superiores ao número total de leitores da biblioteca. A distribuição do número de volumes consultados por profissões acompanha a distribuição de frequência de utilizadores por profissões, pelo que se dispensa a sua apresentação exaustiva. Os gráficos relativos a este estudo encontram-se em anexo a este documento.<sup>171</sup>

No gráfico n.º 27 apresenta-se a distribuição percentual anual dos 200.894 leitores da Biblioteca Municipal da Covilhã entre os anos de 1953 e 1974. A percentagem média anual de utilização da biblioteca, tendo em consideração os 22 anos do estudo, foi de 4,55%. O ano em que se verificou o valor de frequências relativa mais elevado foi o ano de 1955, com 7,31%, o valor mais baixo foi registado no ano de 1971, com 2,77%.

A variação percentual de utilização nos períodos, diurno e noturno, acompanham a variação percentual total ao longo dos anos.

<sup>171</sup> Vd. anexo XXX. Gráficos referentes aos volumes consultados por profissões.

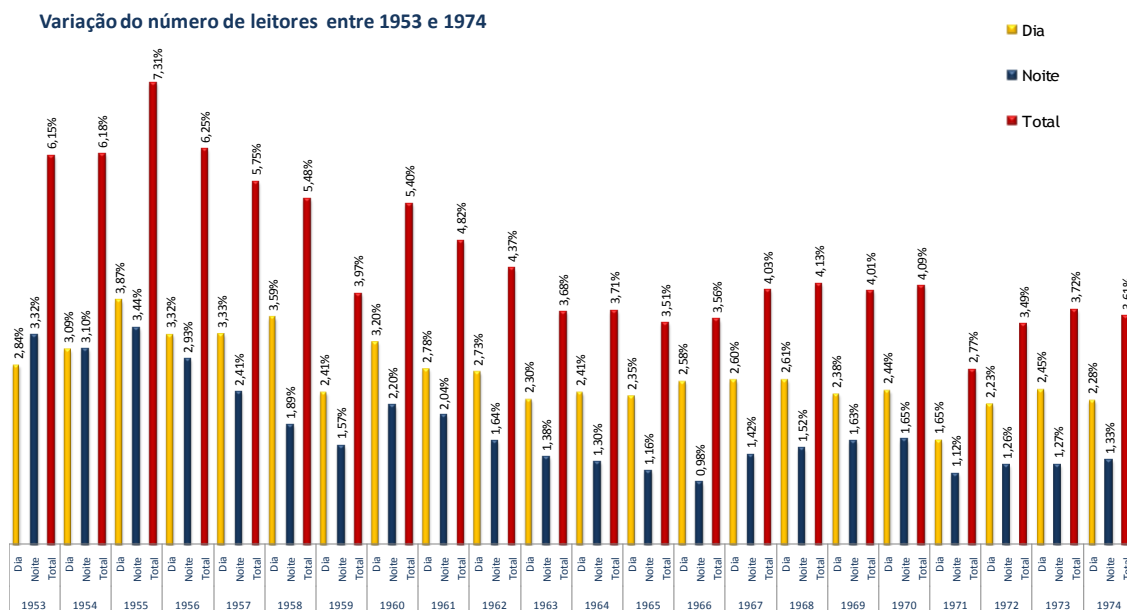


Gráfico n.º 27

A Biblioteca Municipal da Covilhã manteve ao longo dos anos em estudo o valor médio de 9.131 leitores anuais. Tendo em conta que o número de habitantes da cidade da Covilhã, no ano de 1950, era de 68.522 habitantes, no ano de 1960 de 72.967 e no ano de 1970 de 62.565 habitantes, o valor médio de utilizadores anuais foi de cerca de 14% da população média residente ao longo do período em análise.

Pelos valores encontrados referentes ao período de utilização noturna, presume-se que o período alargado de funcionamento da biblioteca tenha permitido às classes trabalhadoras usufruir destes serviços.

De acordo com os registos actuais da Biblioteca Municipal da Covilhã, é possível afirmar que esta continua a ter uma grande adesão por parte dos Covilhanenses, tendo sido registados, em 2011, o total de 7.975 utilizadores e 47.883 visitas. Quanto ao crescimento desta é possível concluir, através desta análise, que desde o início da sua atividade em 1916 até 31 de dezembro de 2011, aumentou o seu acervo em 93.220 volumes.

Assim, de acordo com a análise efetuada ao longo dos anos a que se refere este estudo, é possível presumir sobre a notável importância que a Biblioteca Municipal da Covilhã teve na cultura da cidade da Covilhã no período denominado de Estado Novo.

## Conclusões

O presente estudo focaliza-se na cidade da Covilhã durante o período do Estado Novo (1933-1974).

É apresentado o desenvolvimento cultural da cidade a partir de 4 de junho de 1882, data em que foi fundada a primeira biblioteca da Covilhã, Biblioteca Heitor Pinto, tendo sempre por base o facto de se tratar de uma sociedade maioritariamente operária com pouca formação académica.

Ficou demonstrado através deste estudo que, de um modo geral, as diversas Bibliotecas Privadas existentes na cidade continuam abertas ao público, no entanto a sua procura diminuiu consideravelmente.

Os valores do Estado Novo determinavam um regime autoritário e conservador onde o principal objetivo era restabelecer a ordem e a estabilidade nacional.

Ficou evidenciado o valor da Autoridade, considerada como o suporte de todos os outros valores salazaristas: *Deus, Pátria, Família e Trabalho*. António de Oliveira Salazar considerava a Autoridade como uma das condições fundamentais para alcançar as metas definidas no âmbito do campo financeiro.

O poder da Censura em Portugal encontra-se bem patente. A proibição da liberdade de expressão e de comunicação também deixaram marcas na cidade da Covilhã. Saliente-se o facto de, nesta cidade e na década de 60, ter funcionado o “Circulo de Cultura e Cooperação” uma livraria que vendia livros e discos proibidos pela censura.

Os livros proibidos no Estado Novo são também alvo de destaque, pelo valor cultural que todos eles apresentam, independentemente do tema abordado.

Demograficamente foi possível evidenciar que, de acordo com os Censos do Instituto Nacional de Estatística, no período de tempo entre 1940 e 1960 registou-se um aumento de 12.533 habitantes, no entanto de 1960 a 1970 verificou-se uma acentuada diminuição de 10.402 habitantes, provavelmente justificada pela emigração e pela guerra colonial.

É possível verificar as discrepâncias entre as diferentes classes sociais, demonstradas no subcapítulo onde se analisa o ócio e os tempos livres dos Covilhanenses. As diferenças entre classes sociais eram evidentes e faziam-se notar desde a infância.

Foi realizada uma análise detalhada sobre a afluência de leitores e o número de volumes consultados na Biblioteca Municipal da Covilhã, tendo sempre por base os dados constantes nos registos efetuados pelos bibliotecários naquele período de tempo.

Este estudo foi efetuado considerando os períodos de tempo compreendidos entre 1932 a 1947 e 1953 a 1974 devido aos diferentes modos de registar o movimento de leitores e volumes consultados.

No primeiro período de tempo os registos mensais de leitores e volumes consultados foram efetuados segundo as secções do catálogo “Artes e Ciências”, “Comércio e Indústria”, “História e Geografia”, “Literatura e Belas Artes”, “Religião” e “Manuscritos e Diversos” tendo sido possível verificar o valor médio de volumes consultados, de 2657,29 volumes, e o valor médio de leitores, de 2290,64 leitores.

O número total de livros consultados foi de 37.202 volumes por 32.069 utilizadores.

No segundo período de tempo é de ressaltar a importância que foi dada aos leitores de acordo com as diferentes profissões “Comerciantes e industriais”, “Empregados de Comércio e Indústria”, “Estudantes”, “Funcionários”, “Militares”, “Operários”, “Profissões Liberais” e “Outras Profissões”.

Neste período de tempo a Biblioteca Municipal da Covilhã foi frequentada por 200.894 leitores, sendo a grande maioria Estudantes. Presume-se que este número se deve à escassez de bibliotecas escolares na época em estudo e à falta de livros próprios.

A Biblioteca Municipal da Covilhã atingiu um registo máximo de frequência de utilizadores durante o ano de 1955 com 14.677 leitores, dos quais 7.765 utilizaram-na no período diurno e 6.912 no período noturno.

Em oposição o ano em que se registou o valor mínimo de afluência foi o ano 1971 com 5.572 leitores, dos quais 3.319 correspondem ao período diurno e 2.253 ao período noturno.

Foi também possível verificar que os utilizadores pertencentes às categorias “Profissões Liberais”, “Operários”, “Empregados do Comércio e Indústria” e a “Outras profissões”, utilizavam a biblioteca preferencialmente no período noturno.

Pelos valores encontrados referentes ao período de utilização noturna, pressupõe-se que o período alargado de funcionamento da biblioteca tenha permitido às classes trabalhadoras usufruir destes serviços.

Assim, de acordo com a análise efetuada é possível presumir sobre a evidente contribuição da Biblioteca Municipal da Covilhã na cultura da cidade da Covilhã no período denominado de Estado Novo.

## Bibliografia

- ALMEIDA, Pedro Ramos de (1999), *Salazar Biografia da Ditadura*, Lisboa: Edições Avante.
- CABRAL, Maria Luísa (1996), *Bibliotecas acesso, sempre*, Lisboa: Edições Calibri.
- CRUZ, Manuel Braga da (1988), *O partido e o estado no salazarismo*, Lisboa: Presença.
- CRUZ, Manuel Braga da, *União Nacional*, in ROSAS Fernando e BRITO J. M. Brandão de (dir), *Dicionário de História do Estado Novo (1926-1974)*, (1996), Vol 2, Venda Nova, Bertrand, p. 989
- DELGADO, Rui (1992), *História da Covilhã (1800 a 1926)*, Instrução e Cultura, Covilhã: Gráfica da Covilhã.
- DELGADO, Rui (1984), *No Centenário da Escola Industrial Campos Melo na Covilhã (1884-1984)*, Covilhã: Gráfica da Covilhã.
- ECO, Umberto (2002), *A Biblioteca*, Lisboa: Difel - Difusão Editorial, S.A.
- FERRÃO, Manuela; OLIVEIRA, Susana e FONSECA, Miguel (2005), *Livros Proibidos no Estado Novo*, Lisboa: Divisão de Edições da Assembleia da República.
- GOMES, Joaquim Cardoso (1949), *Os militares e a censura: a censura à imprensa na ditadura militar e Estado Novo 1926-1945*, Lisboa: Livros Horizonte.
- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira - Vol. IV*, (1979), Lisboa, Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Lda.
- MARTINS, Ernesto Candeias, *Das identidades culturais ao desenvolvimento local (Comunidades Territoriais Transferteiriças)* in PEREIRA, António dos Santos e SARDINHA, Maria da Graça (Coord.), (2008), *Actas, Bibliotecas e Literacia*, Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- MELO, Daniel, (2004), *A Leitura Pública no Portugal Contemporâneo 1926-1987*, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- MINEIRO, Adélia Carvalho (2007), *Valores e Ensino no Estado Novo*, Lisboa: Edições Silabo.
- NEVES, Alexandre Manuel Rogério Carapinha Dias (1974), *PIDE A história da Repressão*, Fundão: Jornal do Fundão, Editora.

NUNES, Henrique Barreto (1998), *Da biblioteca ao leitor*, Braga: Barbosa & Xavier - artes gráficas.

PEREIRA, António dos Santos (2007), *A Covilhã antiga os seus conventos e suas livrarias*, Covilhã: Universidade da Beira Interior.

PEREIRA, António dos Santos (1999), *Historiografia do Interior Beirão Notas do passado e projectos do presente*, Maia: História Regional e Local.

PEREIRA, António dos Santos (2009), *Portugal Adentro do Douro ao Tejo*, Covilhã: Universidade da Beira Interior.

QUINTELLA, Arthur de Moura, (1899), *Subsídios para a Monographia da Covilhan*, Fundão: Oficinas Gráficas do «Jornal do Fundão».

RAMOS, Manuel da Silva, (2003), *Café Montalto*, Coimbra: Gráfica de Coimbra Ld<sup>a</sup>.

REIS, António, (1990), *Portugal Contemporâneo (1926-1958): ascensão e consolidação do Estado Novo: controlo ideológico e resistência cultural: sob a égide dos valores conservadores*. Vol. IV. Lisboa: Publicações Alfa.

SARAIVA, António José (2003), *O que é a cultura*, Lisboa: Gradiva publicações.

SARAIVA, José Hermano e GUERRA, Maria Luísa (1998), *Diário da História de Portugal*, Lisboa: Difusão Cultural.

SILVA, José Aires da (1996), *História da Covilhã*, Covilhã, Coimbra: Litografia Coimbra, S.A.

VENTURA, João J. B. (2002), *Bibliotecas e Esfera Pública*, Lisboa, Oeiras: Celta Editora.

## WEBGRAFIA

<http://inenetw02.ine.pt:8080/biblioteca/index.jsp>, acesso em 14/11/2011

[http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos2011\\_apresentacao](http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos2011_apresentacao), acesso em 14/11/2011

<http://rodriguez-amalia.musicas.mus.br/letras/564102/>, acesso em 16/11/2011

<http://www.cm-covilha.pt/>, acesso em 11/11/2011

<http://www.cm-covilha.pt/simples/?f=2231>, acesso em 11/12/2011

<http://www.cm-covilha.pt/simples/?f=2337>, acesso em 11/02/2012

<https://www.ubi.pt/Pagina.aspx?p=Historia>, acesso em 12/12/2011

[http://www.dgarq.gov.pt/files/2008/10/boltt\\_03.pdf](http://www.dgarq.gov.pt/files/2008/10/boltt_03.pdf), acesso em 11/12/2011

<http://www.parlamento.pt/Parlamento/Paginas/OEstadoNovo.aspx>, acesso em 26/12/2011

[http://historia25.no.sapo.pt/html/o\\_partido\\_unico\\_durante\\_o\\_esta.html](http://historia25.no.sapo.pt/html/o_partido_unico_durante_o_esta.html), acesso em 26/12/2011

<http://www.cidadeimaginaria.org/bib/Portugal10-40.pdf>, acesso em 26/12/2011

<http://www.cm-palmela.pt/NR/rdonlyres/2699A4EF-465D-4C5E-B8D7-C4544B81B2B0/39793/ESTADONOV0E25DEABRIL.pdf>, aceso em 08/01/2011

<http://dre.pt/pdf1sdip/1945/10/23400/08570859.pdf>, acesso em 18/01/2012

<http://dre.pt/sug/1s/diplomas-lista.asp>, acesso em 18/01/2012

<http://dre.pt/pdf1sdip/1936/05/11600/05360547.pdf>, acesso em 18/01/2012

<http://dre.pt/pdf1sdip/1936/08/19100/09810984.pdf>, acesso em 18/01/2012

[http://side.utad.pt/cursos/storage/LSS/2459/1254410609\\_pimentel.pdf](http://side.utad.pt/cursos/storage/LSS/2459/1254410609_pimentel.pdf), acesso em 18/01/2012

<http://dre.pt/pdf1sdip/1950/12/26800/13661368.pdf>, acesso em 18/01/2012

[http://www.urbi.ubi.pt/010814/edicao/80ruas\\_direita.html](http://www.urbi.ubi.pt/010814/edicao/80ruas_direita.html), acesso em 23/01/2012

[http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos\\_historia\\_pt\\_1920](http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos_historia_pt_1920), acesso em 23/01/2012

[http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos\\_historia\\_pt\\_1930](http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos_historia_pt_1930), acesso em 23/01/2012

[http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine\\_censos\\_publicacao\\_det&menuBOUI=13707294&contexto=pu&PUBLICACOESpub\\_boui=72966893&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1](http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_publicacao_det&menuBOUI=13707294&contexto=pu&PUBLICACOESpub_boui=72966893&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1), acesso em 23/01/2012

[http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos\\_historia\\_pt\\_1950](http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos_historia_pt_1950), acesso em 24/01/2012

[http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos\\_historia\\_pt\\_1960](http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos_historia_pt_1960), acesso em 24/01/2012

[http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos\\_historia\\_pt\\_1970](http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos_historia_pt_1970), acesso em 24/01/2012

<http://dre.pt/pdf1sdip/1933/02/04301/02270236>, pdf, acesso em 29/01/2012

<http://dre.pt/pdf1sdip/1926/08/16700/09050910>, pdf acesso em 09/02/2012

<http://dre.pt/pdf1sdip/1933/04/08300/06540654.pdf>, pdf acesso em 09/02/2012

<http://dre.pt/util/pdfs/files/crp.pdf>, pdf, acesso em 10 /02/2012

<http://www.fsaomartinho.pt/associacoes.asp?assoc=22>, acesso em 11 /02/2012

<http://www.fsaomartinho.pt/associacoes.asp?assoc=14>, acesso em 11 /02/2012

<http://www.fsaomartinho.pt/associacoes.asp?assoc=15>, acesso em 11 /02/2012

<http://www.portoeditora.pt/alp/dol/dicionarios-online/>, acesso em 15 /02/2012

<http://www.chcbeira.min-saude.pt/NR/rdonlyres/D4F863A6-B5EF-440C-B6E6-E24D3B0B97E9/21081/Relat%C3%B3rioContas2010.pdf>, acesso em 19/03/2012

<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aso/n174/n174a03.pdf>, acesso em 3/04/2012

<http://ephemerajpp.wordpress.com/2011/12/10/censura-relatorio-no-7682-20-de-dezembro-de-1965-relatorio-no-8057-2-de-maio-de-1967-relativos-a-historia-da-literatura-portuguesa-de-antonio-jose-saraiva/#wpcom-carousel-50533>, acesso em 23/02/2012

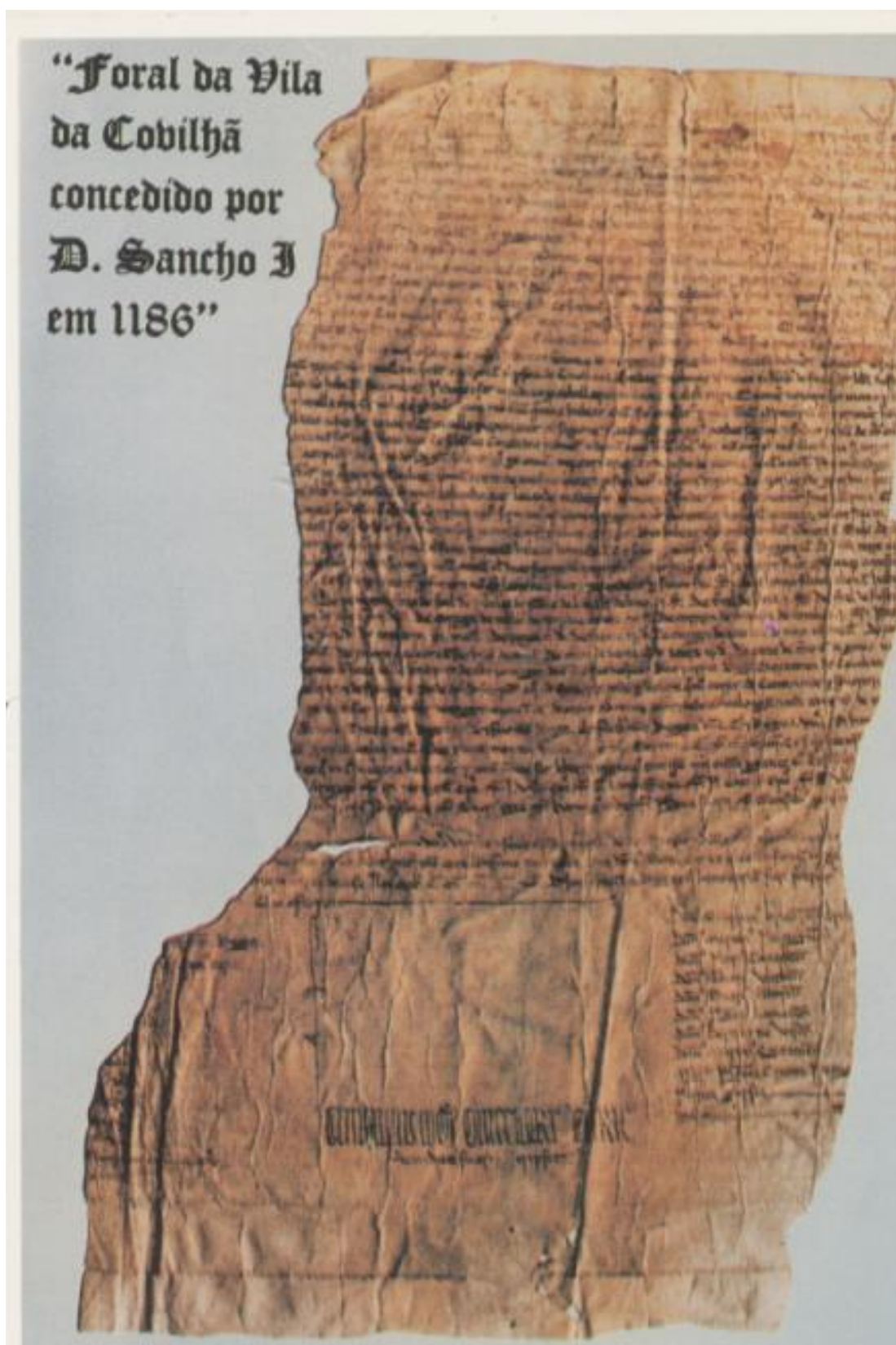
[http://ephemerajpp.files.wordpress.com/2011/12/escritos\\_politicos23\\_br.jpg](http://ephemerajpp.files.wordpress.com/2011/12/escritos_politicos23_br.jpg), acesso em 23/02/2012

[http://ephemerajpp.files.wordpress.com/2011/12/antunesdasilva01\\_br.jpg](http://ephemerajpp.files.wordpress.com/2011/12/antunesdasilva01_br.jpg), acesso em 23/02/2012

<http://ephemerajpp.wordpress.com/2011/12/05/censura-relatorio-no-6497-16-de-feve-reiro-de-1960-relativo-a-ra-no-pantano-de-antonio-almeida-santos/#>, acesso em 23/02/2012

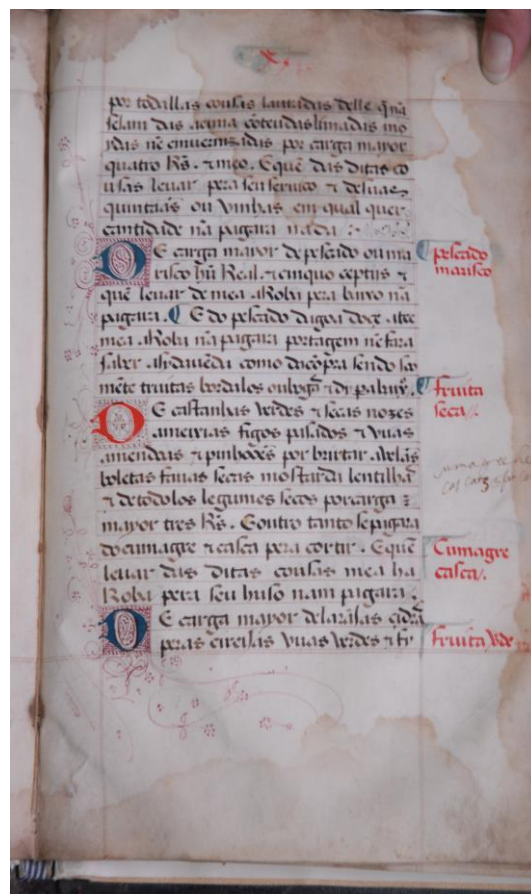
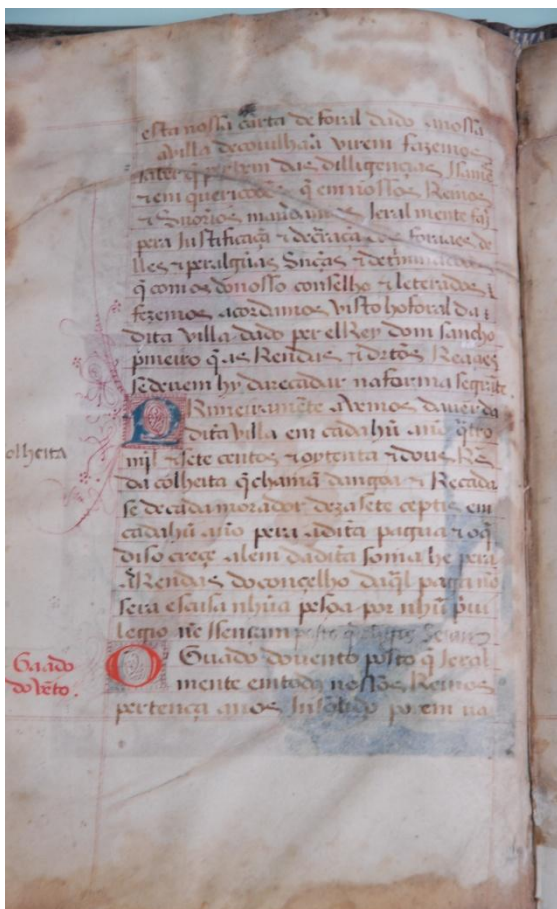
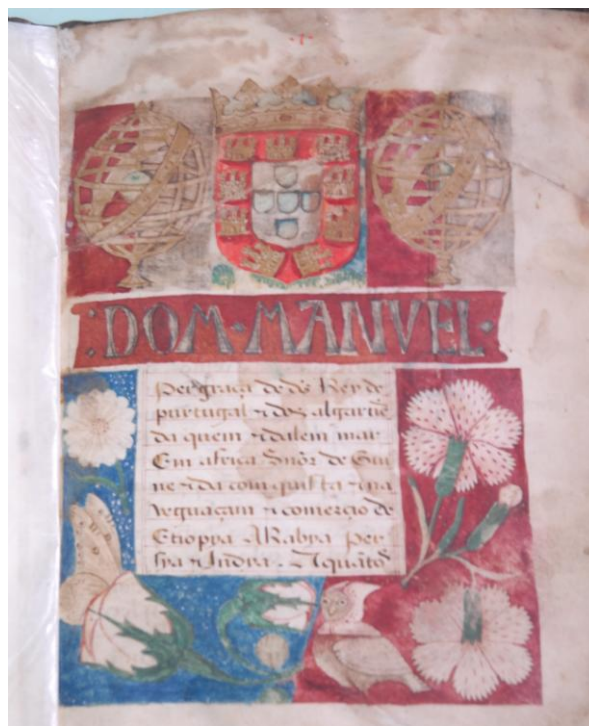
## ANEXOS

## Anexo I



Fonte: Câmara Municipal da Covilhã

## Anexo II



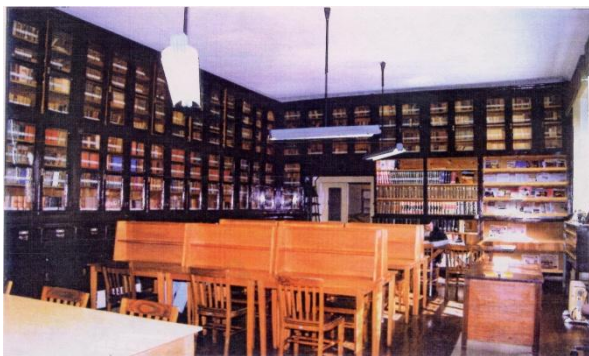
## Anexo III



A importância da Biblioteca Municipal no desenvolvimento cultural da cidade da Covilhã:

Período do Estado Novo 1933-1974

---



Fonte: Câmara Municipal da Covilhã

## Anexo IV







Fonte: Câmara Municipal da Covilhã

## Anexo V



Fonte: Câmara Municipal da Covilhã

# Anexo VI

**UB**  
UNIDADE  
BIBLIOTECÁRIA

Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas  
Direcção de Serviços de Bibliotecas

QUESTIONÁRIO DE RECOLHA DE DADOS ESTATÍSTICOS  
2010

O presente questionário segue parcialmente, e na medida do possível, a norma ISO 2789: *Information and documentation - International library statistics*.  
De forma a facilitar o seu preenchimento, apresentam-se em anexo algumas definições e indicações.  
Os termos assinalados com asterisco (\*) constam do referido anexo.  
Salvo quando expressamente indicado, os dados devem referir-se à totalidade da rede concelhia de bibliotecas (excluindo bibliotecas escolares) e, consoante o tipo de dados, a todo o ano de 2010 ou ao último dia desse ano.

Nota:  
Usar n.d. para informação não disponível  
Usar n.a. para situações não aplicáveis à biblioteca em análise  
Assinalar sempre com 0 (zero) a inexistência de ocorrências

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE Covilhã

**1 - INFRAESTRUTURAS E RECURSOS**

**A - Instalações e Acesso**

**1 Bibliotecas**

1.1 Bibliotecas anexas à biblioteca central\* 0  
1.2 Bibliotecas itinerantes\* 0  
1.3 Pontos de serviço externos\* 3

**2 Área\* (m<sup>2</sup>)**

2.1 Área útil da biblioteca central 1.560,31 m<sup>2</sup>  
2.2 Área útil total das bibliotecas anexas 0 n.a.

**3 Estanteria (m)**

3.1 Prateleiras em livre acesso na biblioteca central 230 m  
3.2 Prateleiras em livre acesso nas bibliotecas anexas 0

**4 Lugares sentados\***

4.1 Lugares sentados na biblioteca central excepto Prateleira 200 100  
4.2 Total de lugares sentados nas bibliotecas anexas 0 n.a.

**5 Abertura ao público (dias por ano)**

5.1 Biblioteca central 267  
5.2 Bibliotecas anexas (média) 0 n.a.

**6 Abertura ao público (horas por semana)**

6.1 Biblioteca central 63  
6.2 Bibliotecas anexas (média) 0 n.a.

**B - Coleção**

**1 Existências\* (em 31-12-2010)**

1.1 Títulos\* (total) 76.51  
1.1.1 Monografias (total) 73.38  
1.1.1.1 Monografias (adultos) 51.77  
1.1.1.1.1 Livros antigos\* 3.000  
1.1.1.2 Monografias (infantil) 21.54  
1.1.2 Seriações\* (total) 185  
1.1.2.1 Seriações correntes\* 54  
1.1.2.2 Seriações não correntes\* 131  
1.1.3 Documentos que integram o Fundo Local 0

1.2 Volumes / Unidades físicas\* (total) 95.17  
1.2.1 Monografias (total) 88.860  
1.2.1.1 Monografias (adultos) 54.236  
1.2.1.1.1 Livros antigos 3.000  
1.2.1.2 Monografias (infantil) 31.590  
1.2.2 Livros electrónicos (e-books)\* 0  
1.2.3 Documentos sonoros\* 1.559  
1.2.4 Documentos audiovisuais\* 4.188  
1.2.5 CD-ROM 565  
1.2.6 Outros documentos\* 0

**2 Aquisições\* (em 2010)**

2.1 Títulos (total) 2.400  
2.1.1 Monografias (total) 2.400  
2.1.1.1 Monografias (adultos) 1.800  
2.1.1.1.1 Livros antigos 0  
2.1.1.2 Monografias (infantil) 600  
2.1.2 Seriações (total) 0  
2.1.2.1 Seriações correntes 0  
2.1.2.2 Seriações não correntes 0  
2.1.3 Outros documentos 0

2.2 Volumes / Unidades físicas (total) n.d.  
2.2.1 Monografias (total) n.d.  
2.2.1.1 Monografias (adultos) n.d.  
2.2.1.1.1 Livros antigos n.d.  
2.2.1.2 Monografias (infantil) n.d.  
2.2.2 Livros electrónicos (e-books) n.d.  
2.2.3 Documentos sonoros n.d.  
2.2.4 Documentos audiovisuais n.d.  
2.2.5 CD-ROM n.d.  
2.2.6 Outros documentos n.d.

**3 Eliminações\* (em 2010)**

3.1 Títulos (total) 0  
3.1.2 Seriações (total) 0  
3.1.2.1 Seriações correntes 0  
3.1.2.2 Seriações não correntes 0  
3.1.3 Outros documentos 0

3.2 Volumes / Unidades físicas (total) 0  
3.2.1 Monografias (total) 0  
3.2.1.1 Monografias (adultos) 0  
3.2.1.1.1 Livros antigos 0  
3.2.1.2 Monografias (infantil) 0  
3.2.2 Documentos sonoros 0  
3.2.3 Documentos audiovisuais 0  
3.2.4 CD-ROM 0  
3.2.5 Outros documentos 0

**C - Recursos tecnológicos**

**1 Computadores**

1.1 Computadores (total) 26  
1.1.2 Computadores para uso exclusivo do pessoal 16  
1.1.3 Computadores para uso dos utilizadores 10  
1.1.3.1 Computadores para uso dos utilizadores com acesso ao OPAC\* 0  
1.1.3.2 Computadores para uso dos utilizadores com acesso à Internet\* 12

**D - Recursos Humanos**

**1 Trabalhadores\***

1.1 Trabalhadores (total) 10  
1.1.1 Trabalhadores com formação na área BD 4  
1.1.1.1 Técnicos superiores com formação na área BD 1  
1.1.1.2 Assistentes técnicos com formação na área BD 3  
1.1.2 Trabalhadores sem formação na área BD 6  
1.1.2.1 Técnicos superiores sem formação na área BD 0  
1.1.2.2 Assistentes técnicos sem formação na área BD 1  
1.1.2.3 Outros trabalhadores sem formação na área BD 2

**2 Formação (interna e externa)**

2.1 Nº de trabalhadores que receberam formação 0  
2.2 Total de horas de formação recebidas pelo total de trabalhadores 0

**E - Recursos financeiros**

**1 Despesa**

1.1 Despesa (total) 275.560,60  
1.1.2 Despesa corrente (total) 255.314,55  
1.1.2.1 Aquisição de documentos 21.514,55  
1.1.2.2 Pessoal 177.243,00  
1.1.2.3 Outras 34.668,97  
1.1.3 Despesa de capital (total) 19.836,08  
1.1.3.1 Mobiliário e equipamento 15.661,08  
1.1.3.2 Meios informáticos (hardware e software) 0  
1.1.3.3 Outras 4.235,00

**1 Utilizadores inscritos (até 31.12.2010)**

1.1 Utilizadores (total) 7.326  
1.1.1 Utilizadores adultos (> 14 anos) n.d.  
1.1.2 Utilizadores crianças/adolescentes (< ou = 14 anos) n.d.  
1.2 Utilizadores do serviço de empréstimo activos em 2010\* n.d.  
1.2.1 adultos (> 14 anos) n.d.  
1.2.2 crianças/adolescentes (< ou = 14 anos) n.d.  
1.3 Novos utilizadores inscritos durante o ano de 2010 2.261

**2 Visitas\***

2.1 Visitas durante o ano de 2010 53.407

**III - SERVIÇOS**

**A - Empréstimo domiciliário**

1 Total de pedidos de empréstimo domiciliário\* 6.952

2 Total de empréstimos de volumes/unidades físicas n.d.  
2.1 Monografias n.d.  
2.2 Documentos sonoros n.d.  
2.3 Documentos audiovisuais n.d.  
2.4 CD-ROM n.d.

3 Total de volumes/unidades físicas em empréstimo domiciliário no 1º dia útil de Dezembro de 2010 n.d.  
3.1 Monografias n.d.  
3.2 Documentos sonoros n.d.  
3.3 Documentos audiovisuais n.d.  
3.4 CD-ROM n.d.

4 Empréstimo interbibliotecas\* (excluindo os efectuados no âmbito da rede concelhia)  
4.1 Total de volumes/ unidades físicas emprestadas 0  
4.2 Total de volumes/unidades físicas recebidas por empréstimo 0

**B - Consulta local**

1 Taxa de ocupação de lugares  
1.1 Taxa de ocupação de lugares dos lugares sentados para uso público (%) 90%  
1.2 Taxa de ocupação dos computadores para uso público (%) 10%

**C - Serviços electrónicos**

1 Acesso à Internet  
1.1 Nº de sessões de acesso à Internet\* 12.190

2 Presença na Internet  
2.1 Possui sítio Web\* (Sim/Não) 100  
2.1.1 Nº de acessos ao sítio n.d.  
2.2 Possui Blogue? (Sim/Não) 100  
2.2.1 Nº de acessos ao blogue n.d.  
2.1 Participa em redes sociais digitais (ex. Facebook, Twitter?) (Sim/Não) 100

A importância da Biblioteca Municipal no desenvolvimento cultural da cidade da Covilhã:

Período do Estado Novo 1933-1974

<b>3 Catálogo Bibliográfico</b>	
3.1 Possui catálogo informatizado (OPAC)? (Sim/Não)	Sim
3.1.1 Total de registos bibliográficos do catálogo	28 596
3.1.2 Percentagem de títulos registados no catálogo face ao total de títulos da colecção	60%
3.2 Está disponível para consulta via Internet (Web OPAC)?* (Sim/Não)	Não
3.3 Faculta a reserva electrónica de documentos (S/N)	Não
<b>3 Biblioteca digital*</b>	
3.1 Possui biblioteca digital? (Sim/Não)	Não
3.2 Nº de documentos digitais	n.d.
<b>D - Serviço de Referência</b>	
1 Total de pedidos de informação*	n.d.
<b>E - Actividades de extensão cultural</b>	
<b>1 Serviços bibliotecários à comunidade (Sim / Não)</b>	
1.1 A estabelecimentos de ensino	Sim
1.2 A centros de saúde/ hospitais	Não
1.3 A lares e centros de dia	Sim
1.4 A prisões	Não
1.5 A outras entidades	n.d.
<b>2 Actividades (número de sessões)</b>	
2.1 Hora do conto	30
2.2 Encontros com escritores / apresentação de livros	3
2.3 Clubes de leitura / comunidades de leitores	0
2.4 Exposições sobre livros e autores	18
2.5 Exposições de artes plásticas	2
2.6 Conferências / palestras	9
<b>2.7 Ateliers</b>	
2.7.1 Ateliers de promoção da leitura	2
2.7.2 Outros Ateliers	1
<b>2.8 Acções de formação</b>	
2.8.1 Acções de formação em promoção da leitura	2
2.8.2 Acções de formação em informática	0
2.8.3 Outras acções de formação	0
2.9 Outras actividades	24
1 Projectos continuados* (número)	1


  
 GOVERNO DE PORTUGAL
   
 DIREÇÃO-GERAL DO LIVRO E DAS BIBLIOTECAS
   
 DIREÇÃO DE SERVIÇOS DE BIBLIOTECAS

**QUESTIONÁRIO DE RECOLHA DE DADOS ESTATÍSTICOS**
  
**2011**

O presente questionário segue parcialmente, e na medida do possível, a norma ISO 2789: *Information and documentation - International library statistics*.  
 De forma a facilitar o seu preenchimento, apresentam-se em anexo algumas definições e indicações.  
 Os termos assinalados com asterisco (\*) constam do referido anexo.  
 Salvo quando expressamente indicado, os dados devem referir-se à totalidade da rede concelhia de bibliotecas (excluindo bibliotecas escolares) e, consoante o tipo de dados, a todo o ano de 2011 ou ao último dia desse ano.

*Nota:*  
 Usar *nd* para informação não disponível  
 Usar *n.a.* para situações não aplicáveis à biblioteca em análise  
 Anular sempre com 0 (zero) a inexistência de ocorrências

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE Covilhã

**I - INFRAESTRUTURAS E RECURSOS**

**A - Instalações e Acesso**

**1 Bibliotecas**

1.1 Bibliotecas anexas à biblioteca central*	0
1.2 Bibliotecas itinerantes*	0
1.3 Pontos de serviço externos*	3

**2 Área (m<sup>2</sup>)**

2.1 Área útil da biblioteca central	1.540,51 m <sup>2</sup>
2.2 Área útil total das bibliotecas anexas	0,0

**3 Estanteria (m)**

3.1 Prateleiras em livre acesso, ocupadas pela coleção, na biblioteca central	230,00
3.2 Prateleiras em livre acesso, ocupadas pela coleção, nas bibliotecas anexas	0

**4 Lugares sentados\***

4.1 Lugares sentados na biblioteca central	120
4.2 Total de lugares sentados nas bibliotecas anexas	0,0

**5 Abertura ao público (dias por ano)**

5.1 Biblioteca central	247
5.2 Bibliotecas anexas (média)	0,0

**6 Abertura ao público (horas por semana)**

6.1 Biblioteca central	63
6.2 Bibliotecas anexas (média)	0,0

**B - Coleção**

**1 Existências\* (em 31-12-2011)**

1.1 Títulos* (total)	76.930
1.1.1 Monografias (total)	53.785
1.1.1.1 Monografias (adultos)	52.185
1.1.1.1.1 Livros antigos*	3200
1.1.1.2 Monografias (infantil)	21.530
1.1.2 Seriados* (total)	28
1.1.2.1 Seriados correntes*	10
1.1.2.2 Seriados não correntes*	18
1.1.3 Documentos que integram o Fundo Local	9
1.2 Volumes / Unidades físicas* (total)	95530
1.2.1 Monografias (total)	89258
1.2.1.1 Monografias (adultos)	54668
1.2.1.1.1 Livros antigos	3000
1.2.1.2 Monografias (infantil)	31.570
1.2.2 Livros electrónicos (e-books)	0
1.2.3 Documentos sonoros*	157,2
1.2.4 Documentos audiovisuais*	4233
1.2.5 CD-ROM	569
1.2.6 Outros documentos*	0

**2 Aquisições\* (em 2011)**

2.1 Títulos (total)	398
2.1.1 Monografias (total)	398
2.1.1.1 Monografias (adultos)	398
2.1.1.1.1 Livros antigos	0
2.1.1.2 Monografias (infantil)	0
2.1.2 Seriados (total)	10
2.1.2.1 Seriados correntes	10
2.1.2.2 Seriados não correntes	0
2.1.3 Outros documentos	0
2.2 Volumes / Unidades físicas (total)	nd
2.2.1 Monografias (total)	nd
2.2.1.1 Monografias (adultos)	nd
2.2.1.1.1 Livros antigos	nd
2.2.1.2 Monografias (infantil)	nd
2.2.2 Livros electrónicos (e-books)	nd
2.2.3 Documentos sonoros	nd
2.2.4 Documentos audiovisuais	nd
2.2.5 CD-ROM	nd
2.2.6 Outros documentos	nd

**3 Eliminações\* (em 2011)**

3.1 Títulos (total)	0
3.1.2 Seriados (total)	0
3.1.2.1 Seriados correntes	0
3.1.2.2 Seriados não correntes	0
3.1.3 Outros documentos	0

**3.2 Volumes / Unidades físicas (total)**

3.2.1 Monografias (total)	0
3.2.1.1 Monografias (adultos)	0
3.2.1.1.1 Livros antigos	0
3.2.1.2 Monografias (infantil)	0
3.2.2 Documentos sonoros	0
3.2.3 Documentos audiovisuais	0
3.2.4 CD-ROM	0
3.2.5 Outros documentos	0

**C - Recursos tecnológicos**

**1 Computadores**

1.1 Computadores (total)	26
1.1.1 Computadores para uso exclusivo do pessoal	14
1.1.2 Computadores para uso dos utilizadores	12
1.1.2.1 Computadores para uso dos utilizadores com acesso ao OPAC*	0
1.1.2.2 Computadores para uso dos utilizadores com acesso à Internet*	12

**D - Recursos Humanos**

**1 Trabalhadores\***

1.1 Trabalhadores (total)	10
1.1.1 Trabalhadores com formação na área BD	4
1.1.1.1 Técnicos superiores com formação na área BD	2
1.1.1.2 Assistentes técnicos com formação na área BD	2
1.1.2 Trabalhadores sem formação na área BD	6
1.1.2.1 Técnicos superiores sem formação na área BD	4
1.1.2.2 Assistentes técnicos sem formação na área BD	2
1.1.2.3 Outros trabalhadores sem formação na área BD	0

**2 Formação (interna e externa)**

2.1 Nº de trabalhadores que receberam formação	0
2.2 Total de horas de formação recebidas pelo total de trabalhadores	0

**E - Recursos financeiros**

**1 Despesa**

1.1 Despesa (total)	
1.1.2 Despesa corrente (total)	
1.1.2.1 Aquisição de documentos	
X 1.1.2.2 Pessoal	182.150,21
1.1.2.3 Outras	39.360,00
1.1.3 Despesa de capital (total)	
1.1.3.1 Mobiliário e equipamento	
1.1.3.2 Meios informáticos (hardware e software)	
1.1.3.3 Outras	4.404,00

**II - UTILIZADORES**

**1 Utilizadores inscritos (até 31.12.2011)**

1.1 Utilizadores (total)	7.925
1.1.1 Utilizadores adultos (> 14 anos)	nd
1.1.2 Utilizadores crianças/adolescentes (< ou = 14 anos)	nd
1.2 Utilizadores do serviço de empréstimo activos em 2011*	nd
1.2.1 adultos (> 14 anos)	nd
1.2.2 crianças/adolescentes (< ou = 14 anos)	nd
1.3 Novos utilizadores inscritos durante o ano de 2011	649

**2 Visitas\***

2.1 Visitas durante o ano de 2011	47883
-----------------------------------	-------

**III - SERVIÇOS**

**A - Empréstimo domiciliário**

**1 Total de pedidos de empréstimo domiciliário\***

1.1 Total de pedidos de empréstimo domiciliário*	7.688
2.1 Monografias	nd
2.2 Documentos sonoros	nd
2.3 Documentos audiovisuais	nd
2.4 CD-ROM	nd

**3 Total de volumes/unidades físicas em empréstimo domiciliário no 1º dia útil de Dezembro de 2011**

3.1 Monografias	nd
3.2 Documentos sonoros	nd
3.3 Documentos audiovisuais	nd
3.4 CD-ROM	nd

**4 Empréstimo interbibliotecas\* (excluindo os efectuados no âmbito da rede concelhia)**

4.1 Total de volumes/ unidades físicas emprestadas	1
4.2 Total de volumes/unidades físicas recebidas por empréstimo	1

**B - Consulta local**

**1 Taxa de ocupação de lugares**

1.1 Taxa de ocupação de lugares dos lugares sentados para uso público (%)*	90,7
1.2 Taxa de ocupação dos computadores para uso público (%)*	100

**C - Serviços electrónicos**

**1 Acesso à Internet**

1.1 Nº de sessões de acesso à Internet*	343
---	-----

**2 Presença na Internet**

2.1 Possui sítio Web? (Sim/Não)	Não
2.1.1 Nº de acessos ao sítio	nd
2.2 Possui Blogue? (Sim/Não)	Não
2.2.1 Nº de acessos ao blogue	nd
2.3 Participa em redes sociais digitais (ex. Facebook, Twitter)? (Sim/Não)	Não

## A importância da Biblioteca Municipal no desenvolvimento cultural da cidade da Covilhã:

Período do Estado Novo 1933-1974

<b>3 Catálogo Bibliográfico</b>	
3.1 Possui catálogo informatizado (OPAC)? (Sim/Não)	Sim
3.1.1 Total de registos bibliográficos do catálogo	28.934
3.1.2 Percentagem de títulos registados no catálogo face ao total de títulos da colecção	60%
3.2 Está disponível para consulta via Internet (Web OPAC)? (Sim/Não)	Não
3.3 Faculta a reserva electrónica de documentos (S/N)	Não
<b>4 Biblioteca digital*</b>	
4.1 Possui biblioteca digital? (Sim/Não)	Não
4.2 Nº de documentos digitais	n.a.
<b>D - Serviço de Referência</b>	
1 Total de pedidos de informação*	n.a.
<b>E - Actividades de extensão cultural</b>	
<b>1 Serviços bibliotecários à comunidade (Sim / Não)</b>	
1.1 A estabelecimentos de ensino	Sim
1.2 A centros de saúde/ hospitais	Não
1.3 A lares e centros de dia	Sim
1.4 A prisões	Não
1.5 A outras entidades	n.a.
<b>2 Actividades (número de sessões)</b>	
2.1 Hora do conto	59
2.2 Encontros com escritores / apresentação de livros	1
2.3 Clubes de leitura / comunidades de leitores	0
2.4 Exposições sobre livros e autores	18
2.5 Exposições de artes plásticas	4
2.6 Conferências / palestras	9
<b>2.7 Ateliers</b>	
2.7.1 Ateliers de promoção da leitura	0
2.7.2 Outros ateliers	1
<b>2.8 Acções de formação</b>	
2.8.1 Acções de formação em promoção da leitura	1
2.8.2 Acções de formação em informática	0
2.8.3 Outras acções de formação	0
2.9 Outras actividades	7
<b>3 Projectos continuados*</b> (número)	1

( Dados fornecidos à Direção-Geral do Livro e das Bibliotecas)

Fonte: Câmara Municipal da Covilhã

## Anexo VII

5281

DESPACHO:

Em ..... / ..... / 1955

Direcção dos Serviços de Censura  
~~PROIBIDO~~

Distribuido para leitura em 21 / 1 / 95 ~~Em 21 de Janeiro de 1955~~

Recebido em 21 / 1 / 955

*Direcção dos Serviços de Censura  
AUTORIZADO  
14 de Janeiro de 1955*

RELATÓRIO N.º 5.281

Autór: Antunes da Silva

Tradutor:

Editor: Centro Bibliográfico - Lisboa

Proveniência: P. I. D. E.

*Penitente*

"ESTA TERRA QUE É NOSSA"

Apesar de o autor ser considerado suspeito e de o presente livro de poesias não estar isento de reparos, julgo-o nas condições de ser autorizado a publicar-se.

*de José de Sousa Chaves*

LEITOR

José de Sousa Chaves  
Major

## Anexo VIII

787

DESPACHO:  
Em...../...../ 196.....

Distribuído para leitura em 4 / 10 / 96 9  
Recebido em 6 / 10 / 96 9

8.590 RELATÓRIO N.º.....

Autor: Mário Soares  
Tradutor:  
Editor: O autor - Lisboa  
Proveniência: P.I.D.E.

ESCRITOS POLITICOS

Não se trata de matéria política de propaganda eleitoral, mas sim de um ataque ao Governo e às bases organico-políticas do actual sistema político-social.

Aliás, em termos geralmente inconveniente pois alguns trechos capitulares tiveram, confesadamente, intervenção da Censura, quando apresentadas para jornais diários.

Tratando-se pois, como se trata, de uma obra de puro ataque político mal-intencionado e inoportunnissimo, parece-me preferível proibir a sua circulação.

O leitor:  
*José Brandão Pereira de Melo*  
José Brandão Pereira de Melo  
Cap.

## Anexo IX

DESPACHO:  
Em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / 196\_\_

Distribuído para leitura em 17 / XI / 65  
Recebido em 20 XII / 65

Relatório N.º 7682

Autor: ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA  
Tradutor:  
Editor: PUBLICAÇÕES EUROPA - AMÉRICA  
Proveniência: P.I.D.E. ( of. 5.264, de 16/XI/65)

HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA

O livro em epígrafe reflecte, em absoluto, a conhecida posição política do seu autor.

A propósito de tudo, surgem-nos as mais tendenciosas deturpações históricas, sempre com vista ao enaltecimento dos "movimentos colectivos", em desprimor das Grandes Figuras da nossa História.

Assim, no que respeita a D. João I, aparece-nos como um homem hesitante e pusilânime; em contra-partida, o grande promotor da Resistência, foi o Povo de Lisboa. De resto, já Fernando Lopes, na dizer do autor, nos oferece, sobre o assunto, a "descrição vivida e pensada de uma revolução popular".

Sobre Camões, disserta:  
"Meditando sobre o seu destino, verificava como os prémios, castigos e condições

DESPACHO:  
Em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / 196\_\_

Distribuído para leitura em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / 96\_\_  
Recebido em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / 96\_\_

RELATÓRIO N.º \_\_\_\_\_

Autor:  
Tradutor:  
Editor:  
Proveniência:

(História da Literatura Portuguesa  
Cont.)

estão mal repartidos e não obedecem a a qualquer norma racional. A riqueza e o mando pertencem, não aos mais sábios e virtuosos, mas aos que roubam, assassinam e possuem a mulher do próximo. O que é na verdade a hierarquia social? Um "regimento confuso", resultante de "um antigo abuso" que dá o mando àqueles que o utilizam para praticar injustiças." Etc.

Acerca do "Romantismo" aparecem-nos constantes referências elogiosas ao "robusto sentimento plebeu" na luta e na admirável justiça contra os homens e instituições que oprimem a Pátria, e na indomável confiança na vitória final da Liberdade e da Razão ....

Toda a época das lutas liberais é aproveitada para as mais tendenciosas especulações, em prol da liberdade e de uma nova sociedade...

DESPACHO:  
Em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / 196\_\_

Distribuído para leitura em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / 96\_\_  
Recebido em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / 96\_\_

RELATÓRIO N.º \_\_\_\_\_

Autor:  
Tradutor:  
Editor:  
Proveniência:

(História da Literatura Portuguesa  
cont.)

Em conclusão: Se se tratasse de uma primeira edição da obra em apreciação, não hesitaríamos em propor a imediata proibição da sua circulação no País, tão grave se nos afigura que semelhante livro esteja, como está, a ser utilizado com fins didácticos nas nossas Universidades.

Acontece, porém, que o livro vai já na sua 7ª edição !!! Valerá a pena apreendê-lo e tomar sin da decisões drásticas sobre a sua difusão?

É este o problema que se nos apresenta e que superiormente se resolverá.

Olhando às futuras gerações, eu consideraria de alto interesse nacional libertar-las desta pedagogia dissolvente, já que nem sempre tal foi possível em relação às que as antecederam...

O leitor  
U. Costa Guerra de Oliveira

DESPACHO:  
Em 2 / 5 / 1967

Distribuído para leitura em 2 / 5 / 1967  
Recebido em 2 / 5 / 1967

RELATÓRIO N.º 8.054

Autor: António José Saraiva  
Tradutor:  
Editor: Publicações Europa-América  
Proveniência: \_\_\_\_\_

HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA

Por ordem superior fica cancelado o despacho exarado em 26-1-1966 no Relatório de Leitura nº 7.682 referente ao livro acima referido.

O DIRECTOR  
[Assinatura]

## Anexo X

**DIREÇÃO DOS SERVIÇOS DE CENSURA**  
**PROIBIDO**  
Em 16/2/1960

Distribuído para leitura em 13/2/1960  
Recebido em 15/2/1960

RELATÓRIO N.º 6.497

Autor: António de Almeida Santos  
Tradutor:  
Editor: Parceria António Maria Pereira - Lisboa  
Proveniência: Requisitado para censura

**"RÁ NO PÂNTANO"**

São nove contos, sete dos quais contém assuntos de índole imoral e anti-social, motivo por que entendo que o presente livro não possa circular no País.

O LEITOR  
*José de Sousa Chaves*  
José de Sousa Chaves  
Major

## Anexo XI

## Biblioteca Municipal

Mapa Estatístico Anual dos Beneficentes em 1933.

Alberto Ferreira Almeida Netto, Alberto da Figueira Almeida, Antonio Mendes Alcázar de Moraes (Dr.), Augusto Dias Jorge, Carlos Alberto Gonçalves (Capitão), Celso Netto Thomaz (Dr.), Direcção Geral de Estatística, Directores e Proprietários do Almanaque Illustrado de Foz, Evaristo Barata Rainha, Filipe Lopes Aguiar, João Abreu, Joaquim Mendes Cardona, Joaquim de Almeida Robello, José de Almeida Euzébio (Dr.), José Crasto (Dr.), José Maria Rodrigues Garcia, José Nepomuceno Fernandes Bar (Dr.), José Salvador Neto, Librariana Paulo Gomes, Luis dos Santos Lopes (Dr.), Mo. Gigante, Manuel Alves da Silva, Manuel Pinto da Silva, Ministerio de Commercio, Ministerio da Justiça, Nicolau Alberto Ferreira Almeida, Alberto de Moraes (Dr.), Sindicato Agrícola de Alcobaca, Tipographia Superior de Penafel e os jornais e revistas: - Accão, Alma Popular, Bira Apra, Boletim de Estatística e Informação Agrícola, Covilhense (D), Livro-jornal, Clarim (D), Comercio de Portimão, Correio de Ourense, Correio da Madeira, Correio Alentejano, Correio de Loure, Correspondencia da Covilhã, Profia da Ovaria, De Fera doouro, Diver (D), Diario de Noticias (America do Norte), Eco do Bairro, Jora Nova, Esperanca, Estrela d'Alva, Flores (D), Fitas Soltas, Fundação (D), Gazeta das Letras, Gazeta de Cantanhede, Gazeta de Coimbra, Gazeta de Torres, Gil Vicente, Guardia (D), Jantar de Portugal, Thavente, Jor. parcial (D), Industria Portuguesa, Industria Textil, jornal da Moira, jornal Portuguez (Brasil), Regional (D), Saur e Caridade, Noticias de Angola e Congo, Missão (D), Mocidade (D), Nauta (D), Noticias da Covilhã, Novidades de Jezu, Polourinho (D), Pensamento, Peruvia (D), Povo de Pardalho (D), Povo de Penafel, Rabeca (D), Raio (D), Regional (D), Revista Catolica, Sinalum, Sustria Regional, Tempo (D), Touro (D), Trabalho (D), União, Vanguarda, Voz da Piblatjana, Volante (D), Voz (D), Voz do Brente (D), Voz da Tatiana, Voz do Espinho.

Biblioteca Municipal de Covilhã, 31 de Dezembro de 1933.

— O Bibliotecario Municipal —

Nicolau Alberto Ferreira Almeida

## Anexo XII

*Biblioteca Municipal*

*Mapa estatístico anual*

Ano	Volumes Existentes			Número de volumes e sua classificação segundo as secções do catalogo					
	Do ano anterior	Aquisições durante o ano	Total	A	B	C	D	E	F
				Letras e Sciencias	Comercio e Industria	Historia e Geografia	Litteratura e Belas Artes	Religiões	Manuscritos e Diversos
1931	10.555	5.433	15.988	952	593	2.405	5.912	4.511	1.605

*Biblioteca Municipal de Covilhã, 31 de Dezembro de 1931.....*

= O BIBLIOTECARIO MUNICIPAL =


*Nicolas Alberto Ferreira Almeida*

Fonte: Arquivo Municipal da Covilhã

## Anexo XIII

Covilhã, 3 de Fevereiro de 1932

Ex.º Sr. Presidente da Comissão Administrativa Municipal  
Covilhã

  
Serviço da Republica  
BIBLIOTÉCA MUNICIPAL  
DE  
COVILHÃ

N.º 434  
C. 2  
Fl. 441

Pensando nos livros do Sr. Dr. João Antunes, e nos livros Antunes, e nos livros Antunes, e nos livros Antunes.

Devo fazer a V.ª Sr.ª que do livro "Livros existentes" - Administ. Municipal - e que figura a cifra de 4.333. Deste volume fazem parte 4.082 volumes que eu acabei, na biblioteca do Quilbras, em julho, por inabilidade de Sr. Dr. Ministro da Justiça que os referem à biblioteca municipal desta cidade, e, além disso, os 300 volumes que o mesmo Sr. Ministro refere nesta cidade, da sua biblioteca pertencem.

Com os melhores cumprimentos

Piedade Antunes  
- (Biblioteca Municipal) -

## Anexo XIV

**BIBLIOTÉCA MUNICIPAL**  
**MAPA ESTATÍSTICO ANUAL**


1932	Leitor mais assíduo	Obra mais lida	Brinde ao leitor mais assíduo
Janeiro...	Mário Fares	Santa Patícia	Indústria Portuguesa nº 39
Fevereiro...	" "	Bibeca (Mestre de)	Journal da Biblioteca
Março...	Filipe Lopes Aguiar	Estrelas Junistas	Indústria Portuguesa nº 41
Abril...	António de Almeida Gil	Memórias de Carcere	" " nº 40
Maió...	Filipe Lopes Aguiar	Miscelânea (de)	Ferrus de Portugal " 33
Junho...	" " "	Mulher Fiel (A)	Indústria Portuguesa " 26
Julho...	António de Almeida Gil	Crónica Conde de Monte	" " " 13
Agosto...	José Moraes Brito	Amaro (Nome de Padre)	" " " 25
Setembro...	António de Almeida Gil	Via dos Namorados	" " " 14
Outubro...	Filipe Lopes Aguiar	Mistão (A. Almeida de)	" " " 23
Novembro...	Filipe " "	Mistérios da Inquisição	" " " 32
Dezembro...	José " "	Revistas	" " " 24
<b>Anual</b>	Filipe " "	Crónica Conde de Monte	Inquisidores do Brasil Portugueses

Biblioteca Municipal de Covilhã, 31 de Dezembro de 1932.

- G Bibliotecario Municipal -  
*Marta Ferreira Almeida*

Fonte: Arquivo Municipal da Covilhã

## Anexo XV



Serviço da República

BIBLIOTECA MUNICIPAL  
DE  
COVILHÃ

N.º 147

C. 3

Fl. 102

Covilhã, 1 de Fevereiro de 1933.

Ex.º Sr. Presidente da Comissão Administrativa Municipal




Covilhã


Em conformidade com o 3.º do Artigo 8.º do Regulamento desta Repartição, peço licença para passar às V.ªs os Mapas Estatísticos da Biblioteca Municipal, referentes ao ano findo.

No Mapa N.º 1 - Volumes existentes - como V.ª vera, e a título do aumento obtido, e, assim, a Biblioteca Municipal da Covilhã que na Estatística Oficial de 1931 (Anuário Estatístico de Portugal) ocupava o 6.º lugar entre as 63 Bibliotecas Municipais que o País conta, tendo à frente a Biblioteca Municipal de Porto, a mais antiga de Portugal - fundada por D. João V - com 217.694 volumes, a de Lisboa com 53.496, a de Funchal com 23.776, a de Santarém com 15.119, a de Coimbra com 10.321 e, logo a seguir, a Biblioteca Municipal da Covilhã com 15.933, quer me pareceu que, na Estatística do ano findo deve ter ficado a ocupar o 4.º lugar entre as mesmas cidades. Todas as Bibliotecas Municipais do País, com excepção das apontadas acima, estão em aresta inferior à Biblioteca Municipal da Covilhã, o que sobramanira honra a mesma Municipalidade deste belo centro fabril.

Nos Mapas N.ºs 2 e 3 - Livros e Volumes Consultados - constata V.ª uma média diária de 10 livros por dia consultados. Para pouco, à primeira vista, e, de facto,

Período do Estado Novo 1933-1974

	Covilhã, _____ de _____ de 19 _____
Serviço da Republica	Ex.º Sr.
BIBLIOTÉCA MUNICIPAL DE COVILHÃ	
	
N.º _____	
C. _____	
Fl. _____	
	<p>sim é, mas precisa-se ter em conta que as Bibliotecas mi- gueli é obrigado a ir, e, o qual substituído de novo mais, e que ninguém ignora, por falta unica de um estabelecimento de esta- do, secundario. No entanto, reportando-me ainda á Estatística da Espinha (1931), a Biblioteca Municipal da Covilhã ocupava o 3.º o 3.º lugar entre as 53 Bibliotecas Municipais disseminadas pe- lo País. Devo fazer ainda a V.ª que tendo a nossa Biblioteca tido apenas 1.879 literas, em comparação só com as das cidades alguns distritos, como Castelo Branco 798 literas, Guarda 754, Vila Real 1578, Viana do Castelo 1.775, ela é ainda superior, em nu- mero, ás das cidades anotadas.</p>
	<p>Ex.º Sr. Senhor Presidente:</p>
	<p>Como V.ª sabe, anteriormente ao Congresso Internacional dos Bibliotecarios-Chefs, realizado ultimamente em Paris, os catalogos das Bibliotecas eram tudo o que havia de mais efica- ciente e economico, e, no capitulo <u>Leitura</u>, nada mais havia do que a <u>filha</u> directa e secundaria - autor e livro e vice- versa. Naquelle Congresso me que foram versados os mais variados dos assuntos de bibliotecaria, a <u>filha portuguesa</u>, repre- tada por quem de direito, suplantando, pela sua clareza e cor- recção, todas as que foram expostas e defendidas por outros na- ções, conseguiu vencer e impor-se, sendo hoje a <u>filha</u> in-</p>



Serviço da Republica

BIBLIOTÉCA MUNICIPAL  
DE  
COVILHÃ

N.º \_\_\_\_\_  
C. \_\_\_\_\_  
Fl. \_\_\_\_\_

Covilhã, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 19 \_\_\_\_\_

Ex.º Sr.


*em meu trabalho de organização de fichas e Catalogação  
desta ordem de ideias, solicito de V. Ex.ª que me conceda  
três horas suplementares de trabalho - 9 as 12 - em todos  
os dias, unicamente para o efeito da organização das  
fichas da Biblioteca e, conseqüentemente, da sua consequente  
catalogação.*

*Uma coisa de alta utilidade que, pela verba do des-  
pêgo, semelhante ao que se tem feito para as  
Repartições Publicas, V. Ex.ª com quinze, do Comissario Bis-  
top do Bispado de Évora, que em cu dois auxiliares, dos des-  
pêgos deste conselho, bons calígrafos e com conhecimentos  
regulares das linguas portuguesa, franceza e latina  
seu nomeados temporariamente, occasionalmente, pa-  
ra esta Repartição, afim de nela prestarem serviços na or-  
ganização das fichas e catalogação, nas horas já indicas  
- 9 as 12 - dias uteis.*

*Respeitosamente, de V. Ex.ª*

*Luís e Trateante de  
- O Bibliotecario Municipal  
Vicente Pereira Ferreira*

## Anexo XVI



CÂMARA MUNICIPAL  
DA  
COVILHÃ  
BIBLIOTECA MUNICIPAL

S. R.

Covilhã, 27 de Abril de 1955


Ex.º Senhor

10 MAI 1955

N.º 47/555

Relação de Obras e admissões para a Biblioteca:

60.00	✓	Dicionários de Português - G. Corinthe	5'04 00
		" " Francês Português - J. de Azevedo	5'60 40 00
		" " Português Francês - "	5'60 40 00
	✓	" " Inglês Português - G. Alberto	6'54 00 00
	✓	" " Português Inglês - "	6'54 00 00
		" " Alemão Português e Port. Alemão	4'30 40 00
		Hist. do Lit. Portuguesa - J. Ferreira	12'54 00 00
		Líng. de Lit. Portuguesa - M. Lapa	5'04 00 00
	✓	Líng. de Cultura e Lit. Portuguesa - Hermâni Piedade 2v	8'04 00 00
	✓	História da Arte - Elie Faure	6'00 04 00 00
	✓	Vida e obra de Fernando Pessoa - J. M. Simões 2v	12'04 00 00
	✓	A volta ao mundo - Ferreira de Castro 3v	7'04 00 00
		A curva do estrada " "	2'54 00 00
	✓	Reprens mundas " "	4'54 00 00
	✓	De Luíses " "	2'74 50 00
	✓	Acordes Imperfeitos - Francisca Costa	3'04 00 00
	✓	Moderno Espetáculo " "	3'04 00 00
	✓	Phaga do Pado - José Régio	2'54 00 00
	✓	Raízes do Futuro - " "	2'54 00 00
	✓	Lee de Luíses - J. Luíses	2'04 00 00
18000	✓	Pânico " "	2'04 00 00
		Reis com Selagem - P. G.	3'54 00 00
	✓	Método prático de grande livros sem mestre - Felt.	5'54 00 00
			3'54 7.50



AMARA MUNICIPAL  
DA  
COVILHÃ  
BIBLIOTECA MUNICIPAL

S. R.

Covilhã, 27. de Abril de 1952

Ex.<sup>mo</sup> Senhor

N.º 62/95

Livros para Crianças e Adolescentes:

	✓ O pedregal mágico e a princesa do castelo A. S. Millier - Lus. 4.500 B. 2.000	
	✓ O capitão de mar e de guerra - A. S. Millier	2.500
	Aventuras do Príncipe Roberto	2.500
	✓ O Honorem das mil invenções	2.500
	✓ O grande Almirante das escolas do sul	2.500
	- História de pintura e de pintores contada às crianças - J. Lopes	2.500
	- " de história contada às crianças	2.500
	✓ Berço de um soldado - B. Barroca	1.700
	✓ " e o circo familiar	1.700
	✓ O livro das Boas Manias	4.000
	✓ O cavalo feio - Anna Sewall	1.800
44.00	✓ História de um marinheiro - Maryat Lin	4.200
18.00	✓ Viagens de Gulliver - J. Swift	2.000
	✓ O Robinson Crusoe - D. Pope	1.700
	✓ A vida e aventuras de Robinson Crusoe - D. Pope	2.000
	✓ Aventuras de Huckleberry Finn - M. Twain	2.000
	✓ Viagens de Tom Sawyer - M. Twain	1.800
	Don Quixote de la Mancha - M. Cervantes	2.000
	✓ Aventuras de Alice no país das maravilhas - L. P.	1.200
	Le Menine e o defunto - A. Kupine	3.000
	✓ O livro das maravilhas - H. Hawkstone	1.000
	A história mágica - C. Dickens	1.200
		3.991,50

## Anexo XVII



CÂMARA MUNICIPAL  
DA  
COVILHÃ

SECRETARIA  
TEL. PPG 22108

ARQUIVO

Exm<sup>o</sup>. Senhor

Biblioteca Municipal do Concelho da  
COVILHÃ

N.º 2168

PROCESSO G/53

Com destino a essa Biblioteca junto envio as

seguintes obras:

Eu fui comunista (2 volumes)  
Pequena história das doutrinas económicas (2 volumes)  
Os pilares da democracia  
III Congresso da União Nacional  
Um General que foi comunista (2 volumes)  
Revolução Moral  
O Sr. Norton de Matos e a sua Candidatura  
Rumo da Juventude  
Resumos das comunicações - 1ª Secção  
Resumos das comunicações - 2ª Secção  
Resumos das comunicações - 3ª Secção  
Resumos das comunicações - 4ª Secção  
22 Anos de Governo  
O caso Português  
A Liberdade e da democracia (2 volumes)  
Por Portugal (2 volumes)  
Unidade Nacional (2 volumes)  
A Solução Portuguesa do caso português (2 volumes)  
Os Problemas da electricidade e o Plano de Fomento  
A Função Social da Ciência  
Consciência do passado e do presente (2 volumes)  
As comunicações e o Plano de Fomento  
Salazar e a Continuidade do Regime (2 volumes)  
Alguns aspectos da sua vida financeira e administrativa (2 volumes)  
Incorporação do Plano nos princípios e generalidade financeiras  
Extratos do discurso de Salazar  
Salazar e o Plano de Fomento  
Balanço de uma campanha eleitoral (2 volumes)  
Reunião Anual das Comissões dirigentes da União Nacional  
II Conferência da União Nacional  
Lusitânia (Documentário da vida Portuguesa).


A Bem da Nação

Covilhã, 18 de Maio de 1959-

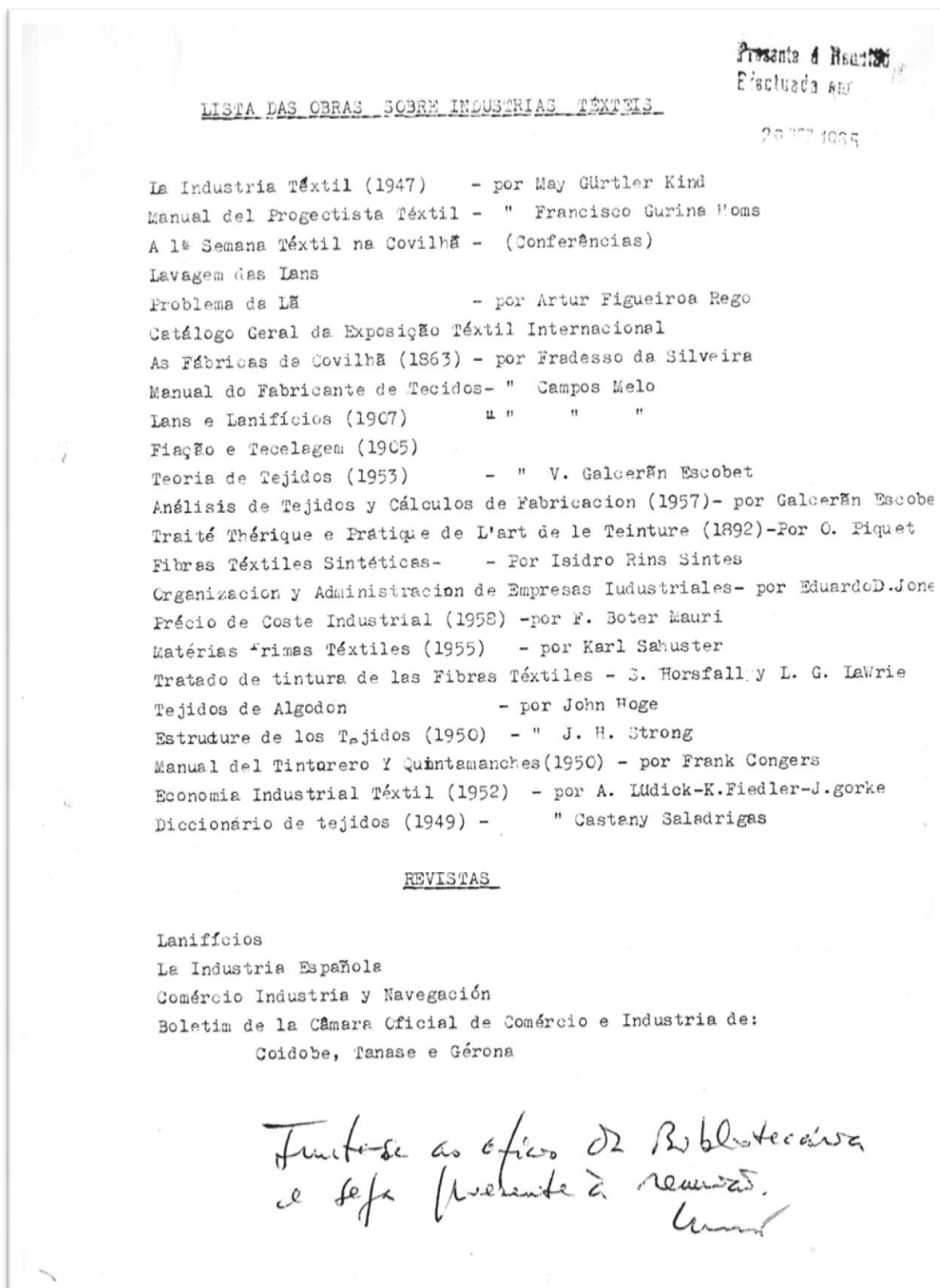
O Vice Presidente (em exercício)

(Dr. Gabriel de Lima Boavida Castelo Branco)

## Anexo XVIII

 CÂMARA MUNICIPAL DA COVILHÃ  SECRETARIA TEL. PPC 22105	ARQUIVO  Exm <sup>a</sup> . Senhora Bibliotecária Municipal <u>COVILHÃ</u>
N.º 1.111 PROCESSO 9/53	Pretende a Câmara criar na sua Biblio- ca uma secção referente à indústria de lanifícios, sua história e sua técnica. Assim, queira V. Ex <sup>a</sup> . informar dos volumes existentes e dos que entenda que <del>dever</del> ser adquiridos para se poder dar satisfa- ção ao desejo formulado.
	A BEM DA NAÇÃO
	Covilhã, 2 de Março de 1959 -
	O PRESIDENTE
	(Dr. José Ranito Balthazar)
B.	

## Anexo XIX



## Anexo XX

Eng.ª Senhora  
Bibliotecária Municipal  
COVILHÃ

4782

- 19 8/53 6/9/1969

Com o pedido de informação, a seguir transcrito a carta, datada de 5 de Agosto findo, dirigida a esta Câmara pelo senhor Victorino de Almeida Bonina:

"Covilhã, 5 de Agosto de 1969 - ILL.ª. Senhor Presidente da Câmara Municipal da Covilhã - Covilhã - Eng.ª. Senhor Presidente - Digne-se V. Ex.ª. aceitar os meus melhores e mais respeitosos cumprimentos, no mesmo tempo que solicite licença para transmitir o seguinte. - Há sin a particularíssima missão de "vascular e "observar" tudo quanto à nossa COVILHÃ histórica diga respeito - podia dar-me para pior... - dirigi-me recentemente à nossa magnífica Biblioteca e fiquei desagradavelmente impressionado com o facto de ali não encontrar obras sobre a COVILHÃ, que já algumas vezes consultei, umas das quais - entre outras! - a História da Covilhã, da autoria de Aires da Silva e que eu próprio editei através do jornal local "NOTÍCIAS da COVILHÃ". Será possível? - Ficaria imensamente grato a V. Ex.ª. Senhor Presidente se se dignasse ordenar as providências necessárias para que se procedesse ao imediato regresso daquelas obras, algumas ainda que bem modestas mas, em todo o caso verdadeiros e notáveis elementos de consulta histórica local. Mas ainda que assim não fosse são um património municipal que importa defender se acaso for caso disso. - Solicito entretanto as maiores desculpas e agradeço desde já toda e qualquer diligência feita no sentido de sejado. - Renovando os meus melhores agradecimentos - De V. Ex.ª. A Bem da Nação - a) Victorino de Almeida Bonina."

A Bem da Nação  
O Presidente

(Eng.ª. Vicente da Costa Borges Perenas)

## Anexo XXI

Jornais que presentemente são recebidos na Biblioteca Municipal

Diário de Noticias  
Diário Popular  
Diário da Manhã - assinatura paga  
A Voz - assinatura paga  
Novidades  
Republica  
Comércio do Porto  
Diário do Alentejo

*Informaram-me do jornal "A Capital" em o curso do  
curso a' C. M. e' promovida a sua campanha que está em curso  
junto dos Alunos, para se conseguirem assinaturas, não tendo  
por conseguinte qualque compromisso de pagamento dos meios de  
jornal vendidos durante a campanha. Pedi, nesse sentido, que  
sejam declarados a' Biblioteca Municipal, pedindo seu por' destaque.*

## Anexo XXII

S. R.

Covilhã, de ..... de 19.....

MUNICIPAL  
DA  
COVILHÃ  
BIBLIOTECA MUNICIPAL

CÂMARA MUNICIPAL  
Regist. sob N.º M. 607

Presente á Reunião  
Efectuada em  
17 OUT 1967

N.º .....

17 OUT 1967

LIVRO 95. FOL. 120

COVILHÃ

Relatório de Biblioteca  
do Município de 15 a 30  
de Setembro

Leitores atendidos	525
Obs. requiridas	121

Despacho  
Em 17 OUT 1967

Para a reunião

Fonte: Arquivo Municipal da Covilhã

## Anexo XXIII

Movimento da Biblioteca da  
Câmara Municipal da Covilhã

Leituras atendidas	1 409
Soluções emprestadas	3 522

A Bibliotecária  
Maria Celestina de Sousa

Fonte: Arquivo Municipal da Covilhã

## Anexo XXIV

Exm<sup>a</sup>. Senhora  
Bibliotecária Municipal  
COVILHÃ

845 - P<sup>a</sup> G/53 Covilhã, 19/1/1967

Queira V. Ex<sup>a</sup>. informar-me, com a brevidade possível, o que se lhe oferecer sobre o assunto do officio nº 163, da Fundação Calouste Gulbenkian, datado de 2 de Janeiro, que a seguir transcrevo:

"Exm<sup>a</sup>. Senhor Presidente da Câmara Municipal da Covilhã-De acordo com a correspondência trocada, informamos V. Ex<sup>a</sup>. de que contamos poder enviar, brevemente, o primeiro lote de livros destinados à Biblioteca Municipal, bem como o respectivo mobiliário.- A fim de poder dar-se aos serviços a orientação que parece mais conveniente, solicito o acordo de V. Ex<sup>a</sup>. para o que a seguir se expõe, bem como a confirmação do que anteriormente foi estabelecido. - A Biblioteca não trará outros encargos para esta Fundação, que não sejam o fornecimento de livros e do respectivo material de expediente e mobiliário, sendo da responsabilidade da Câmara a manutenção das instalações em sala ou salas adequadas, assim como o pagamento ao respectivo empregado. - Os livros são cedidos a título de empréstimo renovável, sendo conveniente que lhes sejam destinadas estantes privativas quando na mesma sala existam obras de outra proveniência. - No que se refere a estes livros bem como aos que venham a ser enviados seguidamente, o serviço de leitura e empréstimo será feito nos termos dos regulamentos e instruções emanados desta Fundação, à qual essa secção estará exclusivamente subordinada, no que se refere a técnica bibliotecária. - Solicito a V. Ex<sup>a</sup>. o favor de informar o respectivo funcionário municipal não só de que deve acatar as nossas directrizes e métodos de trabalho, mas também de que os Inspectores desta Fundação têm o direito de fiscalizar e de ser informados de tudo o que se relacione com a leitura dos livros depositados pelos nossos Ser-

viços.-A Câmara Municipal não terá qualquer responsabilidade quanto às obras que, eventualmente, venham a ser extraviadas ou deterioradas pelos leitores, mas ao funcionário em serviço compete providenciar pela conservação dos livros à sua guarda, nos termos regulamentares, dos quais lhe será dado oportuno conhecimento.-Se por qualquer razão o serviço de leitura vier a decorrer de forma a ser, por esta Direcção, considerado inconveniente e sem possibilidade de satisfatória e rápida correcção, poderá ser solicitada a devolução dos livros emprestados, devolução essa que a Câmara fará com a melhor diligência.-Certos de que esta colaboração assim iniciada será da maior vantagem para a educação e cultura da população desse Concelho, obra essa a que o interesse e o apoio de V. Ex<sup>sa</sup>, darão a continuidade necessária, fico aguardando que nos informe sobre o que se lhe oferecer acerca do que expomos.-Apresento a V. Ex<sup>sa</sup>. os meus melhores cumprimentos.-O Director-a) Ilegível."

A Bem da Nação

O Presidente

(Eng<sup>o</sup>. Vicente da Costa Borges Terenas)

T.

## Anexo XXV

Exm<sup>ª</sup>. Senhora  
Bibliotecária Municipal  
COVILHÃ

2.026-P<sup>ª</sup>.G/53 Covilhã, 8/3/1967

Para conhecimento de V.Ex<sup>ª</sup>. e devidos efeitos, a seguir transcrevo o officio n<sup>º</sup>. 403, datado de 1 do corrente, dirigido a esta Câmara pela Fundação Calouste Gulbenkian-Serviço de Bibliotecas Itierantes Lisboa-1- que é do teor seguinte:

"Exm<sup>ª</sup>. Senhor Presidente da Câmara Municipal de Covilhã.- De acordo com a correspondência trocada, informamos V.Ex<sup>ª</sup>. de que contamos poder enviar, brevemente, o primeiro lote de livros destinados à Biblioteca Municipal.-A fim de poder dar-se aos serviços a orientação que parece mais conveniente, solicito o acordo de V.Ex<sup>ª</sup> para o que a seguir se expõe.-A Biblioteca não trará outros encargos para esta Fundação, que não sejam o do fornecimento de livros e do respectivo material de expediente, sendo da responsabilidade da Câmara a manutenção das instalações em sala ou salas adequadas assim como o pagamento ao respectivo empregado.-Os livros são cedidos a título de empréstimo renovável, sendo conveniente que lhes sejam destinadas estantes privativas quando na mesma sala existam obras de outra proveniência.No que se refere a estes livros bem como aos que venham a ser enviados seguidamente, o serviço da leitura e empréstimo será feito nos termos dos regulamentos e instruções emanados desta Fundação, à qual essa secção estará exclusivamente subordinada, no que se refere a técnica bibliotecária.- Solicito a V.Ex<sup>ª</sup>. o favor de informar o respectivo funcionário municipal não só de que deve acatar as nossas directrizes e métodos de trabalho, mas também de que os Inspectores desta Fundação têm o direito de fiscalizar e de ser informados de tudo o que se relacione com a leitura dos livros depositados pelos nossos Serviços.-A

Câmara Municipal não terá qualquer responsabilidade quanto às obras que, eventualmente, venham a ser extraviadas ou deterioradas pelos leitores, mas ao funcionário em serviço compete providenciar pela conservação dos livros à sua guarda, nos termos regulamentares, dos quais lhe será dado oportuno conhecimento.-Se por qualquer razão o serviço de leitura vier a decorrer de forma a ser, por esta Direcção, considerado inconveniente e sem possibilidade de satisfatória e rápida correcção poderá ser solicitada a devolução dos livros emprestados, devolução essa que a Câmara fará com a melhor diligência.-Certos de que esta colaboração assim iniciada será da maior vantagem para a educação e cultura da população desse concelho, obra essa a que o interesse e o apoio de V.Ex<sup>as</sup>. darão a continuidade necessária, fico aguardando que nos informe sobre o que se oferecer acerca do que expomos.-Apresento a V.Ex<sup>as</sup>. os meus cumprimentos.-O Director.- a)Ilegível."

A Bem da Nação

O Presidente

(Eng<sup>o</sup>. Vicente da Costa Borges Terenas)

T./R.G.

## Anexo XXVI

Exm<sup>ª</sup>. Senhora  
Bibliotecária Municipal  
COVILHÃ

2776-P<sup>º</sup> G/53 11/4/1967

Comunico a V. Ex<sup>ª</sup>. que, de acordo com a informação que me foi prestada pelo Director do Serviço de Bibliotecas Itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian, no próximo mês de Maio serão enviados, com destino à Biblioteca Municipal, as estantes necessárias à arrumação dos volumes oferecidos por aquela Fundação, assim como 24 mesas e 24 cadeiras do modelo especial, destinadas a substituir as existentes presentemente nessa Biblioteca.

A Bem da Nação  
O Presidente

(Eng<sup>º</sup>. Vicente da Costa Borges Terenas)

T.

## Anexo XXVII

### EMPRÉSTIMO DOMICILIÁRIO DE ESPÉCIES DA

### BIBLIOTECA MUNICIPAL DA COVILHÃ

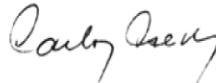
#### R E G U L A M E N T O

(aprovado por deliberação tomada na reunião ordinária da Câmara Municipal, realizada em 29-12-954)

- ARTIGO 1º - O empréstimo domiciliário de espécies da Biblioteca poderá fazer-se a todos os leitores devidamente identificados e que se sujeitem a:
- Apresentar termo de responsabilidade de uma firma comercial devidamente legalizada.
  - Fazer a sua inscrição, recebendo em seguida uma carta de leitor domiciliário, numerada, com validade de 1 de Janeiro a 31 de Dezembro de cada ano, pela qual pagará 1\$00 (para despesas de expediente e conservação das espécies).
  - A validade da carta de leitor domiciliário caducará irrevogavelmente em 31 de Dezembro do ano em curso, qualquer que seja a data em que o mesmo documento tenha sido conferido.
  - Entregar a espécie no estado de conservação em que a receberam ou, caso a danifiquem, apresentar um novo exemplar.
  - Entregar a espécie emprestada no fim de oito dias, prazo que o Bibliotecário poderá ampliar, se nisso não vir inconveniente, e quando a obra não haja sido solicitada por outro leitor.
- ARTIGO 2º - Por cada obra requisitada para leitura em domicílio será sempre redigido um verbete preenchido pelo funcionário que efectua o empréstimo e assinado pelo requisitante. Este verbete será arquivado. No acto de restituição da obra, será entregue ao leitor um talão devidamente assinado pelo Bibliotecário, ou por quem suas vezes fizer.
- ARTIGO 3º - Se a entrega não fôr feita a tempo, o Bibliotecário reclamará a espécie por meio de carta registada; e, se não a receber no prazo indicado, dirigir-se-á ao abonador. Se este não promover a sua restituição ou não indemnizar a Biblioteca pelo prejuízo sofrido, dentro do prazo estipulado, proceder-se-á contra o leitor e o abonador judicialmente.
- ARTIGO 4º - Nunca poderão ser emprestados à mesma pessoa mais que três volumes.
- ARTIGO 5º - O Bibliotecário negará sempre o empréstimo a toda e qualquer pessoa que, passando o prazo do empréstimo e tendo-lhe sido pedido o livro, o não entregar imediatamente.
- ARTIGO 6º - Não será permitido o empréstimo de obras de que haja um só exemplar.
- ARTIGO 7º - Todos os casos omissos serão resolvidos pelo Bibliotecário de maneira a facilitar o empréstimo sem prejuízo da segurança das espécies.

COVILHÃ E PAÇOS DO CONCELHO, 14 DE JANEIRO DE 1955

O PRESIDENTE DA CAMARA,



(Dr. Carlos Coelho)

## Anexo XXVIII

Exm<sup>a</sup>. Senhora  
Bibliotecária Municipal  
COVILHÃ

1165

G/53

25. FEV. 1972

"Horário da Biblioteca"

Para conhecimento de V. Ex<sup>a</sup>. e devidos efeitos, a seguir transcrevo a deliberação tomada por esta Câmara Municipal na sua reunião ordinária realizada em 1 de corrente:

"Horário da Biblioteca:

A Câmara deliberou, por unanimidade, que a Biblioteca Municipal passe a ter o seguinte horário de trabalho:

Das 15 às 19 e das 20 às 22 horas. Este horário começará a vigorar na 2ª feira seguinte à data em que fôr comunicada a deliberação à Senhora Bibliotecária, devendo também e simultaneamente, o horário ser publicado nos jornais "Notícias da Covilhã" e "Jornal do-Fundo" para que o público possa ter conhecimento desta alteração.

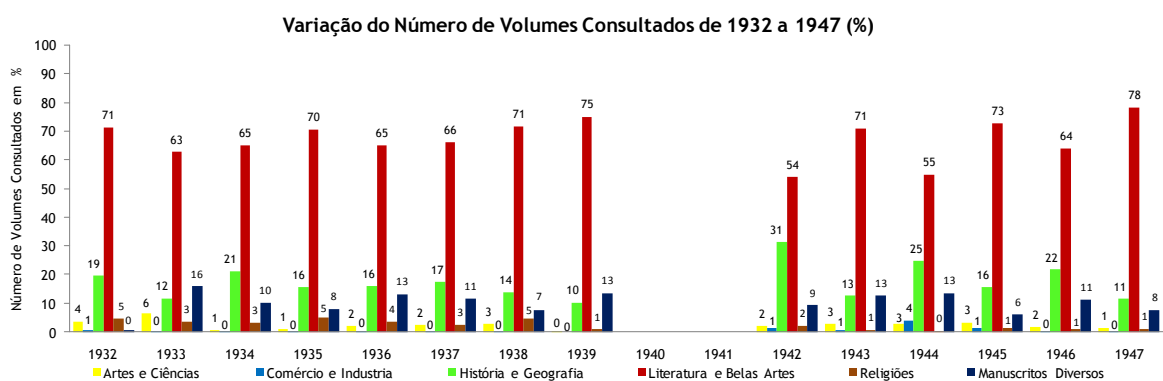
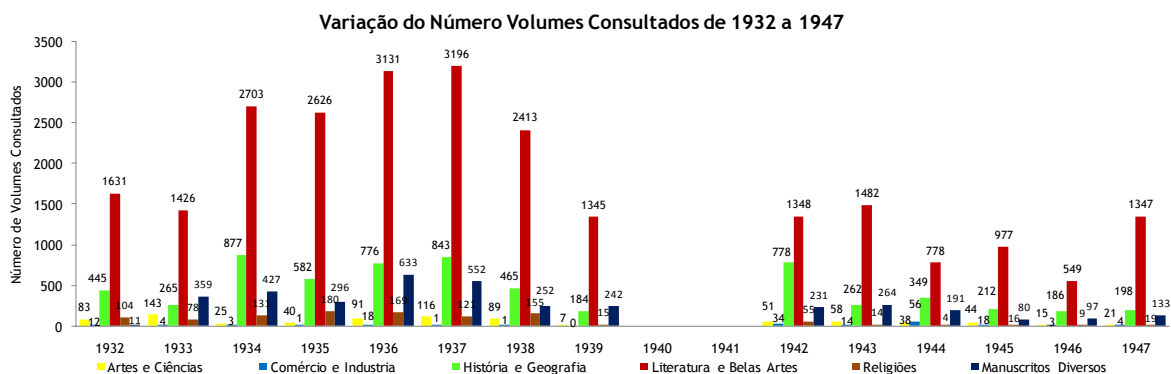
Mais foi deliberado afixar o horário da Biblioteca Municipal, incluindo o da Gulbenkian, à porta daquele edifício."

A Bem da Nação  
O Presidente

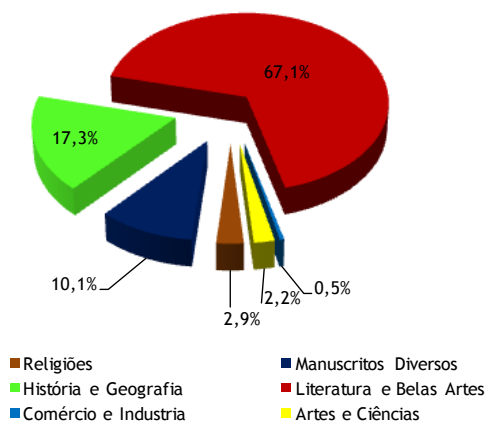
(Eng<sup>o</sup>. Vicente da Costa Borges Terenas)

T.

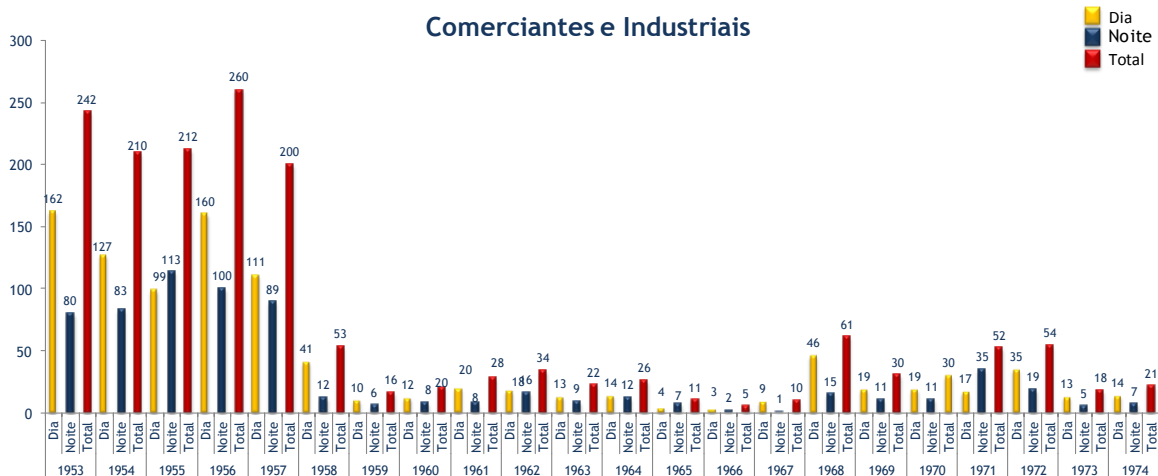
## Anexo XXIX



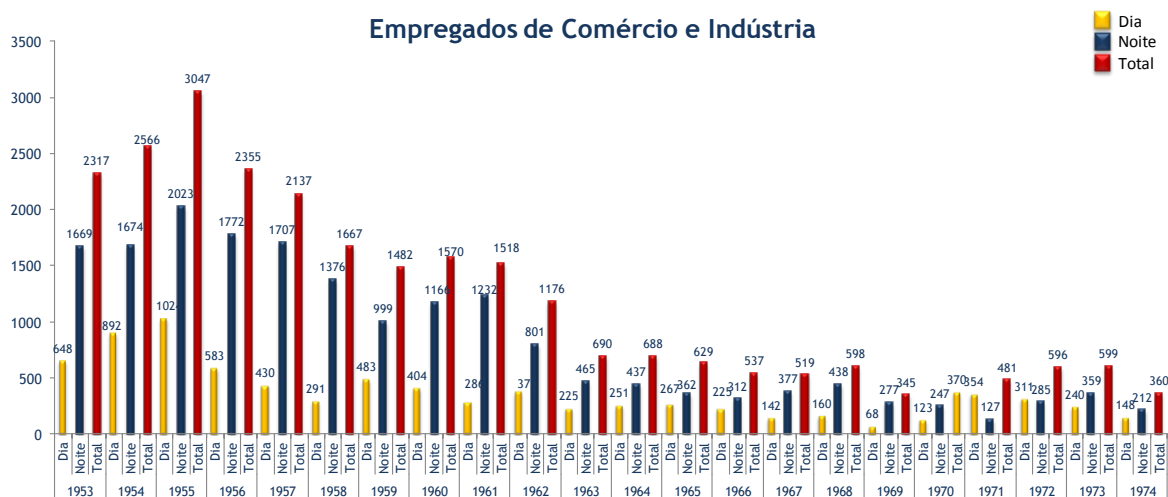
**Distribuição da Frequência dos Volumes Consultados pelas Secções do Catálogo no período entre 1932 e 1947**



## Anexo XXX



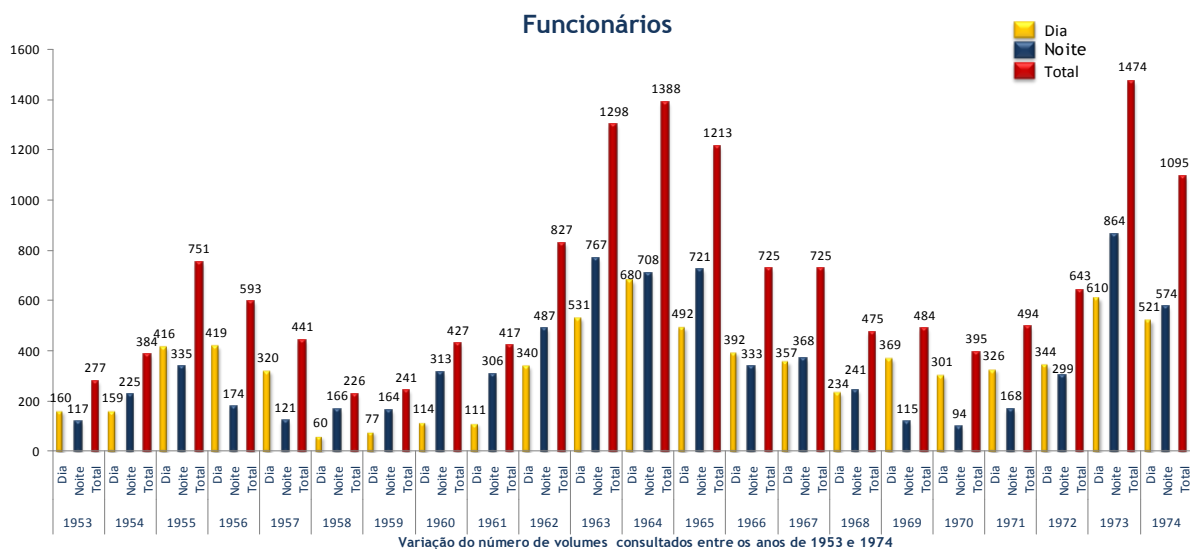
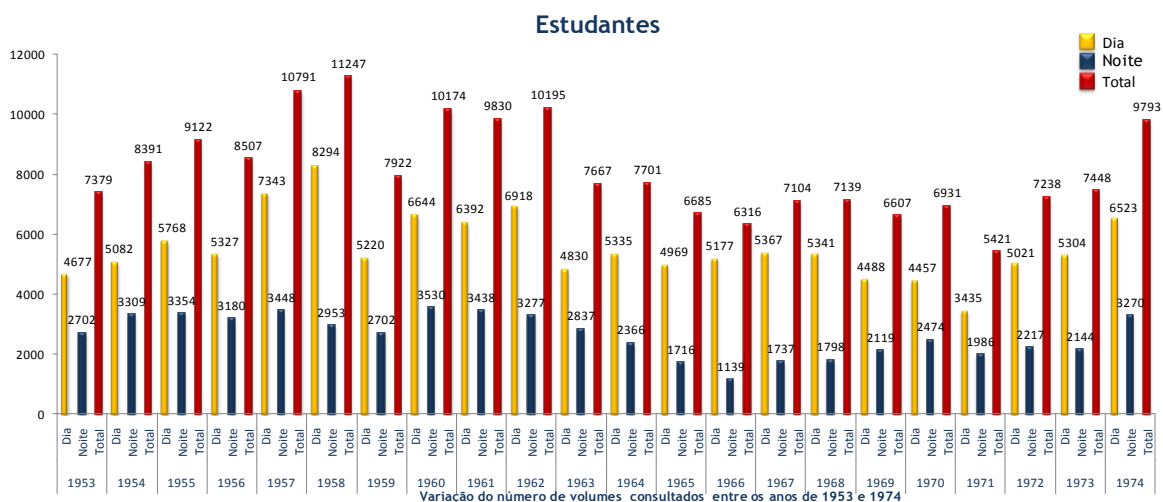
Variação do número de volumes consultados entre os anos de 1953 e 1974



Variação do número de volumes consultados entre os anos de 1953 e 1974

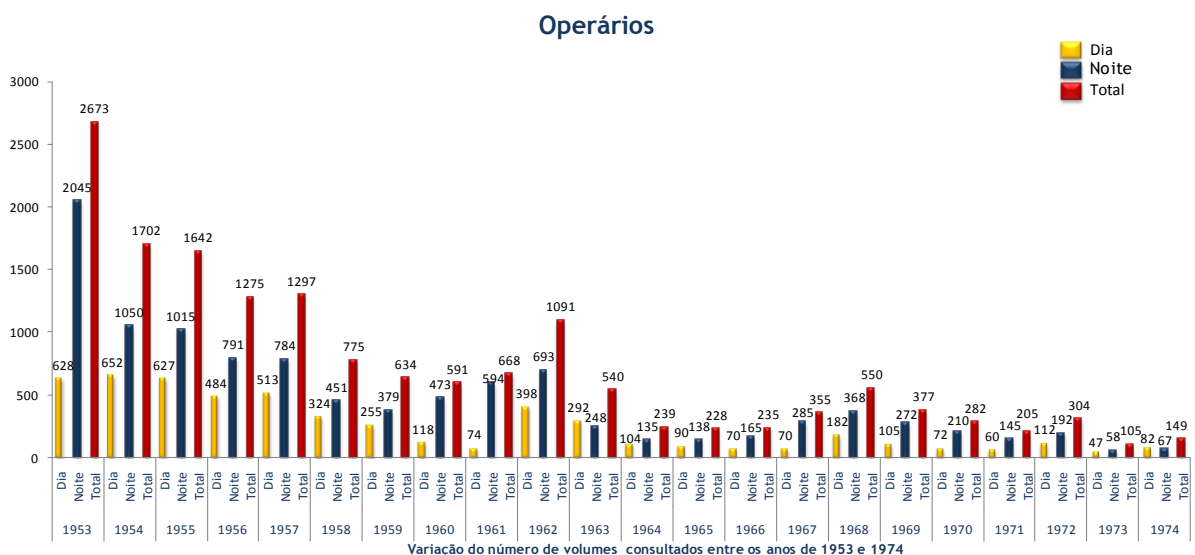
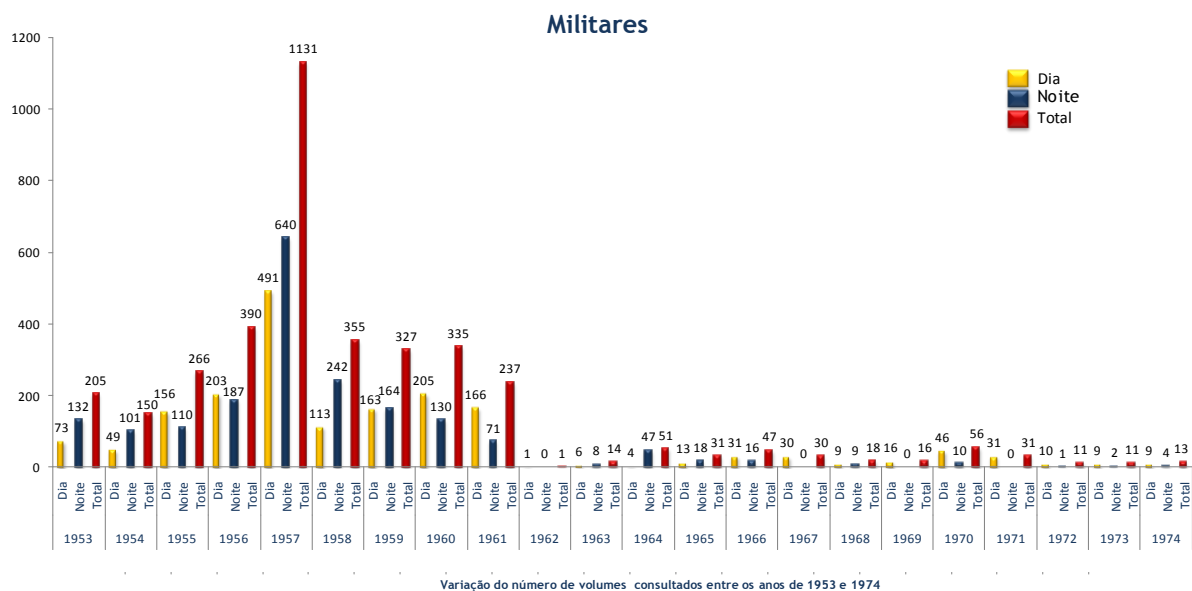
# A importância da Biblioteca Municipal no desenvolvimento cultural da cidade da Covilhã:

## Período do Estado Novo 1933-1974



A importância da Biblioteca Municipal no desenvolvimento cultural da cidade da Covilhã:

Período do Estado Novo 1933-1974



# A importância da Biblioteca Municipal no desenvolvimento cultural da cidade da Covilhã:

Período do Estado Novo 1933-1974

